

Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Abril 2013

Volume 7 | Número 2



Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Abril 2013

Volume 7 | Número 2



CGC 00.038.166/0001-05

Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: depec@bcb.gov.br) nomeados a seguir.

Região Norte – Gerência Técnica de Estudos Econômicos em Belém (*e-mail*: pa.depec@bcb.gov.br)

Região Nordeste – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Fortaleza (*e-mail*: ce.depec@bcb.gov.br)

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Recife (*e-mail*: pe.depec@bcb.gov.br)

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Salvador (*e-mail*: ba.depec@bcb.gov.br)

Região Centro-Oeste – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br)

Região Sudeste – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br)

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Rio de Janeiro (*e-mail*: rj.depec@bcb.gov.br)

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo (*e-mail*: sp.depec@bcb.gov.br)

Região Sul – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Curitiba (*e-mail*: pr.depec@bcb.gov.br)

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Porto Alegre (*e-mail*: rs.depec@bcb.gov.br)

Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1022

Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, v. 7, n. 2.

Controle Geral de Publicações

Banco Central do Brasil
Comun/Dipiv/Coivi
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 14º andar
Caixa Postal 8.670
70074-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3414-3710 e 3414-3565
Fax: (61) 3414-1898
E-mail: editor@bcb.gov.br

Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
 - dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0 ou 0,0 menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- * dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

Divisão de Atendimento ao Cidadão

Banco Central do Brasil
Deati/Diate
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo
70074-900 Brasília – DF
DDG: 0800 9792345
Fax: (61) 3414-2553
Internet: <<http://www.bcb.gov.br/?faleconosco>>

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Apresentação | 5 |
| Sumário executivo | 7 |
| Região Norte | 9 |
| Região Nordeste | 15 |
| Bahia _____ | 20 |
| Ceará _____ | 25 |
| Pernambuco _____ | 30 |
| Região Centro-Oeste | 35 |
| Região Sudeste | 41 |
| Minas Gerais _____ | 46 |
| Rio de Janeiro _____ | 52 |
| São Paulo _____ | 56 |
| Região Sul | 61 |
| Paraná _____ | 68 |
| Rio Grande do Sul _____ | 75 |
| Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais | 83 |
| Boxes | |
| Evolução das Finanças dos Governos Regionais _____ | 87 |
| Economia Gaúcha: estrutura produtiva e evolução recente _____ | 90 |
| Apêndice | 99 |

Apresentação

O “Boletim Regional do Banco Central do Brasil” é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e por alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do “Boletim Regional” buscam oferecer à sociedade – em particular, a gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da Instituição.

O “Boletim Regional” analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões em que existem mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem

os órgãos e os institutos de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (Depec).

Sumário executivo

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) expandiu 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando crescera 0,3%, considerados dados dessazonalizados. Ocorreram aumentos em todos os indicadores regionais, destacando-se os resultados dos relativos ao Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.

A atividade econômica no Norte cresceu de forma moderada no trimestre encerrado em fevereiro. O Índice de Atividade Econômica Regional – Região Norte (IBCR-N) variou 0,2% em relação ao trimestre encerrado em novembro, quando recuara 0,4%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. O comércio externo da região registrou *superavit* de US\$570 milhões nos três primeiros meses do ano, exercendo desdobramentos positivos sobre indústria extrativa, especialmente no Pará e no Amazonas.

A economia nordestina registrou crescimento mais acentuado do que a média do país em 2012, conforme evidenciado pelas taxas de crescimento anuais dos PIBs do Ceará, 3,7%; Bahia, 3,1%; e Pernambuco, 2,3%. A análise na margem sugere a continuidade da trajetória favorável da economia da região em 2013, perspectiva sustentada pela expansão de 2,1% do IBCR-NE no trimestre finalizado em fevereiro. Essa evolução refletiu, em parte, o dinamismo da indústria de transformação, particularmente nos setores vestuário e acessórios, refino de petróleo e álcool, e produtos químicos, e a expansão da agricultura, especialmente no Ceará e em Pernambuco.

O IBCR relativo ao Centro-Oeste aumentou 1,4% no trimestre terminado em fevereiro de 2013, em relação ao encerrado em novembro do ano anterior, de acordo com dados dessazonalizados, ressaltando-se o desempenho da indústria de transformação, em especial das atividades produtos químicos, alimentos e metalurgia básica. A atividade agrícola, beneficiada em 2012 pelas condições

climáticas e pelo aumento da demanda externa, deverá crescer moderadamente em 2013, mas ainda contribuindo de forma significativa para o saldo positivo do comércio internacional da região.

A atividade econômica no Sudeste voltou a se expandir no trimestre encerrado em fevereiro, estimulada pelas vendas do comércio varejista, sobretudo do setor automobilístico, e pelo dinamismo da construção civil, contrastando com a retração observada na produção industrial. Nesse cenário, em que destacaram-se os desempenhos das economias de São Paulo e do Rio de Janeiro, o IBCR-SE cresceu 1,4% em relação ao trimestre finalizado em novembro de 2012, quando recuara 0,1%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados.

Os principais indicadores de atividade da região Sul apresentaram desempenho positivo no trimestre finalizado em fevereiro, com ênfase no dinamismo do comércio, estimulado pelas vendas do segmento automotivo. Nesse cenário, o IBCR-S cresceu 1% no período, ante recuo de 0,8% no trimestre finalizado em novembro, considerados dados dessazonalizados. É importante ressaltar as perspectivas de recuperação acentuada da safra agrícola da região em 2013.

Região Norte

Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Norte

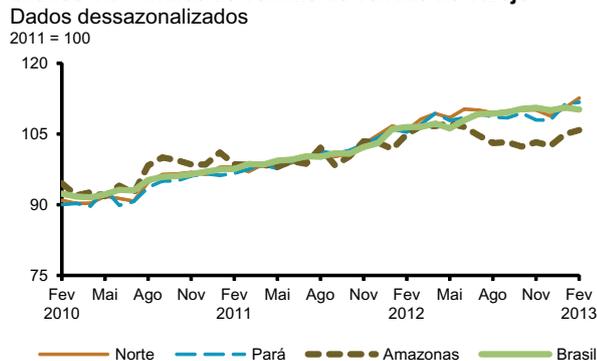


Gráfico 1.2 – Comércio varejista – Norte



Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas no varejo



Fonte: IBGE

A atividade econômica na região Norte manteve crescimento moderado no trimestre encerrado em fevereiro, como refletem a expansão do crédito e o desempenho do comércio varejista. O IBCR-N variou 0,2% no trimestre finalizado em fevereiro, relativamente ao trimestre anterior, quando contraíra 0,4% na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. No acumulado de doze meses o IBCR-N cresceu 0,4% até fevereiro, enquanto em novembro alcançara 1,1%.

As vendas no comércio varejista cresceram 0,6% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao encerrado em novembro, quando se expandiram 0,1%, nesse tipo de comparação, na série dessazonalizada da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. A maior alta ocorreu em Rondônia, 1,7%, destacando-se também as variações de Pará e Amazonas, respectivamente 1,6% e 1,4%. No comércio ampliado, as vendas aumentaram 1% no período, ante recuo de 1% no trimestre encerrado em novembro, com ênfase nos resultados relativos ao Acre, 7,8%; Roraima, 2,2% e Amazonas, 2%.

Considerados períodos de doze meses, as vendas do comércio varejista elevaram-se 8,3% em fevereiro, em relação a igual período do ano anterior, ante 9,7% em novembro, destacando-se os aumentos em Roraima, 21,8%; Amapá, 15,9% e Tocantins, 13%. O comércio ampliado da região apresentou crescimento de 8,7%, na mesma base de comparação.

A produção industrial da região recuou 0,4% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando cresceu 1,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. A indústria extrativa avançou 1,6%, com resultados positivos no Pará e no Amazonas, enquanto a indústria de transformação recuou 0,3%, ressaltando-se o decréscimo 4,7% no Pará, influenciado pelas quedas de 19,2% no segmento

Gráfico 1.4 – Produção industrial – Norte
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

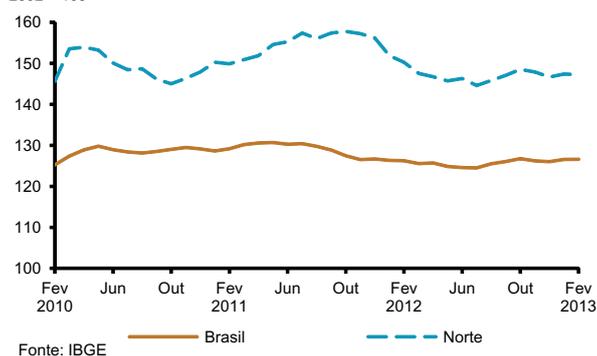


Tabela 1.1 – Produção industrial – Amazonas
Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | Ac. 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 0,3 | 0,8 | -6,9 |
| Indústria extrativa | 2,8 | 1,3 | 0,1 | -1,8 |
| Indústria de transformação | 97,2 | 0,3 | 1,1 | -2,5 |
| Material eletrônico | 24,8 | 1,1 | -3,2 | -10,1 |
| Alimentos e bebidas | 18,6 | -4,6 | -2,2 | 6,4 |
| Equipamentos transporte | 16,0 | -4,6 | 1,4 | -24,8 |
| Máquinas e Equipamentos | 8,7 | 4,9 | -2,7 | -2,9 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 1.2 – Produção industrial – Pará
Geral e setores selecionados

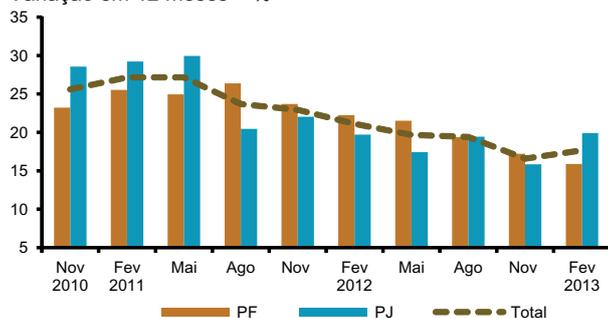
| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | Ac. 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 1,0 | -3,2 | -0,6 |
| Indústria extrativa | 45,9 | 0,3 | 0,2 | -0,4 |
| Indústria de transformação | 54,1 | 0,8 | -4,7 | -0,8 |
| Metalurgia básica | 32,0 | 2,9 | -3,5 | -3,0 |
| Alimentos e bebidas | 12,5 | -0,3 | -2,4 | 6,8 |
| Celulose e papel | 5,0 | -1,8 | 0,0 | 8,4 |
| Minerais não metálicos | 4,7 | 2,2 | -19,2 | -4,4 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 1.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Norte^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

de celulose, papel e produtos de papel e de 10% no de madeira.

Considerados intervalos de doze meses, em relação a igual período do ano anterior, a produção industrial na região recuou 4,9% em fevereiro (4,4% em novembro), com reduções de 0,5% no caso da indústria extrativa e de 5,8% no da indústria de transformação. No período, o desempenho da indústria de transformação refletiu recuos de 24,8% no segmento de outros equipamentos de transporte e de 19,2% no de refino de petróleo e álcool, ambos ocorridos no Amazonas; bem como de 15,5% no segmento de madeira e de 4,4% em celulose, papel e produtos de papel, ambos observados no Pará.

Os indicadores da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam) mostram tendência similar. De fato, em doze meses, o faturamento nominal das vendas da indústria recuou 1,8% no período encerrado em fevereiro, ante expansão de 0,1%, em novembro, na mesma base de comparação. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria de transformação deslocou-se para 80,5% em fevereiro, ante 81,1% em novembro e 81,2% em igual mês de 2012.

O estoque das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas na região totalizou R\$90 bilhões em fevereiro, elevando-se 3,6% no trimestre e 17,7% em doze meses. As contratações no segmento de pessoas físicas somaram R\$49,5 bilhões, expandindo-se 3,9% e 15,9%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com destaque para as modalidades crédito pessoal consignado, financiamento de veículos e crédito imobiliário. O total relativo ao segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$40,5 bilhões, variando 3,2% no trimestre e 19,9% em doze meses. Ressalte-se a evolução das operações contratadas pelos setores de serviços públicos (exceto saúde e educação), com alta de 36,7% em relação ao trimestre anterior, e indústrias extrativas, com alta de 24,4% na mesma base de comparação. Por outro lado, apresentaram quedas as operações nos setores de agricultura, 43,7%; eletricidade e gás, 31,2%; e metalurgia, 14,4%.

A inadimplência dessas operações de crédito atingiu 4,3% em fevereiro, ante 4,4% em novembro, resultado de variações de -0,14 p.p. no segmento de pessoas físicas e de -0,07 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, que registraram, na ordem, taxas de 5,2% e 3,1%.

Tabela 1.3 – Necessidades de financiamento – Região Norte^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|--------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Total | -2 479 | -1 671 | 663 | 1 233 |
| Governos estaduais | -2 453 | -1 685 | 661 | 1 221 |
| Capitais | 16 | 91 | 1 | 17 |
| Demais municípios | -43 | -77 | 2 | -5 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 1.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Norte^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | |
|--------------------|-------------|--------------------------|---------|---------------------|----------------------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} |
| | | 2011 | Nominal | | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Outros ^{4/} |
| Dez | Dez | Dez | Dez | Dez | |
| Total | 6 307 | -1 671 | 1 233 | -438 | 26 |
| Governos estaduais | 6 987 | -1 685 | 1 221 | -464 | 24 |
| Capitais | -389 | 91 | 17 | 108 | 2 |
| Demais municípios | -290 | -77 | -5 | -82 | 0 |

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 1.5 – Dívida líquida – Região Norte^{1/}

Composição

| Região Norte | R\$ milhões | | |
|--------------------------------|----------------|----------------|----------------|
| | 2010 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Dívida bancária | 5 415 | 5 766 | 8 528 |
| Renegociação ^{2/} | 4 447 | 4 049 | 4 190 |
| Dívida externa | 1 632 | 1 676 | 2 414 |
| Outras dívidas junto à União | 54 | 32 | 23 |
| Dívida reestruturada | 277 | 286 | 290 |
| Disponibilidades líquidas | -3 918 | -5 501 | -9 551 |
| Total (A) | 7 907 | 6 307 | 5 895 |
| Brasil^{3/} (B) | 471 992 | 491 433 | 541 717 |
| (A/B) (%) | 1,7 | 1,3 | 1,1 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Os governos dos estados, das capitais e dos principais municípios da região registraram superávit primário de R\$1,7 bilhão em 2012, inferior aos R\$2,5 bilhões verificado em 2011^{1/}.

A despesa com juros nominais, apropriados por competência, totalizou R\$1,2 bilhão em 2012, ante R\$663 milhões em 2011, com evolução de 85,9% explicada pelo aumento de R\$3,6 bilhões no total das dívidas bancária, externa e renegociada, além do impacto do aumento, de 5,0% para 8,1%, na variação anual do Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), indexador da maior parte dos passivos regionais renegociados com a União. O superávit nominal da região diminuiu de R\$1,8 bilhão, em 2011, para R\$438 milhões, em 2012.

A dívida líquida dos governos dos estados, da capital e dos principais municípios da região totalizou R\$5,9 bilhões em 2012, ante R\$6,3 bilhões no ano anterior. A participação da região no endividamento dos governos regionais do país diminuiu de 1,3% em 2011, para 1,1% em 2012.

De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de março, a produção de grãos da região deverá totalizar 4,6 milhões de toneladas em 2013. A queda de 2% em relação ao ano anterior reflete as reduções esperadas nas safras regionais de feijão, 17%, e milho, 15,5%, atenuadas pelo crescimento da produção de soja, estimado em 7,9%. Em relação às demais culturas, estimam-se queda de 5,6% na produção de mandioca, devido à migração para culturas de soja e dendê destinado à produção de biodiesel, e aumentos nas produções de cacau, 15,4%; banana, 10%; e abacaxi, 9,2%.

Os abates bovinos realizados em estabelecimentos inspecionados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF), na região, registraram aumento de 2,8% nos dois primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2012, de acordo com as estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As exportações de bovinos vivos e de carnes desossadas de bovinos congeladas cresceram respectivamente 83,8% e 135,4% no período, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

1/ As estatísticas fiscais regionalizadas, divulgadas em bases quadrimestrais desde o Boletim Regional de abril de 2009, passarão a ser disponibilizadas com periodicidade trimestral e defasagem de um trimestre, a partir desta publicação, possibilitando a análise destes indicadores em todas as edições do Boletim Regional. As Séries Temporais - disponibilizadas no site deste Banco Central do Brasil – foram ajustadas para a nova periodicidade, com os estoques da dívida líquida iniciando no quarto trimestre de 2007 e os resultados fiscais (nominal, primário e juros nominais), no primeiro trimestre de 2008.

Tabela 1.6 – Produção agrícola – Norte

Itens selecionados

| Discriminação | Em mil toneladas | | |
|------------------|------------------|--------------------|------------|
| | Produção | | Variação % |
| | 2012 | 2013 ^{1/} | |
| Grãos | 4 676 | 4 584 | -2,0 |
| Arroz (em casca) | 819 | 829 | 1,2 |
| Milho | 1 619 | 1 368 | -15,5 |
| Soja | 2 125 | 2 294 | 7,9 |
| Outras lavouras | | | |
| Mandioca | 7 780 | 7 346 | -5,6 |
| Banana | 798 | 878 | 10,0 |
| Abacaxi | 355 | 388 | 9,2 |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Tabela 1.7 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Norte | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 3 743 | 4 141 | 10,6 | -7,7 |
| Básicos | 2 574 | 3 088 | 20,0 | -8,4 |
| Industrializados | 1 170 | 1 054 | -9,9 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 503 | 426 | -15,4 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 666 | 628 | -5,7 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 1.8 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Norte | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 3 806 | 3 571 | -6,2 | 6,3 |
| Bens de capital | 1 122 | 935 | -16,7 | -5,1 |
| Matérias-primas | 1 572 | 1 572 | -0,0 | -14,0 |
| Bens de consumo | 1 034 | 984 | -4,8 | 5,9 |
| Duráveis | 946 | 908 | -4,0 | 3,9 |
| Não duráveis | 87 | 76 | -13,0 | 5,3 |
| Combustíveis e lubrificantes | 78 | 81 | 2,9 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 1.9 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|----------------------------|---|------|------|------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -15,6 | 9,7 | 30,8 | 3,1 | -32,1 |
| Extrativa mineral | 0,6 | 0,8 | 0,9 | -0,2 | -0,4 |
| Indústria de transformação | -7,4 | -3,3 | 3,9 | -1,0 | -7,1 |
| Comércio | -3,5 | 2,0 | 4,4 | 6,5 | -5,8 |
| Serviços | -1,0 | 6,9 | 9,1 | 1,8 | -8,5 |
| Construção civil | -3,6 | 4,2 | 10,3 | -2,6 | -7,5 |
| Agropecuária | -0,8 | -0,5 | 1,8 | -0,9 | -2,0 |
| Outros ^{2/} | 0,2 | -0,4 | 0,3 | -0,4 | -0,9 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais, administração pública e outros.

A balança comercial da região registrou superávit de US\$570 milhões nos três primeiros meses do ano, ante déficit de US\$63 milhões em igual período do ano anterior, de acordo com o MDIC. As exportações, refletindo variações de 8,2% no quantum e de 3% nos preços, cresceram 10%, e atingiram US\$4,1 bilhões, enquanto a retração de 6,2% das importações, que totalizaram US\$3,6 bilhões, resultou de quedas de 5% na quantidade e de 1,2% nos preços.

O desempenho das exportações reflete o aumento de 20% nas vendas de produtos básicos, que representaram cerca de 75% do total exportado pela região. Destaque-se o crescimento de 16,9% nos embarques de minério de ferro não aglomerados e seus concentrados. Já os embarques de produtos manufaturados e semimanufaturados apresentaram quedas respectivas de 5,7% e de 15,4% no período. As vendas externas da região tiveram como principais destinos China, Alemanha, Japão, Venezuela e Coréia do Sul, que adquiriram, em conjunto, 54% do total exportado no trimestre.

Entre as importações, houve queda em todas as categorias de uso, exceto combustíveis e lubrificantes. As compras de bens de capital recuaram 16,7%, impactadas pela queda de 49,5% em maquinaria industrial, enquanto as importações de bens de consumo diminuíram 4,8% refletindo, em especial, a redução de 6,7% nas referentes a outras partes para aparelhos receptores radiodifusão e televisão. Os principais mercados de origem foram China, Coréia do Sul, Estados Unidos da América (EUA), Japão e Taiwan, representando, em conjunto, 76,7% das importações da região no período.

Com relação ao mercado de trabalho formal, dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE) apontaram extinção de 32,1 mil empregos no trimestre encerrado em fevereiro, ante 15,6 mil postos em igual período de 2012. Houve diminuição de vagas em todos os setores, destacando-se os setores de serviços, 8,5 mil postos; e construção civil, 7,5 mil postos. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal reduziu 0,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro, quando apresentara a mesma variação.

O IPCA da Região Metropolitana de Belém (RMB) variou 2,45% no trimestre finalizado em março, ante 3,36% naquele encerrado em dezembro. Os preços livres apresentaram alta de 3,90%, mesmo percentual registrado no trimestre anterior, enquanto os monitorados registraram

Tabela 1.10 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

| UF | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|--------------|---|------|------|------|-------|
| | 2012 | | | 2013 | |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Região Norte | -15,6 | 9,7 | 30,8 | 3,1 | -32,1 |
| Acre | -1,0 | 1,2 | 1,3 | -0,9 | -2,5 |
| Amapá | 0,1 | 0,6 | 2,1 | 0,7 | -0,7 |
| Amazonas | -8,0 | -1,1 | 4,7 | 2,0 | -7,6 |
| Pará | -4,3 | 6,7 | 15,0 | 4,4 | -12,1 |
| Rondônia | -1,7 | -0,2 | 5,7 | -2,0 | -5,0 |
| Roraima | -0,4 | -0,2 | 1,3 | 1,2 | -1,1 |
| Tocantins | -0,3 | 2,7 | 0,6 | -2,2 | -3,1 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Tabela 1.11 – IPCA – Belém

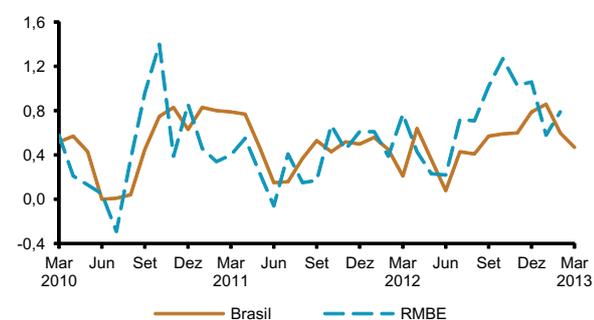
| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % | | | |
|-----------------------|---------------------|------------|--------|-------|-------|
| | | 2012 | | 2013 | |
| | | Ano | IV Trí | I Trí | Ano |
| IPCA | 100,0 | 8,30 | 3,36 | 2,45 | 2,45 |
| Livres | 80,0 | 8,69 | 3,90 | 3,90 | 3,90 |
| Comercializáveis | 44,8 | 5,33 | 3,09 | 2,63 | 2,63 |
| Não comercializáveis | 35,2 | 13,45 | 4,97 | 5,56 | 5,56 |
| Monitorados | 20,0 | 6,87 | 1,36 | -3,01 | -3,01 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 34,8 | 14,30 | 6,99 | 6,26 | 6,26 |
| Habitação | 11,1 | 7,89 | 2,09 | -6,09 | -6,09 |
| Artigos de residência | 5,3 | 2,01 | 1,08 | 1,67 | 1,67 |
| Vestuário | 9,0 | 3,92 | 2,64 | 1,71 | 1,71 |
| Transportes | 13,2 | 3,59 | 1,35 | 1,54 | 1,54 |
| Saúde | 10,3 | 6,09 | 1,23 | 1,74 | 1,74 |
| Despesas pessoais | 8,0 | 9,88 | 2,03 | 2,13 | 2,13 |
| Educação | 4,6 | 7,35 | -0,08 | 6,09 | 6,09 |
| Comunicação | 3,8 | 1,01 | 1,12 | 0,01 | 0,01 |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2013.

Gráfico 1.7 – IPCA – Norte

Variação (%)



Fonte: IBGE

queda de 3,01% no trimestre, ante elevação de 1,36% no trimestre anterior.

Nos preços livres, observou-se aceleração dos preços dos bens não comercializáveis, de 4,97% para 5,56%, nos mesmos períodos de comparação, ressaltando-se as elevações nos itens tubérculos, raízes e legumes, 34,84%; farinhas, féculas e massas, 27,61% e hortaliças e verduras, 17,56%. Os bens comercializáveis aumentaram 2,63% no trimestre, ante 3,09% no trimestre anterior, com destaque para elevação de 15,85% em bebidas e infusões. A queda nos preços monitorados refletiu, em parte, a redução 21,67% nos preços de energia elétrica residencial, e o crescimento de 11,39% nas tarifas de ônibus intermunicipal. O índice de difusão atingiu média de 66,14% no trimestre encerrado em março, ante 66,37% no trimestre anterior.

São favoráveis as perspectivas para a economia da região Norte, tendo em vista a elevação da demanda por produtos primários regionais, minerais e agropecuários, bem como a expectativa de maior dinamismo da produção na zona franca de Manaus. Adicionalmente, os investimentos públicos e privados em implantação na região tendem a contribuir para a evolução favorável da renda e do emprego.

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

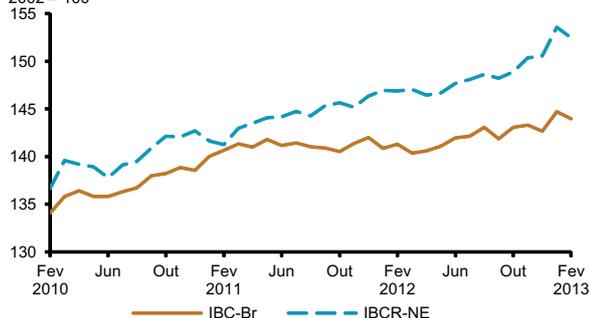
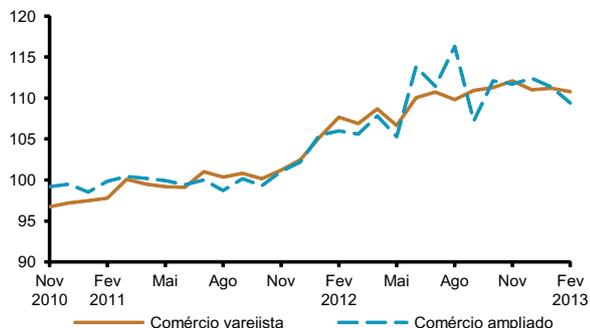


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|--------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 Ano | 2013 | | |
| | | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 9,3 | 1,1 | -0,4 | 8,5 |
| Combustíveis e lubrificantes | 9,1 | -3,4 | -1,1 | 7,2 |
| Híper e supermercados | 7,4 | 1,8 | -2,6 | 5,8 |
| Móveis e eletrodomésticos | 14,4 | -0,8 | 1,6 | 12,6 |
| Eq. e mat. p/esc., inf. e com. | 15,9 | 1,1 | -12,5 | 14,6 |
| Comércio ampliado | 9,8 | -3,1 | 0,7 | 9,4 |
| Automóveis e motocicletas | 8,9 | -15,7 | 3,6 | 9,1 |
| Material de construção | 10,9 | 0,5 | 1,4 | 11,7 |

Fonte: IBGE

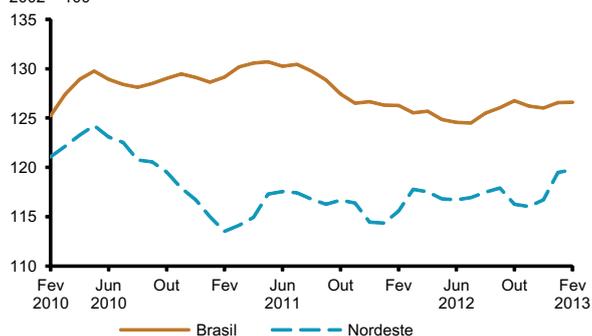
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Nordeste mostrou maior dinamismo que a média nacional em 2012, conforme evidenciam as taxas de crescimento anuais dos Produto Interno Bruto (PIB) do Ceará, 3,7%, da Bahia, 3,1%, e de Pernambuco, 2,3%. No último trimestre do ano, a atividade econômica desses estados manteve-se em expansão, respectivamente de 1%, 1,5%, e 0,3%, em relação ao trimestre anterior, segundo dados dessazonalizados. Na margem, o IBCR-NE aponta aceleração da atividade, com alta de 2,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao trimestre finalizado em novembro de 2012, quando havia aumentado 0,7% na mesma base de comparação.

As vendas do comércio varejista no Nordeste recuaram 0,4% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam aumentado 1,1%, no mesmo tipo de avaliação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, divulgada pelo IBGE. Dentre os setores, destacaram-se as reduções das vendas em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 2,6%, e de combustíveis e lubrificantes, 1,1%, segmentos impactados pelos recentes aumentos de preços. Considerando o comércio ampliado, que incorpora as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, a atividade aumentou 0,7% no trimestre, refletindo expansões de 3,6% e 1,4% no comércio desses componentes, na ordem.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 8,5% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 9,2% em novembro. Destacaram-se a expansão das vendas nos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 20,7%, e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 14,6%. As vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças aumentaram, respectivamente, 11,7% e 9,1%, e contribuíram para que o comércio ampliado crescesse 9,4% no período.

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

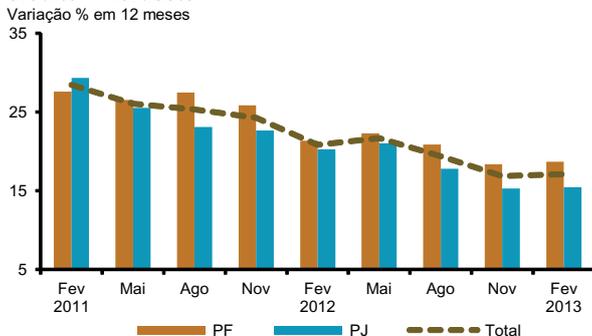
| Setores | Variação % no período | | | |
|-----------------------------|--------------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | Pesos ^{1/} 2012 | 2013 | | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | -1,2 | 3,2 | 0,6 |
| Indústria extrativa | 5,4 | 0,3 | 2,0 | -0,5 |
| Indústria de transformação | 94,6 | -1,7 | 4,0 | 0,7 |
| Alimentação e bebidas | 32,3 | -4,9 | -1,1 | -2,2 |
| Produtos químicos | 18,9 | -3,1 | 3,9 | 2,5 |
| Refino de petróleo e álcool | 13,9 | -4,2 | 6,0 | 4,6 |
| Metalurgia básica | 7,3 | 15,7 | 1,3 | -4,3 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.3 – Necessidades de financiamento – Região Nordeste^{1/}

| | R\$ milhões | | | |
|--------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Total | -4 397 | -2 971 | 2 878 | 5 265 |
| Governos estaduais | -3 201 | -3 362 | 2 609 | 4 942 |
| Capitais | -838 | 375 | 116 | 168 |
| Demais municípios | -357 | 17 | 152 | 155 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

A produção industrial nordestina cresceu 3,2% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao encerrado em novembro de 2012, quando recuara 1,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Houve, no trimestre, aumentos em oito das onze atividades pesquisadas, com destaque para os setores vestuário e acessórios, 6,6%, refino de petróleo e álcool, 6%, e produtos químicos, 3,9%.

A análise em doze meses revela que a produção industrial da região aumentou 0,6% em fevereiro, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 0,9% em novembro de 2012, registrando-se retração na indústria extrativa, 0,5%, e crescimento na de transformação, 0,7%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$303 bilhões em fevereiro, com elevações de 3,3% no trimestre e de 17,1% nos últimos doze meses. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$145 bilhões, expandindo-se 2,9% e 15,4% respectivamente, nas mesmas bases de comparação, com ênfase no crédito destinado às atividades de comércio atacadista, construção e transmissão e distribuição de energia elétrica. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$158 bilhões, alta de 3,7% no trimestre e de 18,7% em doze meses, com destaque para as modalidades de crédito consignado, financiamento a veículos e empréstimos habitacionais.

A inadimplência atingiu 4% no trimestre encerrado em novembro, elevando-se 0,04 p.p. em relação à verificada em novembro e reduzindo-se 0,17 p.p. em doze meses.

Segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os desembolsos do Sistema BNDES – BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$37,2 bilhões no primeiro trimestre de 2013, aumento de 51,8% em relação ao despendido em igual período de 2012. Desse montante, os recursos destinados a inversões na região Nordeste alcançaram R\$4,9 bilhões, incremento de 76,4% relativamente ao ano anterior. Ressalte-se o significativo aumento das liberações direcionadas para a região nos últimos meses, com importantes impactos esperados para esses investimentos. Nos últimos doze meses, as inversões cresceram 18,8% após incremento de 12,2% nos desembolsos de 2012.

Tabela 2.4 – Dívida líquida – Região Nordeste^{1/}

Composição

| Região Nordeste | R\$ milhões | | |
|--------------------------------|----------------|----------------|----------------|
| | 2010 | 2011 | 2012 |
| | Dez | Dez | Dez |
| Dívida bancária | 8 262 | 10 309 | 12 427 |
| Renegociação ^{2/} | 25 303 | 23 313 | 23 000 |
| Dívida externa | 4 159 | 5 080 | 8 715 |
| Outras dívidas junto à União | 169 | 101 | 62 |
| Dívida reestruturada | 781 | 805 | 817 |
| Disponibilidades líquidas | -7 051 | -6 759 | -7 497 |
| Total (A) | 31 624 | 32 848 | 37 524 |
| Brasil^{3/} (B) | 471 992 | 491 433 | 541 717 |
| (A/B) (%) | 6,7 | 6,7 | 6,9 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 2.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Nordeste^{1/}

| | R\$ milhões | | | | | |
|--------------------|----------------|--------------------------|---------|----------------------|------------------------------|--------|
| | Dívida 2011 | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} 2012 | |
| | | 2011 | Nominal | Outros ^{4/} | | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Total | 32 848 | -2 971 | 5 265 | 2 294 | 2 382 | 37 524 |
| Governos estaduais | 32 176 | -3 362 | 4 942 | 1 581 | 2 331 | 36 088 |
| Capitais | 183 | 375 | 168 | 542 | 77 | 803 |
| Demais municípios | 489 | 17 | 155 | 171 | -27 | 633 |

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.6 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

| Discriminação | Em mil toneladas | | | |
|------------------------------|----------------------------|------------------------|--------|---------------------|
| | Pesos ^{1/} (%) | Produção ^{2/} | | Var. % 2013/2012 |
| | | 2012 | 2013 | |
| Produção de grãos | | 11 885 | 13 655 | 14,9 |
| Soja | 15,08 | 6 096 | 5 374 | -11,8 |
| Milho | 8,42 | 3 901 | 5 770 | 47,9 |
| Caroço de algodão (herbáceo) | 8,15 | 855 | 696 | -18,5 |
| Feijão | 5,01 | 258 | 780 | 202,3 |
| Outras lavouras selecionadas | | | | |
| Cana-de-açúcar | 17,56 | 68 137 | 71 235 | 4,5 |
| Mandioca | 5,54 | 5 976 | 6 990 | 17,0 |
| Banana | 5,43 | 2 428 | 2 821 | 16,2 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Os governos estaduais, das capitais e dos principais municípios do Nordeste registraram *superavit* primário de R\$3 bilhões em 2012, implicando redução de 32,4% em relação ao ano anterior. Favorecido pelo crescimento de 4,2% na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o *superavit* dos governos estaduais aumentou 5% enquanto os resultados positivos das capitais e dos demais municípios se reverteram em *deficits* de, R\$375 milhões e R\$17 milhões, respectivamente.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$5,3 bilhões em 2012, ampliando-se 83% em relação ao ano anterior, com ênfase nos aumentos nas esferas dos governos estaduais, 89,4%, e das capitais, 44,3%.

O resultado nominal registrou *deficit* de R\$2,3 bilhões em 2012, ante *superavit* de R\$1,5 bilhão no ano anterior, desempenho resultante das reversões do *superavit* para *deficit*, no âmbito dos governos estaduais, de R\$0,6 bilhão para R\$1,6 bilhão, das capitais, de R\$0,7 bilhão para R\$0,5 bilhão, e dos demais municípios, de R\$205 milhões para R\$171 milhões.

A dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios do Nordeste atingiu R\$37,5 bilhões em dezembro de 2012, representando crescimento de 14,2% no ano. As dívidas renegociadas/reestruturadas pela União representaram 63,5% do endividamento líquido em 2012, a dívida bancária, 33,1%, e a externa 23,2%, registrando-se, ainda, incremento de 19,8% das disponibilidades.

De acordo com o LSPA de março, divulgado pelo IBGE, a produção de grãos da região Nordeste deverá alcançar 13,7 milhões de toneladas em 2013, significando incremento de 14,9% em relação ao obtido no ano anterior. A participação do Nordeste na safra de grãos do país deverá atingir 7,5%, refletindo a perspectiva de recuperação na produção de feijão, com expansão estimada de 202,3%, bem como o crescimento de 47,9% na produção de milho. Em sentido contrário, influenciada pela seca que atinge os estados produtores, estima-se recuo de 11,8% na produção de soja. Para o caroço de algodão, prevê-se decréscimo de 18,5%. Em relação a outras culturas, ressaltam-se os aumentos previstos na produção das lavouras da cana-de-açúcar, 4,5%, banana, 16,2%, e mandioca, 17%.

A balança comercial da região Nordeste foi deficitária em US\$4,3 bilhões nos três primeiros meses de 2013, ante o *deficit* de US\$1,4 bilhão em igual período do ano anterior, segundo dados do MDIC. Esse desempenho

refletiu a elevação de 24,7% nas importações e o recuo de 26,6% nas exportações, que somaram, na ordem, US\$7,8 bilhões e US\$3,6 bilhões no período.

Tabela 2.7 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Nordeste | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 4 847 | 3 560 | -26,6 | -7,7 |
| Básicos | 708 | 421 | -40,6 | -8,4 |
| Industrializados | 4 139 | 3 139 | -24,1 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 1 475 | 1 413 | -4,2 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 2 664 | 1 727 | -35,2 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A retração nas vendas externas da região refletiu reduções nos preços, 5,2%, e no *quantum* exportado, 22,5%, disseminadas em todas as categorias de fator agregado, com destaque para a redução nos embarques de óleos combustíveis, 66,6%; de bens manufaturados, 35,2%, impactados pela elevada base no primeiro trimestre de 2012 que registrara vendas de plataformas de perfuração e exploração; e de produtos básicos, 40,6%, refletindo as quedas nas exportações de minérios de ferro e seus concentrados, 95,7%, soja mesmo triturada, 52,9%, e castanha de caju, 37,5%. As vendas do Nordeste ao mercado externo tiveram como principais destinos os EUA, China, Argentina, Holanda, Canadá e México, responsáveis, em conjunto, por 49% das exportações da região realizadas em 2013.

Tabela 2.8 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Nordeste | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 6 292 | 7 843 | 24,7 | 6,3 |
| Bens de capital | 706 | 901 | 27,6 | 5,3 |
| Matérias-primas | 2 539 | 2 718 | 7,0 | 3,9 |
| Bens de consumo | 645 | 535 | -17,1 | -5,1 |
| Duráveis | 472 | 337 | -28,6 | -14,0 |
| Não duráveis | 173 | 198 | 14,2 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 2 402 | 3 690 | 53,6 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

O crescimento das importações traduziu variações de -2,3% nos preços e de 27,5% nas quantidades. As aquisições de combustíveis e lubrificantes avançaram 53,6%, com aumentos de 71,8% em óleo diesel e de 49,1% em outras gasolinas, enquanto as de bens de capital cresceram 27,6%, especialmente devido a compras de eletrogeradores, que passaram de US\$138,4 mil no primeiro trimestre de 2012 para US\$157,2 milhões em 2013. As compras de bens intermediários tiveram incremento de 7%. Os principais países de origem das importações do Nordeste, no primeiro trimestre do ano, foram EUA, Argentina, China, Índia e Holanda, com participações acumulada de 56,3% do total das aquisições externas da região.

Tabela 2.9 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|-------|------|-------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -44,9 | -28,7 | 73,2 | 102,1 | -95,8 |
| Indústria de transformação | -31,2 | -59,0 | 24,3 | 50,4 | -41,7 |
| Serviços ind. de utilidade pública | 0,1 | 0,1 | -0,5 | -2,1 | 0,6 |
| Construção civil | -7,3 | 6,8 | 5,1 | -0,2 | -14,1 |
| Comércio | -3,1 | 4,9 | 6,6 | 36,2 | -11,1 |
| Serviços | 17,8 | 20,5 | 18,9 | 21,1 | -6,3 |
| Agropecuária | -21,2 | -2,9 | 18,1 | -2,9 | -22,3 |
| Outros ^{2/} | 0,0 | 0,9 | 0,8 | -0,5 | -0,8 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

O mercado de trabalho nordestino eliminou 95,8 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante diminuição de 44,9 mil em igual período do ano anterior, de acordo com os dados do Caged/MTE. Essa trajetória refletiu, em especial, o menor dinamismo dos setores serviços e indústria de transformação, responsáveis, em conjunto, pela eliminação de 48 mil postos, ante 13,4 mil no trimestre finalizado em fevereiro de 2012.

Considerados dados dessazonalizados, o nível do emprego formal da região cresceu 0,2% no período, em relação ao trimestre terminado em novembro de 2012. Nessa base de comparação, registraram-se aumentos em quatro das oito atividades pesquisadas, com ênfase nos assinalados no comércio e na atividade extrativa mineral, ambos com 0,5%.

A taxa de desemprego da região Nordeste, segundo dados do IBGE, considerando as regiões metropolitanas de Recife (RMR) e de Salvador (RMS), atingiu 6,1% no trimestre terminado em fevereiro de 2013. A redução de 0,5 p.p. ante igual período de 2012 refletiu a expansão de 2% na População Economicamente Ativa (PEA) e de 2,6% na população ocupada. Nos últimos 12 meses, o rendimento real médio habitual e a massa salarial real cresceram, respectivamente, 2,7% e 6,2%, no período. Considerando dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego no Nordeste atingiu 6,7% no trimestre até fevereiro, ante 6,5% no trimestre anterior.

Na região Nordeste, a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) situou-se em 2,19% no trimestre encerrado em março, ante 2,36% no último trimestre de 2012, reflexo de aceleração, de 2,66% para 3,02%, nos preços livres, e desaceleração, de 1,28% para -0,78%, nos preços monitorados. O desempenho dos preços livres refletiu a menor variação nos preços dos bens comercializáveis, de 2,67% para 1,51%, e o aumento de 2,63% para 4,64%, na variação dos preços de não comercializáveis, pressionados, sobretudo, por altas em educação, 6,19%, hortaliças e verduras, 29,32%, e tubérculos, raízes e legumes, 51,59%.

O desempenho dos preços monitorados esteve associado, fundamentalmente, às reduções nos custos da energia elétrica residencial em Recife, 17,47%, Fortaleza, 17,97%, e Salvador, 18,78%. O índice médio de difusão do IPCA manteve-se praticamente estável, situando-se em 63,6% no trimestre encerrado em março, ante 63,5% naquele finalizado em dezembro de 2012.

A economia nordestina tende a seguir mostrando maior dinamismo que o observado em âmbito nacional ao longo de 2013. Em parte, isso reflete a estrutura produtiva região, mais direcionada ao mercado doméstico. Nesse sentido, os programas sociais de transferência de renda, a expansão da massa salarial, os investimentos públicos e privados, o crescimento moderado do crédito e, em particular, a recuperação da safra agrícola com preços mais competitivos devem contribuir positivamente para a evolução da atividade econômica da região.

Tabela 2.10 – IPCA – Nordeste

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % | | |
|-----------------------|---------------------|------------|-------|----------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Ano | I Tri | 12 meses |
| IPCA | 100,0 | 6,50 | 2,19 | 7,47 |
| Livres | 78,6 | 7,17 | 3,02 | 8,97 |
| Comercializáveis | 40,1 | 4,54 | 1,51 | 6,61 |
| Não comercializáveis | 38,5 | 10,08 | 4,64 | 11,49 |
| Monitorados | 21,4 | 4,20 | -0,78 | 2,25 |
| Principais itens | | | | |
| Alimentação | 28,2 | 11,98 | 5,69 | 17,15 |
| Habitação | 13,3 | 6,41 | -2,12 | 2,08 |
| Artigos de residência | 4,8 | -0,45 | 1,52 | 1,43 |
| Vestuário | 7,5 | 3,67 | -0,20 | 4,66 |
| Transportes | 18,0 | 1,97 | 1,58 | 2,72 |
| Saúde | 10,7 | 5,43 | 1,54 | 5,59 |
| Despesas pessoais | 8,7 | 10,02 | 1,74 | 8,86 |
| Educação | 4,4 | 8,20 | 6,19 | 7,51 |
| Comunicação | 4,2 | 1,18 | -0,10 | 1,44 |

Fonte: IBGE

1/Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

Bahia

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia
Dados dessazonalizados
2002 = 100

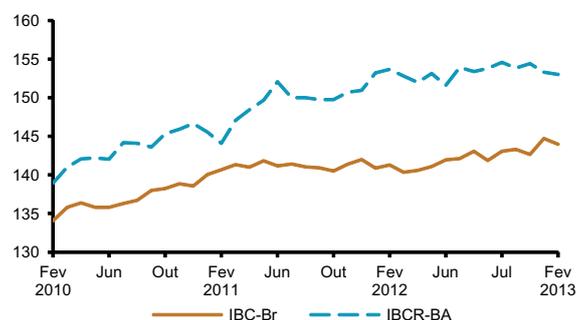
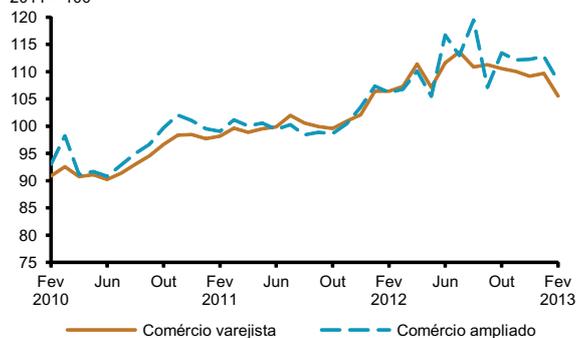


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia
Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.11 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | | 2013 | |
| | Ago ^{1/} | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 3,2 | -1,3 | -2,3 | 8,4 |
| Combustíveis e lubrificantes | -2,4 | -9,8 | -6,7 | 2,3 |
| Hiper, supermercados | -0,6 | 4,9 | -2,2 | 5,3 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 4,9 | 1,9 | 0,3 | 12,0 |
| Móveis e eletrodomésticos | 4,2 | -2,3 | 2,1 | 9,5 |
| Comércio ampliado | 8,3 | -4,7 | 0,2 | 10,4 |
| Automóveis e motocicletas | 23,7 | -14,6 | 7,1 | 16,0 |
| Material de construção | 0,5 | 0,5 | 0,8 | 7,4 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

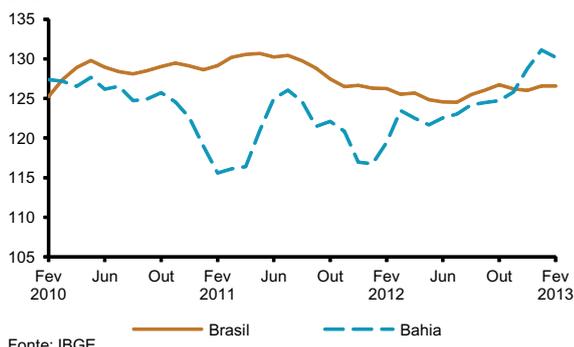
O PIB da Bahia cresceu 3,1% em 2012, de acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), resultado de expansões no setor de serviços, 4,2%, e no setor industrial, 3,8%, impulsionado pelos aumentos na atividade da construção civil e indústria de transformação, de 5,4% e 3,9%, respectivamente. A produção agropecuária, afetada pela seca, recuou 9,0% no ano, destacando-se as reduções na produção de feijão, 44,4%, mandioca, 23%, e algodão, 20,1%. Na margem, o IBCR-BA recuou 0,3% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, período em que havia aumentado 0,7%, na mesma base de comparação. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-BA variou 1,9% em fevereiro, ante expansão de 3% em novembro.

As vendas do comércio varejista na Bahia recuaram 2,3% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro, quando haviam decrescido 1,3%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados da PMC do IBGE. As maiores quedas foram registradas nos segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 22,7%, livros, jornais, revistas e papelaria, 12,4%, e combustíveis e lubrificantes, 6,7%. As vendas relativas a hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, componente de maior peso entre os pesquisados, recuaram, 2,2%, enquanto as relativas a móveis e eletrodomésticos aumentaram 2,1%. Após haver retraído 4,7% em novembro, as vendas do comércio ampliado cresceram 0,2% em fevereiro, com expansão de 7,1% em automóveis e motocicletas e de 0,8% em material de construção.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas no varejo cresceram 8,4% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 9,6% em novembro, destacando-se os aumentos nos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 31,1%, outros artigos de uso pessoal e doméstico, 26,8%, e tecidos, vestuário e calçados, 12%. Incorporando a comercialização de veículos, motos, partes e peças e as vendas de material de construção, com elevações respectivas de 16% e 7,4%, o comércio ampliado acumulou expansão de 10,4% no período.

A produção industrial da Bahia elevou-se 3,5% no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao finalizado em novembro, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve crescimento em seis das nove

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.12 – Produção industrial – Bahia

Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|------------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|-------------|
| | | 2012 | 2013 | Acumulado |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | em 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 1,3 | 3,5 | 2,7 |
| Indústria extrativa | 4,6 | 1,0 | 0,0 | 0,9 |
| Indústria de transformação | 95,4 | 1,5 | 3,6 | 2,8 |
| Produtos químicos | 31,0 | -3,5 | 3,7 | 3,0 |
| Ref. petróleo e prod. álcool | 21,5 | -1,0 | 7,2 | 6,8 |
| Alimentos e bebidas | 16,6 | 1,2 | -6,2 | -2,4 |
| Celulose e papel | 10,7 | 2,6 | -3,1 | 5,6 |
| Metalurgia básica | 7,8 | 78,3 | 3,2 | -8,8 |

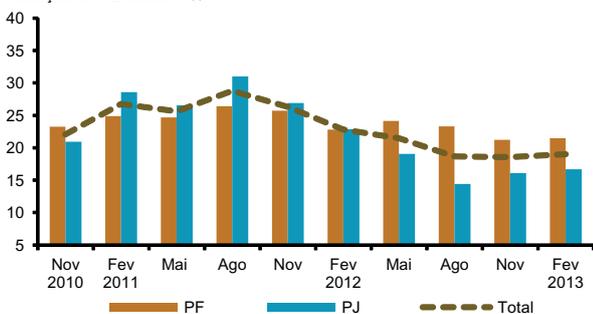
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

atividades pesquisadas, ressaltando-se as relativas a veículos automotores, 23,9%, borracha e plástico, 12,8%, refino de petróleo e produção de álcool, 7,2%, e produtos químicos, 3,7%. Em oposição, destacou-se a retração de 6,2% no segmento alimentos e bebidas, decorrente do declínio na produção de refrigerantes, cervejas e chope e de derivados de soja.

Considerados períodos de doze meses, a indústria baiana avançou 2,7% em fevereiro na comparação com igual período de 2012, ante o recuo de 1,9% da média nacional, destacando-se os aumentos nos segmentos de borracha e plástico, 13,7%, de veículos automotores, 9,5%, de refino de petróleo e produção de álcool, 6,8% e a contração de 8,8% na metalurgia básica.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), elaborado pela SEI, atingiu 49,1 pontos em fevereiro, ante 103,1 pontos em novembro, permanecendo na zona definida como de otimismo moderado (o indicador varia de -1000 a 1000, com o zero como ponto de indiferença). O recuo trimestral refletiu a queda das expectativas dos empresários do setor de serviços e comércio, de 76 pontos, e da indústria de 37,8 pontos, e a melhora da confiança na agropecuária, com alta de 59 pontos em relação a novembro.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia totalizou R\$86,2 bilhões em fevereiro, crescendo 3,9% no trimestre e 19% em doze meses. O estoque de crédito relativo ao segmento de pessoas físicas atingiu R\$42,9 bilhões, aumentando 4,2% e 21,5%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com concentração dos recursos nas modalidades empréstimo consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis. No segmento de pessoas jurídicas, o saldo das operações alcançou R\$43,3 bilhões, com variações de 3,5% no trimestre e de 16,7% em doze meses, destacando-se as contratações de crédito nos segmentos químico, papel e papelão e construção.

A taxa de inadimplência das operações de crédito no estado situou-se em 4,24% em fevereiro, aumento trimestral de 0,10 p.p., resultado de elevação de 0,34 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e da redução de 0,16 p.p. no relativo a pessoas físicas, cujas taxas situaram-se, na ordem, em 3,05% e 5,43%.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios da Bahia apresentaram *superavit* primário de R\$1,9 bilhão em 2012, incremento de 74% em relação

Tabela 2.13 – Necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|-------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Estado da Bahia | -1 070 | -1 861 | 1 110 | 1 224 |
| Governo estadual | -629 | -1 931 | 863 | 962 |
| Capital | -455 | 39 | 134 | 153 |
| Demais municípios | 14 | 31 | 113 | 109 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios.
Dados preliminares.

Tabela 2.14 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|-------------------|-------------|--------------------------|---------|---------------------|----------------------|----------------------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | | Dívida ^{2/} |
| | | 2011 | Nominal | | Outros ^{4/} | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Estado da Bahia | 10 498 | -1 861 | 1 224 | -637 | 1 379 | 11 239 |
| Governo estadual | 8 828 | -1 931 | 962 | -969 | 1 319 | 9 179 |
| Capital | 830 | 39 | 153 | 192 | 86 | 1 108 |
| Demais municípios | 839 | 31 | 109 | 140 | -27 | 952 |

1/ Inclui informações do Estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

Tabela 2.15 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

| Discriminação | Peso ^{1/} | Em mil toneladas | | | Variação % |
|----------------------------|--------------------|------------------|--------------------|-----------|------------|
| | | Produção | | 2013/2012 | |
| | | 2012 | 2013 ^{2/} | | |
| Grãos | | | | | |
| Soja | 18,5 | 3 213 | 2 645 | -17,7 | |
| Algodão herbáceo | 16,4 | 1 256 | 1 039 | -17,3 | |
| Milho | 6,3 | 1 883 | 2 190 | 16,3 | |
| Feijão | 2,6 | 107 | 176 | 65,4 | |
| Outros grãos ^{3/} | 1,3 | 85 | 62 | -26,6 | |
| Outras lavouras | | | | | |
| Cacau | 6,4 | 159 | 146 | -8,3 | |
| Banana | 6,1 | 1 081 | 1 152 | 6,6 | |
| Café | 6,5 | 143 | 147 | 2,8 | |
| Mandioca | 4,0 | 2 202 | 2 370 | 7,6 | |
| Cana-de-açúcar | 3,5 | 6 894 | 6 806 | -1,3 | |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Segundo o LSPA de março de 2013.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

ao assinalado no ano anterior, com ênfase na elevação do *superavit* do governo estadual, 207,1%. O governo da capital reverteu *superavit* de R\$455 milhões de 2011 em *deficit* de R\$39 milhões, enquanto os demais municípios ampliaram o *deficit* em 118,5%.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$1,2 bilhão em 2012, aumento de 10,2% no ano, refletindo, fundamentalmente, a elevação da variação do IGP-DI, principal indexador dos passivos estaduais. Apesar da alta dos juros nominais, o resultado nominal registrou *superavit* de R\$637,3 milhões, ante *deficit* de R\$60 milhões em 2011.

A dívida líquida do estado e dos seus principais municípios aumentou 7,1% em 2012, atingindo R\$11,2 bilhões, com aumentos de 33,5%, 13,5% e 4% nos estoques dos governos da capital, dos demais municípios e do governo estadual.

A safra de grãos da Bahia deverá totalizar 6,1 milhões de toneladas em 2013, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. A estimativa representa queda de 6,6% frente à safra de 2012, refletindo condições climáticas adversas. Dentre as principais lavouras, destaque-se a queda prevista na produção de soja, 17,7% e de algodão, 17,3%, contrastando com o aumento estimado para as safras de feijão, 65,4%, e milho, 16,3%. Assinale-se a expectativa de redução de 29,7% da área plantada do algodão, influenciada pelo avanço de culturas que se mostraram mais rentáveis nas últimas safras, além da incidência de praga que desestimulou o plantio. Em relação às demais lavouras, ressaltem-se as elevações estimadas para a produção de mandioca, 7,6%, e banana, 6,6%, contrastando com os recuos projetados para as culturas de cacau, 8,3%, e de cana-de-açúcar, 1,3%.

A balança comercial da Bahia registrou *superavit* de US\$186 milhões no primeiro trimestre do ano. A redução de 68,3% em relação a igual intervalo de 2012 refletiu reduções de 20,7% nas exportações e de 6,5% nas importações, que somaram US\$2,0 bilhões e US\$1,8 bilhão, respectivamente.

O desempenho das exportações decorreu de acréscimo de 0,3% nos preços e declínio de 20,9% no *quantum*, reflexo da redução das demandas internacionais, em função das incertezas da economia mundial. Ressaltem-se a redução de 30,7% nos embarques de produtos básicos, com destaque para algodão em bruto, que representou 25,2% da pauta e teve os embarques diminuídos em 48%, e a queda

Tabela 2.16 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Bahia | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 2 556 | 2 028 | -20,7 | -7,7 |
| Básicos | 345 | 239 | -30,7 | -8,4 |
| Industrializados | 2 211 | 1 789 | -19,1 | -6,9 |
| Semimanufaturados | 681 | 713 | 4,8 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 1 530 | 1 076 | -29,7 | -8,2 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.17 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Bahia | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 1 969 | 1 842 | -6,5 | 6,3 |
| Bens de capital | 262 | 314 | 19,7 | 5,3 |
| Matérias-primas | 1 288 | 1 246 | -3,3 | 3,9 |
| Bens de consumo | 385 | 244 | -36,6 | -5,1 |
| Duráveis | 356 | 215 | -39,5 | -14,0 |
| Não duráveis | 30 | 29 | -2,7 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 34 | 38 | 12,3 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.18 – Evolução do emprego formal – Bahia

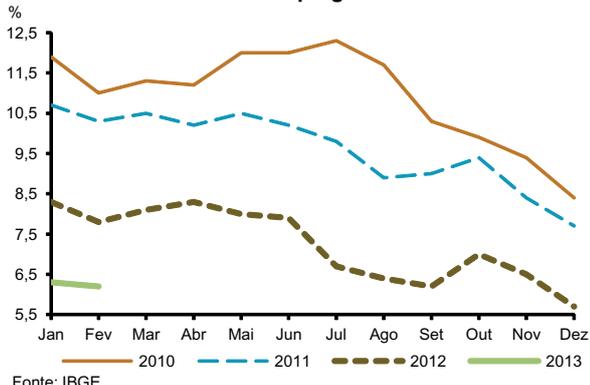
Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|---|---|------|------|------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -9,8 | 13,2 | 2,9 | 4,3 | -18,0 |
| Indústria de transformação | -4,2 | 1,8 | 1,7 | -3,6 | -6,3 |
| Comércio | -1,5 | -0,2 | 1,4 | 7,2 | -2,3 |
| Serviços | 3,5 | 2,5 | 2,9 | 4,2 | -0,7 |
| Construção civil | -5,3 | 3,6 | -0,8 | 1,8 | -3,4 |
| Agropecuária | -2,3 | 5,4 | -2,1 | -4,9 | -4,7 |
| Serviços industriais de utilidade pública | -0,1 | -0,4 | -0,0 | -0,5 | 0,0 |
| Outros ^{2/} | 0,2 | 0,4 | -0,1 | 0,1 | -0,6 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

de 29,7% nas vendas de produtos manufaturados, refletindo a redução de 68% nos embarques de óleos combustíveis, principal item da cesta. Em sentido oposto, as vendas de produtos semimanufaturados avançaram 4,8% no período, com ênfase no aumento de 122% para as vendas de catodos de cobre. EUA, China e Argentina adquiriram, em conjunto, 41,4% das exportações do estado no trimestre.

A trajetória das importações refletiu os recuos de 1,6% nos preços e de 5% nas quantidades, com aumento de 19,7% nas compras de bens de capital e de 12,3% nos combustíveis e lubrificantes. Em contraste, as aquisições de bens de consumo e de bens intermediários, que em conjunto responderam por 80,9% da pauta do trimestre, recuaram 36,6% e 3,3%, na ordem. Assinale-se a queda de 47,6% nas aquisições de automóveis de passageiros, item que respondeu por 64% do volume de bens de consumo no período. Chile, Argentina e Argélia foram os mercados de origem de 44,4% das aquisições baianas.

Segundo estatísticas do Caged/MTE, a economia do estado eliminou 18 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante diminuição de 9,8 mil postos em igual período do ano anterior. Esse comportamento refletiu a redução de empregos em todos os setores, com destaque para a indústria de transformação, 6,3 mil, seguida da agropecuária, 4,7 mil, e da construção civil, 3,4 mil.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado apresentou relativa estabilidade no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao terminado em novembro, com variação de 0,1%.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, a taxa média de desemprego na RMS atingiu 6,1% no trimestre terminado em fevereiro, menor nível da série iniciada em 2002, assinalando-se que o recuo de 1,9 p.p. em relação a igual intervalo de 2012 resultou dos aumentos de 3,6% na população ocupada e de 1,5% na PEA. Na margem, considerando dados dessazonalizados, o desemprego recuou 0,4 p.p. em fevereiro em relação a novembro, para 5,8%. Os rendimentos médios habituais reais reduziram 0,4% no trimestre e 8,4% em relação ao mesmo período de 2012.

O IPCA variou 2,04% no primeiro trimestre do ano, ante 2,31% no último de 2012, resultado da aceleração dos preços livres, cuja variação passou de 2,38% para 3,12%, e da redução dos preços monitorados, de 2,03% para -1,54%, influenciados, em especial, pela redução

Tabela 2.19 – IPCA – Salvador

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % | | |
|-----------------------|---------------------|------------|-------|----------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Ano | I Tri | 12 meses |
| IPCA | 100,00 | 6,21 | 2,04 | 7,27 |
| Livres | 77,94 | 6,48 | 3,12 | 8,53 |
| Comercializáveis | 37,29 | 3,60 | 1,55 | 6,09 |
| Não comercializáveis | 40,65 | 9,33 | 4,60 | 10,85 |
| Monitorados | 22,06 | 5,26 | -1,54 | 3,07 |
| Principais itens | | | | |
| Alimentação | 27,36 | 11,50 | 5,74 | 16,98 |
| Habitação | 13,61 | 7,57 | -2,95 | 2,27 |
| Artigos de residência | 4,66 | 0,18 | 0,95 | 1,24 |
| Vestuário | 7,29 | 4,01 | 1,39 | 6,42 |
| Transportes | 20,37 | 2,37 | 0,91 | 3,27 |
| Saúde | 9,99 | 5,17 | 1,40 | 4,91 |
| Despesas pessoais | 8,04 | 6,96 | 2,08 | 6,29 |
| Educação | 4,25 | 6,72 | 7,25 | 8,44 |
| Comunicação | 4,43 | 1,14 | 0,36 | 1,66 |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2013.

da energia elétrica residencial, 18,78%, mais do que compensando os aumentos da gasolina e do óleo diesel, 4,32% e 9,88%, respectivamente. A evolução dos preços livres refletiu, especialmente, o comportamento dos itens não comercializáveis, com variação de 4,60%, decorrente da pressão altista exercida pelos itens dos grupos alimentação, 5,74%, em especial dos *in natura*, que variaram 29,36% no período, e educação, 7,25%. O índice de difusão atingiu 68,5% no trimestre encerrado em março, 2,4 p.p acima do verificado no trimestre encerrado em dezembro/2012.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA registrou variação de 7,27% em março frente a 6,21% no equivalente em dezembro de 2012. Esse desempenho expressa a maior variação dos preços livres, de 6,48% para 8,53%, destacando-se o aumento dos preços da farinha de mandioca, 150,69%, e a desaceleração dos preços monitorados de 5,25% para 3,06%.

A evolução dos principais indicadores da economia baiana sugere a continuidade da expansão da atividade econômica do estado em 2013, baseada no desempenho da indústria de transformação e do comércio. Contribuem, ainda, de forma destacada nesse cenário, os investimentos privados e públicos em infraestrutura em andamento no estado.

Ceará

Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará



Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará



Fonte: IBGE

Tabela 2.20 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|---------------------------------|-----------------------|-------|-------------------|-------------------|
| | 2012 | 2013 | | |
| | | Ano | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} |
| Comércio varejista | 9,6 | 1,2 | -0,7 | 9,1 |
| Combustíveis e lubrificantes | 22,3 | 1,7 | 5,8 | 22,8 |
| Hiper e supermercados | 7,5 | -0,2 | -3,8 | 6,8 |
| Móveis e eletrodomésticos | 22,0 | 1,1 | -2,8 | 20,0 |
| Art. farm. médicos, ortopédicos | 13,2 | 4,2 | 9,5 | 15,4 |
| Comércio ampliado | 9,1 | -6,2 | -2,5 | 8,5 |
| Automóveis e motocicletas | 6,8 | -15,2 | -0,4 | 6,1 |
| Material de construção | 15,8 | 0,2 | 3,3 | 15,6 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Ceará cresceu 3,7% em 2012, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), reflexo de expansões de 5,8% do setor de serviços e de 2,6% da indústria, enquanto a atividade agropecuária recuou 20,1%. Na margem, o IBCR-CE indica continuidade do crescimento, registrando variação de 1,7% no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao período terminado em novembro, quando alcançara 2,2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados isentos de sazonalidade.

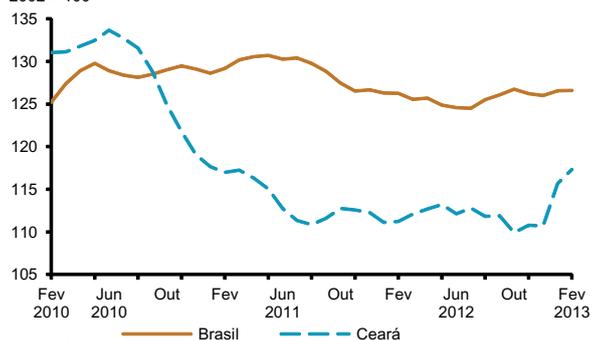
As vendas do comércio varejista contraíram 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam aumentado 1,2%, nessa base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destaquem-se as elevações nas vendas de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 9,5%, e combustíveis e lubrificantes, 5,8%. Incorporadas as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, que apresentaram variações respectivas de -0,4% e 3,3%, o comércio ampliado no estado diminuiu 2,5% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo registraram incremento de 9,1% em fevereiro, em relação a igual intervalo de 2012, ante 9,4% em novembro, assinalando-se os aumentos nos segmentos de combustíveis e lubrificantes, 22,8%, e de móveis e eletrodomésticos, 20%. Agregando-se a comercialização de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, com elevações respectivas de 6,1% e 15,6%, na ordem, o comércio ampliado expandiu 8,5% no período.

A produção industrial do Ceará cresceu 5,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando recuara 0,9%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve crescimentos em sete das dez atividades pesquisadas, destacando-se os relativos a refino de petróleo e álcool, 22,2%, vestuário e acessórios, 7,8%, e produtos químicos, 6,6%.

Em doze meses até fevereiro, a produção da indústria cearense aumentou 1% em relação a igual intervalo do ano anterior, após redução de 1,6% até novembro de 2012, destacando-se os crescimentos nos segmentos de metalurgia básica, 15,7%, de refino de petróleo e álcool, 14,7%, e de minerais não metálicos, 11,5%.

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
 Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
 2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.21 – Produção industrial – Ceará

Geral e setores selecionados

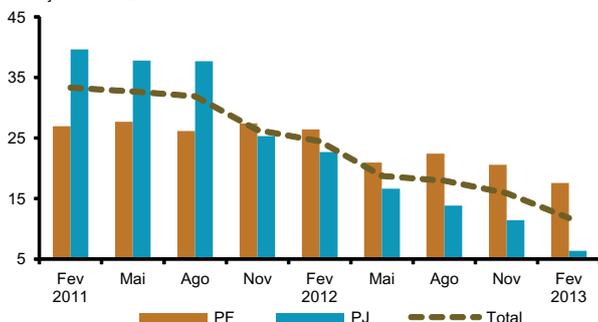
| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|----------|
| | | 2012 | | 2013 |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | -0,9 | 5,9 | 1,0 |
| Alimentação e bebidas | 34,5 | -6,4 | 2,5 | 2,7 |
| Calçados e artigos de couro | 15,4 | 11,2 | -0,4 | 8,0 |
| Têxtil | 14,9 | 16,9 | 2,2 | 2,9 |
| Produtos químicos | 12,5 | -5,6 | 6,6 | -9,1 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
 2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.22 – Necessidades de financiamento do Estado do Ceará e seus principais municípios^{1/}

| | R\$ milhões | | | |
|-------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Estado do Ceará | -390 | 616 | 256 | 348 |
| Governo estadual | -205 | 600 | 257 | 340 |
| Capital | -8 | 126 | 0 | 11 |
| Demais municípios | -177 | -110 | -2 | -4 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios.
 Dados preliminares.

O faturamento real da indústria de transformação cearense cresceu 10,1% no período de doze meses encerrado em fevereiro deste ano, em relação a igual intervalo de 2012, após expansão de 7,1% em novembro, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, houve reduções no pessoal empregado, 0,6%, e nas horas trabalhadas, 0,5%, enquanto a remuneração real cresceu 2,7%. O Nuci médio atingiu 82,3% em fevereiro, ante 85,7% em igual mês de 2012.

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$44 bilhões em fevereiro, registrando expansão de 4,1% no trimestre e de 16,7% nos últimos doze meses. A carteira do segmento pessoas jurídicas totalizou R\$22 bilhões, com variações de 4,5% no trimestre e de 14,9% em doze meses até fevereiro, especialmente as contratações de operações destinadas aos setores de geração e transmissão de energia elétrica, e à construção civil. O saldo de operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$22 bilhões, elevando-se 3,7% no trimestre e 18,6% em doze meses, concentrando-se nos recursos direcionados às modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis.

A inadimplência atingiu 4,2% em fevereiro, diminuindo 0,05 p.p. em relação à observada em novembro e mantendo-se estável em doze meses. O comportamento no trimestre refletiu a redução de 0,18 p.p. no segmento de pessoas físicas e do aumento, 0,09%, no relativo a pessoas jurídicas, com taxas situando-se, na ordem, em 5,6% e 2,9%.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará apresentaram *deficit* primário de R\$616 milhões em 2012, ante *superavit* de R\$390 milhões no ano anterior, refletindo, principalmente, as reversões nos resultados dos governos estadual e da capital – *superavits* respectivos de R\$205 milhões e R\$8 milhões em 2011, para *deficits* de R\$600 milhões e R\$126 milhões em 2012, na ordem. O *superavit* dos demais municípios recuou 34,8% no ano.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$348 milhões, expansão de 35,9% no ano, impactando o resultado nominal deficitário de R\$963 milhões em 2012, após alcançar *superavit* de R\$135 milhões no ano anterior.

A dívida líquida do estado e de seus principais municípios aumentou 49,2% no ano, totalizando R\$3,3

Tabela 2.23 – Dívida líquida e necessidades de financiamento do Estado do Ceará e seus principais municípios^{1/}

| | R\$ milhões | | | | | |
|-------------------|-------------|--------------------------|---------|---------------------|----------------------|-------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} | |
| | | 2011 | Nominal | | | 2012 |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Estado do Ceará | 2 220 | 616 | 348 | 963 | 129 | 3 313 |
| Governo estadual | 2 432 | 600 | 340 | 941 | 136 | 3 508 |
| Capital | 17 | 126 | 11 | 137 | -6 | 147 |
| Demais municípios | -228 | -110 | -4 | -114 | 0 | -342 |

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Ceará

Itens selecionados

| Discriminação | Em mil toneladas | | | |
|------------------------------|---------------------------|------------------------|-------|---------------------|
| | Peso ^{1/} (%) | Produção ^{2/} | | Var. % 2013/2012 |
| | | 2012 | 2013 | |
| Produção de grãos | | 232 | 1 143 | 393,2 |
| Milho | 20,25 | 123 | 799 | 552,0 |
| Feijão | 19,14 | 53 | 246 | 367,5 |
| Arroz (em casca) | 2,30 | 51 | 82 | 59,9 |
| Outras lavouras selecionadas | | | | |
| Banana | 9,75 | 416 | 523 | 25,8 |
| Mandioca | 6,86 | 469 | 830 | 77,1 |
| Castanha-de-caju | 5,61 | 39 | 165 | 328,4 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|------|--------|--------|
| | Ceará | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 329 | 276 | -16,2 | -7,7 |
| Básicos | 82 | 64 | -21,8 | -8,4 |
| Industrializados | 247 | 212 | -14,3 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 83 | 60 | -28,0 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 164 | 152 | -7,3 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|------|--------|--------|
| | Ceará | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 608 | 802 | 31,9 | 6,3 |
| Bens de capital | 136 | 127 | -6,8 | 5,3 |
| Matérias-primas | 356 | 411 | 15,6 | 3,9 |
| Bens de consumo | 40 | 42 | 3,2 | -5,1 |
| Duráveis | 19 | 18 | -3,9 | -14,0 |
| Não duráveis | 21 | 23 | 9,7 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 76 | 222 | 192,9 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

bilhões em dezembro de 2012, com expansão de 44,3% na registrada na esfera do governo estadual. A participação do Ceará no endividamento regional aumentou de 6,8%, em 2011, para 8,8%, em 2012.

De acordo com o LSPA de março, do IBGE, a safra de grãos do estado deverá alcançar 1,1 milhão de toneladas em 2013, elevação de 393,2% em relação a 2012, ano em que a produção agrícola foi impactada pela seca. Esse resultado incorpora projeções de expansão nas culturas de milho, 552%, e feijão, 367,5%, as quais representam 91% do total da safra estadual. Em relação a outras culturas relevantes para o estado, assinala-se o aumento estimado na produção de castanha de caju, 328,4%, destinada em grande parte à exportação.

A balança comercial do Ceará, de acordo com estatísticas do MDIC, foi deficitária em US\$526 milhões no primeiro trimestre de 2013, ante *deficit* US\$279 milhões em igual período de 2012, resultado de expansão de 31,9% nas importações e contração de 16,2% nas exportações, que totalizaram, respectivamente, US\$802 milhões e US\$276 milhões no período.

O resultado das vendas externas refletiu reduções de 9,6% nos preços e de 7,2% no *quantum*, e traduziu retrações em todas as categorias de fator agregado. Os embarques de produtos semimanufaturados recuaram 28% no período, com ênfase nas quedas relativas ao item couros e peles, 13,5%, e a ceras vegetais, 48,8%, enquanto as exportações de manufaturados diminuíram 7,3%, traduzindo recuo o comportamento de calçados, suas partes e componentes, 21,5%. Os embarques de produtos básicos diminuíram 21,8% no período, influenciados, sobretudo, pela redução nas vendas de castanha de caju, 41,2%. As exportações cearenses se destinaram, principalmente, aos EUA, 17,8% do total dos embarques, Argentina, 8,3%, Alemanha, 8,2%, Holanda, 8%, e Itália, 5,4%.

Nos três primeiros meses deste ano, o desempenho das importações cearenses traduziu a redução de 6,8% nos preços e a expansão de 41,5% na quantidade importada, em relação a igual período de 2012. As aquisições de combustíveis, evidenciando aumento de 317% nas compras de gás natural liquefeito (GNL), principal item da categoria, cresceram 192,9%, enquanto as relativas a bens intermediários, influenciadas pelo avanço de 61,2% nas importações de outros trigos para não semeadura, aumentaram 15,6%. As compras de bens de capital diminuíram 6,8% no período, impactadas pela retração de 48,8% nas aquisições

de litorinas, tipo de vagão férreo próprio para condução turística. As importações de bens de consumo não duráveis aumentaram 9,7%, enquanto as compras de bens duráveis diminuíram 3,9% no período, com ênfase no decréscimo de 34,7% nas relativas a partes e acessórios de motocicletas (incluindo os ciclomotores). Os principais países de origem das importações no primeiro trimestre de 2013 foram China, Trinidad e Tobago, Argentina, EUA e Noruega, que juntos representaram 61,1% do total das aquisições externas do estado.

O mercado de trabalho formal cearense reduziu, de acordo dados do MTE divulgados pelo Caged, em 6,9 mil o número de empregos no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante eliminação de 5,6 mil em igual período do ano anterior. O resultado do trimestre refletiu, especialmente, o menor dinamismo no comércio e no setor de serviços, responsáveis, em conjunto, pela eliminação de 2,2 mil vagas, ante a criação de 5,4 mil postos no trimestre finalizado em fevereiro de 2012.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, em relação ao finalizado em novembro de 2012. Na mesma base de comparação, registraram-se aumentos em seis das oito atividades pesquisadas, com ênfase no crescimento de 2,2% assinalado na agropecuária.

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) variou 2,36% no trimestre encerrado em março, ante 2,88% no finalizado em dezembro de 2012, resultado da desaceleração dos preços livres, de 3,51% para 2,83%, e da manutenção da inflação no âmbito dos monitorados, em 0,47%.

Nos itens com preços livres, a variação dos preços de comercializáveis atingiu 0,77% ante 3,51% no trimestre anterior, assinalando-se as reduções registradas no grupo vestuário, 3,64%, e nos itens arroz, 3,39%, e açúcares e derivados, 3,21%. Os preços dos itens não comercializáveis elevaram-se 5,42%, ante 3,49%, impactados pelos aumentos em tubérculos, raízes e legumes, 52,62%, em frutas, 16,70%, e em hortaliças e verduras, 11,49%. A trajetória dos preços monitorados respondeu, em maior medida, aos aumentos nos itens: ônibus urbano, 10%, gás de botijão, 6,79%, óleo diesel, 5,86%, e gasolina, 5,35%, compensados pela redução dos custos da energia elétrica residencial, 17,97%, e dos preços das passagens em ônibus interestaduais, 10,17%. O índice de difusão do IPCA, sugerindo menor disseminação do

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|------|------|------|------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -5,6 | 1,4 | 15,7 | 17,2 | -6,9 |
| Indústria de transformação | -5,5 | -1,2 | 4,5 | 4,3 | -1,1 |
| Serviços ind. de utilidade pública | 0,0 | 0,0 | 0,0 | -0,2 | 0,1 |
| Construção civil | -2,0 | -2,0 | 0,5 | -1,0 | -1,8 |
| Comércio | 1,2 | 0,6 | 1,8 | 8,3 | -0,9 |
| Serviços | 4,2 | 4,4 | 5,8 | 5,7 | -1,2 |
| Agropecuária | -3,4 | -0,6 | 2,9 | 0,8 | -2,4 |
| Outros ^{2/} | 0,0 | 0,2 | 0,4 | -0,5 | 0,4 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 2.28 – IPCA – Fortaleza

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % | | |
|-----------------------|---------------------|------------|-------|----------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Ano | I Tri | 12 meses |
| IPCA | 100,0 | 6,70 | 2,36 | 8,10 |
| Livres | 80,1 | 8,33 | 2,83 | 10,11 |
| Comercializáveis | 44,0 | 6,54 | 0,77 | 7,44 |
| Não comercializáveis | 36,1 | 10,69 | 5,42 | 13,53 |
| Monitorados | 19,9 | 0,69 | 0,47 | 0,64 |
| Principais itens | | | | |
| Alimentação | 32,1 | 13,29 | 5,50 | 18,17 |
| Habitação | 13,0 | 2,48 | -1,53 | -0,06 |
| Artigos de residência | 4,6 | -1,91 | 1,81 | 0,03 |
| Vestuário | 7,7 | 4,46 | -3,64 | 2,77 |
| Transportes | 16,5 | 0,83 | 3,31 | 2,65 |
| Saúde | 9,6 | 5,66 | 1,74 | 6,16 |
| Despesas pessoais | 8,7 | 12,74 | 1,42 | 13,25 |
| Educação | 4,1 | 9,08 | 5,52 | 7,15 |
| Comunicação | 3,8 | 1,20 | -0,04 | 1,59 |

Fonte: IBGE

1/Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

processo inflacionário no estado, atingiu 59,92% no trimestre finalizado em março, ante 64,32% naquele encerrado no final de 2012.

A trajetória dos principais indicadores da economia cearense corrobora expectativas favoráveis ao seu desempenho em 2013. Nesse sentido, além da retomada do crescimento na indústria, o mercado de trabalho e os programas sociais do governo federal deverão contribuir para a continuidade do fortalecimento do mercado interno. As perspectivas de crescimento da economia em 2013 baseiam-se, ainda, na trajetória da indústria de turismo, estimulada por incentivos governamentais e pela realização da copa das confederações em junho, além da intensificação das demais obras de infraestrutura em curso na região.

Pernambuco

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco

Dados dessazonalizados

2002 = 100

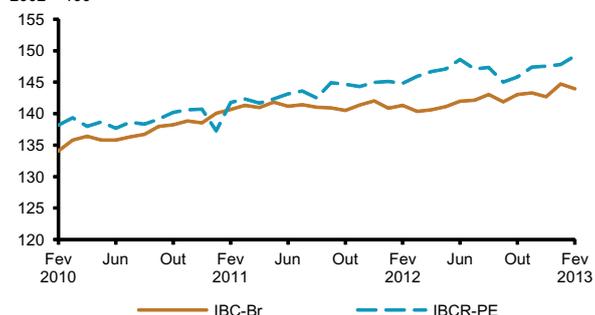
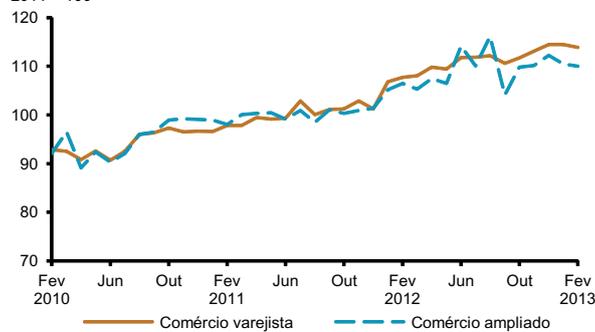


Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.29 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | | 2013 | |
| | Ago ^{1/} | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 2,6 | -0,1 | 2,2 | 10,1 |
| Combustíveis e lubrificantes | -3,0 | 0,7 | 1,7 | 3,6 |
| Hiper e supermercados | 2,2 | -2,4 | -2,1 | 5,7 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 2,3 | 0,0 | 10,0 | 9,9 |
| Móveis e eletrodomésticos | 3,0 | 1,3 | 3,1 | 13,1 |
| Comércio ampliado | 6,6 | -4,8 | 2,7 | 8,8 |
| Automóveis e motocicletas | 21,1 | -19,9 | 2,2 | 4,1 |
| Material de construção | 2,0 | 1,8 | 3,0 | 17,1 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB de Pernambuco em 2012 cresceu 2,3%, de acordo com dados preliminares da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem), enquanto o IBCR-PE se elevou 2,9%, no mesmo período. Resultados do Condepe/Fidem indicam crescimento de 3,7% no setor industrial, favorecido por expansão de 8,3% na construção civil, e de 2,7% no setor de serviços. Na margem, o nível de atividade, conforme o IBCR-PE, aumentou 1,4% no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, revertendo a trajetória de contração de 1,1% ocorrida no trimestre finalizado em novembro, considerando dados com ajuste sazonal.

As vendas varejistas do estado cresceram 2,2% no trimestre encerrado em fevereiro, segundo dados com ajuste sazonal da PMC/IBGE, comparativamente ao trimestre encerrado em novembro, quando diminuíra 0,1%. Houve redução apenas no segmento de hiper e supermercados, de 2,1%, com os demais apresentando expansão, especialmente tecidos, vestuário e calçados, 10,0%. O comércio ampliado registrou alta de 2,7%, influenciado principalmente pelo crescimento de 3,0% no comércio de materiais de construção.

Nos doze meses encerrados em fevereiro de 2013, em comparação com o mesmo período do ano anterior, o comércio varejista e o comércio ampliado de Pernambuco cresceram, respectivamente, 10,1% e 8,8%, com ênfase para os segmentos de material de construção, 17,1% e móveis e eletrodomésticos 13,1%.

A produção industrial do estado avançou 3,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, recuperando parcialmente a contração observada no trimestre anterior, de 5,6%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF/IBGE. O resultado foi favorecido pelas expansões de minerais não metálicos, 5,5%, química, 5,0% e alimentação e bebidas, 4,4%. O nível de utilização de capacidade instalada (Nuci) passou de 71,5% para 73,3% na mesma base de comparação, de acordo com dados da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), aproximando-se do nível médio do período a partir do início do ano de 2003, 73,9%.

Considerados intervalos de doze meses, a indústria contraiu 0,4% em fevereiro, registrando reduções de 5,4% na indústria química e de 2,2% na de alimentos e bebidas, parcialmente compensadas pela elevação de 5,4% em metalurgia básica.

Tabela 2.30 – Produção industrial – Pernambuco

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|------------------------|--------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | Pesos ^{1/} 2012 | 2013 | | Acum. 12 meses |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | |
| Indústria geral | 100,0 | -5,6 | 3,1 | -0,4 |
| Alimentação e bebidas | 37,3 | -5,5 | 4,4 | -2,2 |
| Metalurgia básica | 14,5 | -1,5 | 2,1 | 5,4 |
| Química | 14,0 | -9,4 | 5,0 | -5,4 |
| Minerais não metálicos | 7,8 | -5,7 | 5,5 | 0,4 |

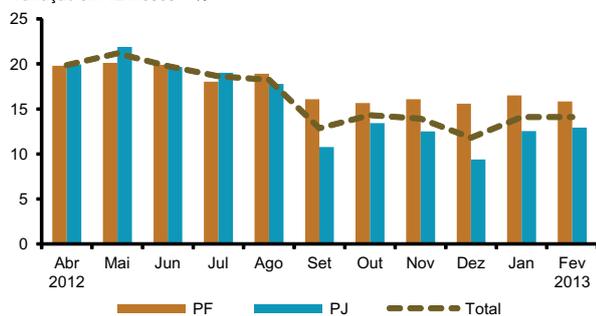
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.31 – Necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|----------------------|--------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 Jan-dez | 2012 Jan-dez | 2011 Jan-dez | 2012 Jan-dez |
| Estado de Pernambuco | -417 | 600 | 320 | 712 |
| Governo estadual | -78 | 460 | 323 | 712 |
| Capital | -200 | 48 | -2 | -0 |
| Demais municípios | -139 | 92 | -1 | 0 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 2.32 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|----------------------|-----------------------|--------------------------|----------------------|---------------------|-------------------------------------|-------|
| | Dívida 2011 Dez | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} 2012 Dez | |
| | | 2011 Nominal | Outros ^{4/} | | | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | | |
| Estado de Pernambuco | 3 978 | 600 | 712 | 1311 | 136 | 5 425 |
| Governo estadual | 4 030 | 460 | 712 | 1171 | 135 | 5 336 |
| Capital | 239 | 48 | -0 | 48 | 1 | 288 |
| Demais municípios | -291 | 92 | 0 | 92 | 0 | -199 |

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas no estado, somaram R\$66,4 bilhões em fevereiro, elevando-se 1,3% no trimestre e 14,1% em doze meses. No segmento de pessoas físicas o saldo alcançou R\$26,7 bilhões, com aumentos de 2,5% e 15,9% nas bases de comparação mencionadas. O segmento de pessoas jurídicas atingiu saldo de R\$39,6 bilhões, elevação de 0,4% no trimestre e de 12,9% em doze meses. A taxa de inadimplência nas operações de crédito situou-se em 3,05% em fevereiro, ante 3,03% em novembro, refletindo a elevação de 0,07 p.p., para 1,42%, no segmento de pessoas jurídicas e a retração de 0,09 p.p., para 5,48%, no de pessoas físicas.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios pernambucanos apresentaram *deficit* de R\$600 milhões em 2012, após *superavit* R\$417 milhões em 2011. Contribuíram para esse resultado os *deficits* R\$460 milhões do governo do estado, de R\$48 milhões o da capital e de R\$92 milhões, os dos principais municípios, após *superavits* de R\$78 milhões, de R\$200 milhões e de R\$139 milhões, na ordem, em 2011.

A arrecadação do governo do estado cresceu 8,9% no ano, assinalando-se as elevações nas receitas associadas ao ICMS, 7,8%, e as receitas previdenciárias, 17,8%. As despesas correntes cresceram 12,5%, com os gastos com pessoal e encargos elevando-se 13,8%. Os juros nominais, apropriados por competência, expandiram-se 122,5% no ano, resultando em *deficit* nominal de R\$1,2 bilhão.

A dívida líquida do governo do estado e principais municípios de Pernambuco somaram R\$5,4 bilhões em dezembro de 2012, com elevação de 36,4%, em relação a dezembro do ano anterior, o que ampliou a sua participação no endividamento do Nordeste, de 12,1%, ao final de 2011 para 14,5%. Note-se que 98,4% dessa dívida é responsabilidade do governo do estado.

O LSPA de março, do IBGE, estima a recuperação na produção de grãos em 2013, apontando crescimento de 364,3% relativamente ao ano anterior. O Levantamento prevê, ainda, aumento na produção de cana de açúcar para o ano em curso de 3,0%, resultante do aumento de 2,0% no rendimento e de 1,1% da área colhida. Nas demais culturas consideradas no LSPA destacam-se o crescimento estimado para as colheitas da mandioca, 53,6%, e banana, 39,7%, e a redução na produção de tomate, 20,8%.

A balança comercial pernambucana foi deficitária em R\$2,0 bilhões no primeiro trimestre de 2013, de acordo

Tabela 2.33 – Produção agrícola – Pernambuco

Itens selecionados

| Discriminação | Peso ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|------------------------|--------------------|------------------------|--------------------|-------------------------|
| | | Produção ^{2/} | | Variação % 2013/2012 |
| | | 2012 | 2013 ^{2/} | |
| Grãos | | | | |
| Feijão | 4,3 | 18 | 92 | 404,9 |
| Milho | 1,0 | 18 | 131 | 628,5 |
| Outras lavouras | | | | |
| Cana-de-açúcar | 44,3 | 14 242 | 14 676 | 3,0 |
| Uva | 18,8 | 225 | 234 | 4,0 |
| Banana | 7,2 | 408 | 569 | 39,7 |
| Mandioca | 4,5 | 342 | 525 | 53,6 |
| Tomate | 3,7 | 100,4 | 79,6 | -20,8 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Tabela 2.34 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|---------------------|--------------|------|--------|--------|
| | Pernambuco | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total ^{1/} | 645 | 215 | -66,7 | -7,7 |
| Básicos | 10 | 10 | -1,8 | -8,4 |
| Industrializados | 635 | 205 | -67,7 | -6,9 |
| Semimanufaturados | 91 | 78 | -14,0 | -3,4 |
| Manufaturados | 544 | 127 | -76,7 | -8,2 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.35 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Pernambuco | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 1 462 | 2 166 | 48,1 | 6,3 |
| Bens de consumo | 162 | 163 | 0,8 | -5,1 |
| Duráveis | 79 | 82 | 4,8 | -14,0 |
| Não duráveis | 83 | 81 | -3,0 | 5,9 |
| Bens intermediários | 487 | 551 | 13,1 | 3,9 |
| Bens de capital | 191 | 156 | -18,4 | 5,3 |
| Combustíveis e lubrificantes | 623 | 1296 | 108,3 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

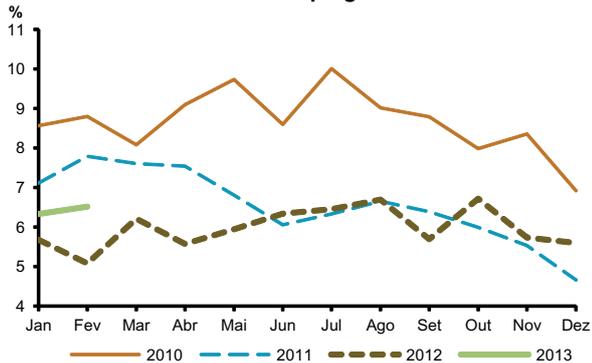
com o MDIC, representando aumento de 138,8% com relação ao registrado no mesmo período do ano anterior. Enquanto as exportações contraíram 67,7%, as importações avançaram 48,1%, atingindo R\$215 milhões e R\$2,2 bilhões, na ordem.

O desempenho das exportações resultou de contração de 65,1% no *quantum* e de 4,7% nos preços. Houve redução em todos os fatores agregados, com destaque para os industrializados, que contraíram 67,7%, enquanto os produtos básicos permaneceram praticamente estáveis, com queda de 1,8%. O recuo nas exportações de industrializados reflete a elevada base do primeiro trimestre de 2012 devido à venda de plataforma de petróleo. Estados Unidos, Portugal, Líbia, Argentina e Nigéria, nessa ordem, constituíram os principais destinos das exportações e representaram, em conjunto, 55,2% do volume embarcado no primeiro trimestre de 2013.

O aumento das importações no estado decorreu da ampliação de 50,9% no *quantum*, e da queda de 1,8% nos preços. Esse desempenho foi determinado, principalmente, pela elevação de 108,3% nas compras externas de combustíveis e lubrificantes, impactadas pelo aumento de 149,4% nas compras de óleo diesel para abastecimento de usinas termoeletricas. Assinale-se também o crescimento de 0,8% das compras de bens de consumo e 13,1% nas de matérias-primas, parcialmente compensado pelos recuos de 18,4% nas aquisições de bens de capital. Estados Unidos, Argentina, Holanda e China responderam por 55,8% das importações do estado no trimestre.

De acordo com os dados do Caged/MTE, o mercado de trabalho formal do estado diminuiu em 25,5 mil os postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante 7,5 mil no mesmo período de 2012, desempenho atribuído, em parte, aos efeitos da estiagem sobre a agroindústria sucroalcooleira. Registre-se, também, o impacto dessa agroindústria, que influenciou, por meio do segmento alimentos e bebidas, as demissões líquidas na indústria de transformação, 15,7 mil, e na agropecuária, 5,3 mil. Houve redução de postos de trabalho nos setores de comércio e serviços, totalizando, em conjunto, 5,6 mil. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal recuou 1,8% no trimestre encerrado em fevereiro deste ano, em relação ao terminado em novembro de 2012, quando crescera 0,2%.

De acordo com a PME/IBGE, a taxa média de desemprego na RMR situou-se em 6,2% no trimestre finalizado em fevereiro, ante 5,1% em igual trimestre do ano

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

Tabela 2.36 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|-------|------|------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -7,5 | -5,6 | 22,0 | 23,5 | -25,5 |
| Indústria de transformação | -9,2 | -18,0 | 8,6 | 14,5 | -15,7 |
| Comércio | -1,8 | 1,9 | 0,7 | 9,0 | -3,1 |
| Serviços | 7,2 | 6,6 | 2,3 | 2,9 | -2,5 |
| Construção civil | 2,3 | 4,5 | 2,0 | -0,5 | 0,5 |
| Agropecuária | -6,1 | -0,6 | 8,6 | -1,9 | -5,3 |
| Serviços ind. de utilidade pública | 0,1 | 0,1 | -0,4 | -0,6 | 0,5 |
| Outros ^{2/} | 0,0 | -0,1 | 0,1 | 0,0 | 0,0 |

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.**Tabela 2.37 – IPCA – Recife**

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|---------|--------|-------|
| | | 2012 | | 2013 | |
| | | II Tri | III Tri | IV Tri | I Tri |
| IPCA | 100,0 | 1,34 | 1,48 | 2,03 | 2,27 |
| Livres | 78,7 | 1,24 | 1,84 | 2,41 | 3,02 |
| Comercializáveis | 40,5 | 0,52 | 1,65 | 2,37 | 1,90 |
| Não comercializáveis | 38,2 | 2,03 | 2,06 | 2,45 | 4,24 |
| Monitorados | 21,3 | 1,67 | 0,22 | 0,72 | -0,43 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 26,9 | 2,43 | 3,73 | 3,73 | 5,79 |
| Habitação | 13,0 | 2,32 | 0,83 | 1,39 | -1,27 |
| Artigos de residência | 5,2 | -1,34 | -0,37 | 2,21 | 2,09 |
| Vestuário | 7,8 | 1,29 | 0,71 | 1,49 | 0,09 |
| Transportes | 15,7 | -0,84 | -0,05 | 1,07 | 1,60 |
| Saúde | 12,5 | 1,74 | 1,25 | 1,30 | 1,61 |
| Despesas pessoais | 9,8 | 2,65 | 2,21 | 2,71 | 1,54 |
| Educação | 4,7 | 0,21 | 0,69 | 0,33 | 5,27 |
| Comunicação | 4,3 | 1,12 | -0,20 | 0,94 | -0,79 |

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a março de 2013.

anterior. Considerados dados dessazonalizados, o desemprego aumentou 0,2 p.p. em relação ao trimestre anterior, resultado de variações negativas de 0,8% na população ocupada e de 0,6 da PEA. Os rendimentos médios habituais reais recebidos pelas pessoas ocupadas, que diminuíram 0,7% no trimestre, acumularam alta de 7,4% na média dos últimos 12 meses em relação ao mesmo período anterior.

O IPCA da RMR variou 2,27% no primeiro trimestre de 2013, após crescimento de 2,03% no trimestre anterior. Essa trajetória refletiu a aceleração dos preços livres, de 2,78% para 3,02%, enquanto os preços monitorados recuaram 0,43% no período, repercutindo as reduções nos preços da energia elétrica residencial, 17,47%, do ônibus interestadual, 1,38%, e de produtos farmacêuticos, 0,50%.

O comportamento dos preços livres foi influenciado pela aceleração, de 2,45% para 4,24%, nos preços dos bens não comercializáveis, com ênfase para o incremento nos itens tubérculos, raízes e legumes, 42,45%, alimentação fora do domicílio, 2,75% e aluguel residencial, 6,07%. Os bens comercializáveis variaram 1,90% no trimestre, abaixo dos 2,37% do trimestre anterior. Nessa categoria, destacam-se as expansões de 14,33% nos preços do frango, 3,16%, nos de cuidados pessoais, e 3,90% nos de leites e derivados, compensados parcialmente pelas reduções de 9,39% nos preços dos aparelhos telefônicos e de 0,97% nos de carnes *in natura*.

O índice de difusão do IPCA indicou maior disseminação nos reajustes de preços no estado e atingiu, em média, 70,7% no trimestre encerrado em março, ante 68,1% naquele terminado em dezembro.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da RMR alcançou 7,30% em março, ante 6,79% em dezembro. Os preços monitorados, que haviam elevado 5,52% em 2012, desaceleraram para 2,18% nos doze meses encerrados em março, realçando-se o impacto da redução da energia elétrica residencial, 13,43% e do telefone fixo, 1,77%, enquanto planos de saúde e gasolina apresentaram aumentos respectivos de 8,05% e 6,31%. Os preços livres aceleraram, de 7,12% no ano de 2012 para 8,77% em doze meses até março, com destaque para elevação nos preços de alimentação fora do domicílio, 11,38%, tubérculos, raízes e legumes, 79,65%, e aluguel residencial, 12,62%.

Os indicadores da conjuntura recente sinalizam fase de acomodação da economia pernambucana, em relação

ao desempenho exibido nos últimos anos, embora na margem o IBCR-PE aponte recuperação. Tal contexto está condicionado pela frágil demanda do setor externo, pelos efeitos da intensa seca na região e pela estabilização dos fluxos de investimento, que têm se concentrado em obras de construção civil, na implantação dos projetos e na geração de infraestrutura e de imóveis residenciais. Contudo, os anúncios de vários projetos adicionais sugerem a retomada do crescimento econômico em ritmo mais acelerado.

Região Centro-Oeste

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Centro-Oeste

Dados dessazonalizados

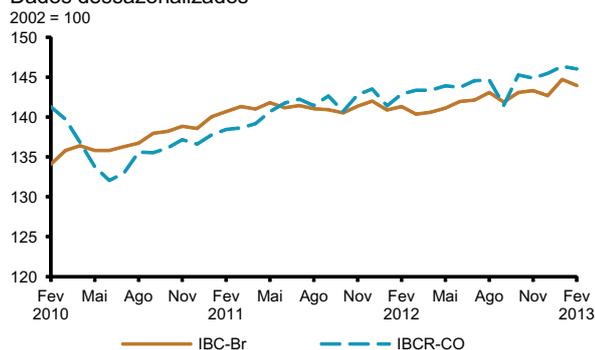
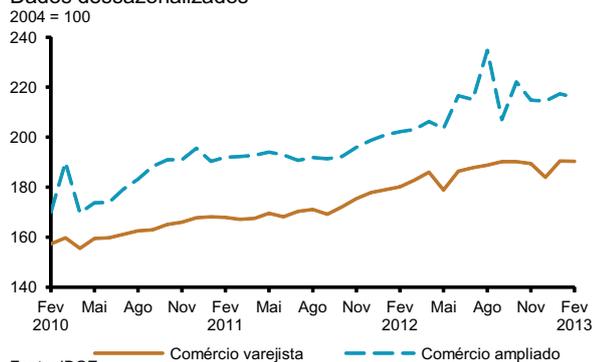


Gráfico 3.2 – Comércio varejista – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 3.1 – Índice de vendas no varejo – Agregação para GO e DF^{1/}

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|----------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | | 2013 | |
| | Ano | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 7,2 | 0,3 | -1,2 | 6,7 |
| Combustíveis e lubrificantes | 7,8 | 1,8 | -0,7 | 7,4 |
| Hiper e supermercados | 6,1 | 0,0 | -2,5 | 5,0 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 1,2 | 4,0 | -3,3 | 2,3 |
| Móveis e eletrodomésticos | 13,5 | -0,1 | 0,7 | 11,9 |
| Outros art. de uso pessoal/dom. | 9,9 | -2,7 | 3,2 | 11,1 |
| Comércio varejista ampliado | 8,1 | -3,9 | 1,5 | 8,3 |
| Veículos e motos, partes e peças | 10,9 | -13,3 | 9,1 | 12,0 |
| Material de construção | 5,9 | 2,1 | -2,0 | 6,1 |

Fonte: IBGE

1/ GO e DF são os únicos entes federados da região estratificados pelo IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica na região Centro-Oeste se expandiu no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, refletindo especialmente o desempenho da indústria de transformação. Nesse contexto, o IBCR-CO, após ajuste sazonal dos dados, aumentou 1,4% no período, em relação ao trimestre encerrado em novembro, quando havia recuado 0,3% no mesmo tipo de comparação. Em doze meses até fevereiro, o indicador aumentou 2,1%, comparativamente a elevação de 2,4% no período terminado em novembro.

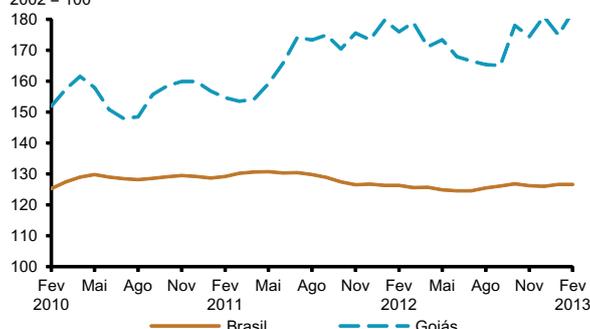
O volume de vendas do comércio varejista na região recuou 0,9% no trimestre findo em fevereiro, segundo dados da PMC do IBGE ajustados sazonalmente, após expansão de 1,2% no trimestre encerrado em novembro. Nesse tipo de comparação, observou-se crescimento de 0,5% no Mato Grosso do Sul, enquanto em Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal houve retrações respectivas de 1,5%, 1,4% e 1,1%. Considerando o conceito ampliado, que agrega as vendas de automóveis, motos, peças e partes, bem como de material de construção, o volume de vendas aumentou 0,6% no período, recuperando-se da queda de 3,4% registrada no trimestre encerrado em novembro.

Considerando o comércio agregado do Distrito Federal e Goiás, únicas unidades da federação da região para as quais o IBGE divulga dados estratificados por ramo de comércio, destacam-se as reduções de 21,1% nos ramos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, de 3,3% no segmento de tecidos, vestuário e calçados, e de 2,5% em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, concomitante aos aumentos de 4,2% no comércio de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, e 3,2% em outros artigos de uso pessoal e doméstico. As vendas de veículos e de material de construção registraram variações respectivas de 9,1% e -2% no trimestre.

Em períodos de doze meses, as vendas do comércio varejista na região cresceram 8,4%, em fevereiro, ante 9,3%

em novembro. Essa dinâmica resultou das expansões de 16,3% no Mato Grosso do Sul; 8,3% em Goiás; 6,8% no Mato Grosso e 4,1% no Distrito Federal. No agregado de Goiás e Distrito Federal, a expansão alcançou 17,4% nas vendas de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; 11,9% nas de móveis e eletrodomésticos; 11,1% nas de outros artigos de uso pessoal e doméstico; e 5% nas de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. No comércio ampliado, observou-se expansão de 10%, percentual ligeiramente superior ao registrado em novembro, 9,7%. As vendas de veículos, no agregado Goiás e Distrito Federal, cresceram 12%, e as de material de construção, 6,1%. Por unidade da federação, registraram-se expansões de 13,7% no Mato Grosso; 10,5% no Mato Grosso do Sul; 8,9% em Goiás e 6,4% no Distrito Federal.

Gráfico 3.3 – Produção industrial – Goiás
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 3.2 – Produção industrial – Goiás

Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | |
|----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
| | | 2012 | | 2013 |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | Ac. 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 5,5 | 4,6 | 2,0 |
| Indústria extrativa | 7,3 | 3,5 | -13,3 | -2,8 |
| Indústria de transformação | 92,7 | 3,8 | 9,3 | 2,3 |
| Alimentos e bebidas | 42,8 | -1,0 | 6,5 | 0,8 |
| Produtos químicos | 40,0 | 18,8 | 16,2 | 3,9 |
| Minerais não metálicos | 5,5 | 7,6 | -1,1 | 4,4 |
| Metalurgia básica | 4,4 | -2,2 | 2,3 | 6,8 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

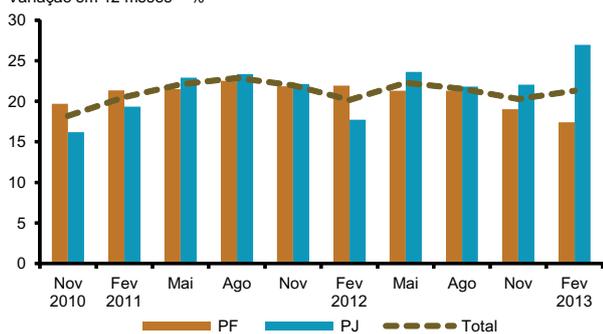
A produção industrial em Goiás, único estado da região incluído na PIM-PF do IBGE, cresceu 4,6% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando havia aumentado 5,5% nesse tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados. A produção da indústria extrativa mineral diminuiu 13,3%, enquanto a da transformação expandiu 9,3%, ressaltando-se a elevação de 16,2% no segmento de produtos químicos, assim como os acréscimos de 6,5% nas indústrias de alimentos e de 2,3% em metalurgia básica. A produção do segmento de minerais não metálicos recuou 1,1%.

A produção da indústria goiana, acumulada em doze meses, aumentou 2% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 4,3% em novembro. A atividade da indústria extrativa recuou 2,8%, influenciada pela retração na exploração de amianto, enquanto a produção fabril aumentou 2,3%, destacando-se a expansão no segmento de produtos químicos, 3,9%, impulsionado pela produção de medicamentos. A produção da indústria de alimentos aumentou 0,8% no período e a dos segmentos de metalurgia básica e minerais não metálicos 6,8% e 4,4%, na ordem.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei/GO), divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), atingiu 61,1 pontos em março, ante 61,9 pontos em dezembro e 59,9 pontos em março do ano anterior. A evolução trimestral refletiu a retração de 4,5 pontos no Indicador de Condições Atuais, que avalia a situação no momento da pesquisa, enquanto o Indicador de Expectativas, que avalia o sentimento dos empresários em relação aos próximos seis meses, aumentou 1,1 ponto.

Gráfico 3.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste^{1/}

Varição em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 3.3 – Necessidades de financiamento – Região Centro-Oeste^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|--------------------|--------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 Jan-dez | 2012 Jan-dez | 2011 Jan-dez | 2012 Jan-dez |
| Total | -2 203 | -2 713 | 2 622 | 3 177 |
| Governos estaduais | -1 885 | -2 243 | 2 570 | 3 115 |
| Capitais | -154 | -68 | 40 | 50 |
| Demais municípios | -164 | -403 | 12 | 13 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 3.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Centro-Oeste^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|--------------------|-----------------------|--------------------------|-------|---------------------|-------------------------------------|--------|
| | Dívida 2011 Dez | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} 2012 Dez | |
| | | Nominal | Juros | Total ^{3/} | Outros ^{4/} | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Outros ^{4/} | |
| Total | 24 868 | -2 713 | 3 177 | 464 | 532 | 25 865 |
| Governos estaduais | 25 310 | -2 243 | 3 115 | 872 | 546 | 26 728 |
| Capitais | -41 | -68 | 50 | -18 | -14 | -73 |
| Demais municípios | -401 | -403 | 13 | -390 | 0 | -791 |

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil na região totalizaram R\$217,5 bilhões em fevereiro, aumentando 4,4% no trimestre e 21,3% em doze meses. Os empréstimos contratados por pessoas físicas atingiram R\$124,9 bilhões, registrando elevações de 4% no trimestre, com destaque para a expansão dos financiamentos imobiliários e rurais, e 17,4% em doze meses. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$92,6 bilhões, elevando-se 4,8% no trimestre, com ênfase nas contratações dos setores de energia, da administração pública, e de construção; e 27,0% em doze meses.

A taxa de inadimplência das operações de crédito atingiu 3,19% em fevereiro, 0,20 p.p. inferior à registrada em novembro, com ênfase nas reduções trimestrais de 0,31 p.p. em Goiás, 0,25 p.p. no Distrito Federal e de 0,13 p.p. em Mato Grosso, em contrapartida ao aumento de 0,04 p.p. no Mato Grosso do Sul, na mesma base de comparação.

Os desembolsos do BNDES para a região Centro-Oeste totalizaram R\$3,59 bilhões no bimestre encerrado em fevereiro de 2013, implicando elevação de 132,5% em relação a igual período de 2012.

Dados fiscais da região evidenciaram *superavit* primário de R\$2,7 bilhões relativo aos governos estaduais, das capitais e dos principais municípios em 2012. O aumento anual de 23% refletiu elevações 19% e de 145% nas esferas dos governos estaduais e demais municípios, respectivamente, e a redução anual do *superavit* das capitais, de R\$154 milhões para R\$68 milhões. Ressalte-se que a arrecadação do ICMS aumentou, em termos reais, 5,5% em 2012, ante 8,4% em 2011.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$3,2 bilhões em 2012, implicando aumento anual de 21% que refletiu, sobretudo, o incremento de 3,1 p.p. na variação anual do IGP-DI, indexador da maior parte dos passivos regionais renegociados com a União. O resultado nominal registrou *deficit* de R\$464 milhões, valor próximo ao observado em 2011, R\$418 milhões.

A participação da dívida líquida da região Centro-Oeste na dívida total das regiões recuou para 4,8% em 2012, ante 5,1%, em 2011, situando-se em R\$25,9 bilhões. As dívidas renegociadas/reestruturadas pela União representaram 82,9% do endividamento líquido ao final do ano e as dívidas bancária e externa, 22,2% e 9,5% respectivamente. A posição credora em disponibilidades líquidas correspondia, no período, a 14,6% da dívida líquida da região.

Tabela 3.5 – Dívida líquida – Região Centro-Oeste^{1/}

Composição

| Região Centro-Oeste | R\$ milhões | | |
|--------------------------------|----------------|----------------|----------------|
| | 2010 | 2011 | 2012 |
| | Dez | Dez | Dez |
| Dívida bancária | 1 562 | 3 530 | 5 742 |
| Renegociação ^{2/} | 22 589 | 22 216 | 20 856 |
| Dívida externa | 761 | 1 136 | 2 444 |
| Outras dívidas junto à União | 5 | 2 | 2 |
| Dívida reestruturada | 569 | 585 | 598 |
| Disponibilidades líquidas | -1 420 | -2 601 | -3 777 |
| Total (A) | 24 066 | 24 868 | 25 865 |
| Brasil^{3/} (B) | 471 992 | 491 433 | 541 717 |
| (A/B) (%) | 5,1 | 5,1 | 4,8 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 3.6 – Produção agrícola – Centro-Oeste

Itens selecionados

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Produção ^{2/} | | Variação % 2013/2012 |
|------------------|---------------------|------------------------|---------|-------------------------|
| | | Em mil toneladas | | |
| | | 2012 | 2013 | |
| Grãos | 81,2 | 70 811 | 71 601 | 1,1 |
| Algodão (caroço) | 10,9 | 2 061 | 1 331 | -35,4 |
| Arroz (em casca) | 1,1 | 745 | 753 | 1,1 |
| Feijão | 2,1 | 659 | 576 | -12,6 |
| Milho | 15,0 | 30 748 | 28 759 | -6,5 |
| Soja | 51,1 | 34 976 | 38 693 | 10,6 |
| Outras lavouras | | | | |
| Cana-de-açúcar | 13,3 | 113 614 | 118 904 | 4,7 |
| Mandioca | 1,1 | 1 311 | 1 298 | -1,0 |
| Tomate | 1,0 | 1 183 | 1 058 | -10,6 |

Fonte: IBGE

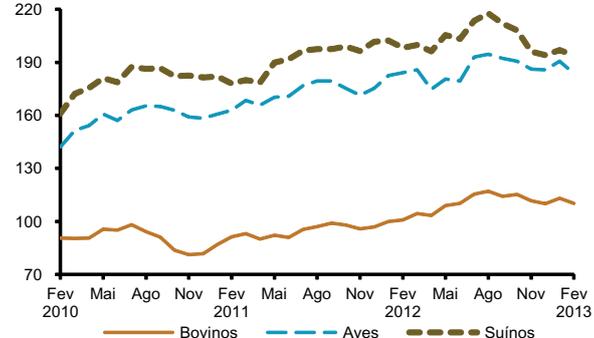
1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Gráfico 3.5 – Abates de animais – Centro-Oeste

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

A safra de grãos no Centro-Oeste deverá aumentar 1,1% em 2013, totalizando 71,6 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. Esse desempenho reflete estimativa de crescimento de 10,6% na produção de soja, resultado da expansão de 11,5% na área plantada. Para a cultura de milho, espera-se queda de 6,5% no volume, apesar do aumento de 10,3% na área plantada, concentrado principalmente no 2º plantio, após a colheita da soja. No âmbito das demais culturas, ressalte-se a estimativa de elevação anual de 4,7% para a produção de cana-de-açúcar.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, equivalentes a cerca de 95% dos abates na região, expandiram 17,4% no primeiro bimestre de 2013, em relação a igual período de 2012, ocorrendo aumentos respectivos de 24,4%, 20,6% e de 10,9% no Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso. A partir de meados de agosto de 2012, as cotações do boi gordo passaram a mostrar recuperação, registrando, em fevereiro, valorização de 11% em relação àquele mês. Os abates de aves e de suínos variaram, na ordem, 5,1% e 4,7%, no primeiro bimestre deste ano relativamente a igual período de 2012.

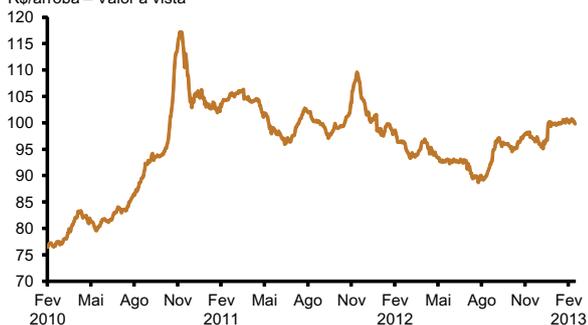
O *superavit* da balança comercial do Centro-Oeste alcançou US\$2,5 bilhões no primeiro trimestre de 2013, aumentando 17,3% sobre o mesmo período do ano anterior, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$6 bilhões e as importações US\$3,5 bilhões, implicando altas de 18,7% e 19,7%, na mesma base de comparação.

O desempenho das exportações no período refletiu elevações de 9,6% no *quantum* e de 8,3% nos preços. As vendas de produtos básicos aumentaram 21,2%, influenciadas pelos incrementos nas exportações de milho em grãos, 569%; carne bovina, 25,6%; e carne de frango, 23,1%. Em oposição, registraram-se quedas nas vendas de soja, minério de cobre e amianto, de 29,2%, 43,1% e 30,1%, respectivamente. No período, as exportações de produtos semimanufaturados aumentaram 2,9%, influenciadas pelos aumentos nos embarques de pastas químicas de madeira, 73,1%; ouro não monetário, 34,3%; e couros e peles, 13,8%. Por outro lado, as vendas de óleo de soja em bruto e ferroligas decresceram, respectivamente, 56,6% e 25,4%. As exportações de produtos manufaturados elevaram-se 27,9%, com ênfase nos aumentos de 122,7% nas vendas de açúcar refinado e de 83,8% em carne de peru em preparações e conservas. Destacaram-se nas aquisições de produtos da região os mercados da China, Holanda, Coreia do Sul, Japão, EUA e Rússia, que absorveram, conjuntamente, 53% das exportações do período.

Gráfico 3.6 – Indicador boi gordo

ESALQ/BM&FBovespa

R\$/arroba – Valor à vista



Fonte: Cepea/ESALQ

Tabela 3.7 – Exportação por fator agregado

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Centro-Oeste | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 5 081 | 6 031 | 18,7 | -7,7 |
| Básicos | 4 194 | 5 082 | 21,2 | -8,4 |
| Industrializados | 887 | 949 | 7,0 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 743 | 765 | 2,9 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 144 | 184 | 28,0 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 3.8 – Importação por categoria de uso

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Centro-Oeste | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 2 918 | 3 494 | 19,7 | 6,3 |
| Bens de capital | 320 | 428 | 33,5 | -5,1 |
| Matérias-primas | 1 074 | 1 267 | 18,0 | -14,0 |
| Bens de consumo | 814 | 826 | 1,4 | 5,9 |
| Duráveis | 381 | 251 | -34,2 | 3,9 |
| Não duráveis | 433 | 575 | 32,7 | 5,3 |
| Combustíveis e lubrificantes | 710 | 974 | 37,2 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 3.9 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|-----------------------------|---|------|------|------|------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -6,3 | 62,4 | 34,9 | -9,9 | -8,3 |
| Indústria de transformação | -3,0 | 22,2 | 8,8 | -8,1 | -3,0 |
| Comércio | -2,6 | 1,5 | 2,9 | 9,7 | -4,2 |
| Serviços | 3,1 | 20,3 | 10,9 | 5,9 | 5,3 |
| Construção civil | -6,5 | 16,0 | 2,1 | -8,9 | -5,3 |
| Agropecuária | 2,4 | 0,4 | 7,0 | -7,9 | -1,0 |
| Indústria extrativa mineral | 0,2 | 0,9 | 0,4 | -0,3 | -0,1 |
| Outros ^{2/} | 0,1 | 1,2 | 2,9 | -0,2 | -0,0 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outras.

O desempenho das importações nos primeiros três meses do ano repercutiu o acréscimo de 19,1% no *quantum*, frente à alta de 0,5% nos preços. As compras de bens de capital aumentaram 33,5%, em função das aquisições de maquinaria industrial, 67,5%, e de acessórios de maquinaria industrial, 420%; enquanto as importações de combustíveis e lubrificantes cresceram 37,2%, impactadas pelo aumento de 40,4% nas compras de gás natural. Os desembarques de matérias-primas intensificaram-se em 18%, sensibilizados pelos aumentos de 38,4% de insumos agrícolas, 38,9% em acessórios de equipamentos de transporte e 31,1% em produtos agropecuários não alimentícios. Os ingressos de bens de consumo cresceram 1,4%, resultado de declínio de 34,2% nos bens duráveis, condicionado pela queda de 38,5% em automóveis, e acréscimo de 32,7% nos não duráveis, refletindo aumento de 35,3% em produtos farmacêuticos e expansão de 30,4% em produtos alimentícios. Bolívia, EUA, China, Coreia do Sul, Alemanha e Japão, responsáveis, em conjunto, por 65% das compras no período, foram os principais mercados de origem das importações da região.

O Centro-Oeste registrou o recuo de 8,3 mil postos de trabalho formais no trimestre finalizado em fevereiro, conforme o Caged/MTE, ante a diminuição de 6,3 mil empregos no mesmo trimestre de 2012. Nessa comparação, somente no setor de serviços houve criação de vagas, 5,3 mil, superando as registradas no ano anterior, 3,1 mil. A agropecuária reduziu mil postos de trabalho, o comércio, 4,2 mil; a construção civil, 5,3 mil; e a indústria de transformação, três mil.

Considerando-se as unidades da federação, somente no Mato Grosso houve criação de novos empregos no trimestre, 1,4 mil, embora inferior aos três mil postos gerados em igual período do ano anterior. No Mato Grosso do Sul eliminaram-se 5,2 mil postos de trabalho; em Goiás, 3,7 mil; e no Distrito Federal, 0,8 mil vagas de trabalho.

A variação do IPCA da região Centro-Oeste, que agrega Brasília e Goiânia, atingiu 1,73% no trimestre encerrado em março, ante 2,19% no finalizado em dezembro, evidenciando, sobretudo, a diminuição nos preços da energia elétrica, parcialmente neutralizada pelo incremento nos preços da alimentação. A redução da inflação refletiu a queda nos preços monitorados, -0,73% contra a alta de 1,62% no trimestre anterior, e o incremento moderado na variação dos preços livres, 2,55% ante 2,37%, na mesma base de comparação.

O comportamento dos preços livres no trimestre esteve associado à desaceleração dos preços comercializáveis, de 2,75% para 1,48%, e à maior variação dos preços de não comercializáveis, que passou de 2,06% para 3,42%. No grupo de comercializáveis, assinalem-se as altas nos preços de pão francês, 5,36%; leite longa vida, 3,17%; e itens de higiene pessoal, 2,75%. Por outro lado, houve reduções nos preços de açúcar cristal, -3,39%, arroz, -2,33% e roupa masculina, -1,39%. No segmento de não comercializáveis, as elevações mais significativas ocorreram nos preços de tomate, 83,37%; empregado doméstico, 4,10%; e refeição fora do domicílio, 2,66%. A variação dos preços monitorados refletiu, principalmente, as quedas em energia elétrica residencial, 17,65%; e ônibus interestadual, 5,98%. Em sentido oposto, houve incremento nos preços de gasolina, 5,66%; taxa de água e esgoto, 3,99%; e planos de saúde, 1,98%. O índice de difusão alcançou 63,8% no trimestre encerrado em março, ante 61,4% no encerrado em dezembro.

Tabela 3.10 – IPCA – Centro-Oeste

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|---------|--------|-------|
| | | 2012 | 2013 | | |
| | | II Trí | III Trí | IV Trí | I Trí |
| IPCA | 100,00 | 0,74 | 1,47 | 2,19 | 1,73 |
| Livres | 76,82 | 0,81 | 1,61 | 2,37 | 2,55 |
| Comercializáveis | 34,06 | 0,57 | 1,61 | 2,75 | 1,48 |
| Não comercializáveis | 42,76 | 0,99 | 1,61 | 2,06 | 3,42 |
| Monitorados | 23,18 | 0,54 | 1,06 | 1,62 | -0,73 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentos e bebidas | 22,70 | 1,13 | 2,66 | 2,36 | 5,09 |
| Habitação | 15,05 | 1,86 | 2,76 | 2,13 | -1,58 |
| Artigos de residência | 4,62 | 0,40 | 0,12 | 2,82 | 1,34 |
| Vestuário | 6,24 | 2,05 | 1,94 | 2,64 | 0,03 |
| Transportes | 21,00 | -2,32 | 0,18 | 2,67 | 0,72 |
| Saúde | 10,05 | 1,70 | 0,89 | 1,12 | 1,54 |
| Despesas pessoais | 10,71 | 3,31 | 1,63 | 2,76 | 1,84 |
| Educação | 4,66 | 0,13 | 0,71 | 0,59 | 5,83 |
| Comunicação | 4,97 | 1,14 | 0,26 | 0,93 | 0,32 |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2013.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da região Centro-Oeste variou 6,27% em março, ante 5,41% em dezembro de 2012, resultado de aceleração nos preços livres, de 6,00% para 7,53%, contrabalançada pela redução nos preços dos monitorados, de 3,56% para 2,51%, na mesma base de comparação. No âmbito dos preços livres, houve acelerações nos preços de itens comercializáveis, de 4,57% para 6,56%, destacando-se cigarros, 39,23%; arroz, 25,61%; e roupa feminina, 11,18%. No grupo de não comercializáveis, cuja inflação passou de 7,17% para 8,31%, destacaram-se as altas nos preços de tomate, 109,55%; empregado doméstico, 11,78%; aluguel residencial, 9,98%; e a refeição fora do domicílio, 7,92%. Entre os monitorados, as elevações mais relevantes ocorreram em taxa de água e esgoto, 8,57%; plano de saúde, 8,02%; e gasolina, 3,02%; em sentido oposto, houve redução de 6,01% na tarifa de energia elétrica residencial.

A atividade econômica no Centro-Oeste foi beneficiada pela elevação dos preços das *commodities* agrícolas ao longo de 2012, o que conferiu maior dinamismo à agricultura da região neste ano, refletido nas estimativas favoráveis para a safra. Destaque-se o aumento de investimentos, evidenciado pelas maiores importações de bens de capital e pela expansão dos desembolsos do BNDES para a região, ações que contribuem para dar suporte ao crescimento sustentável da economia local.

Região Sudeste

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sudeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

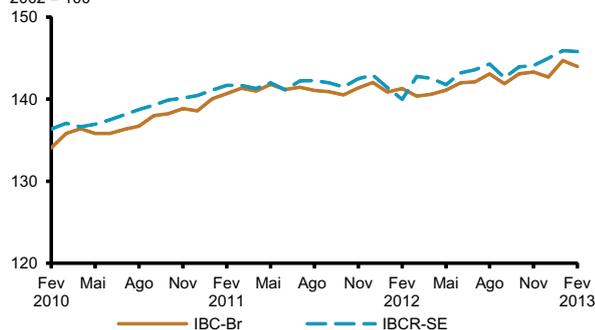
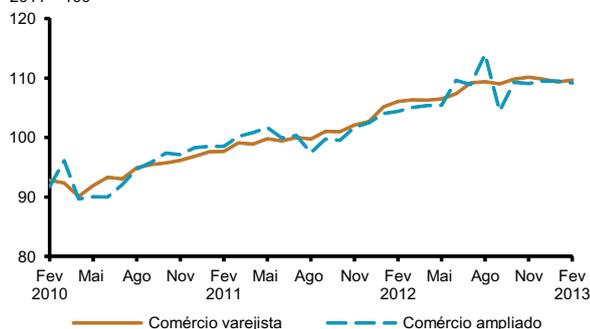


Gráfico 4.2 – Comércio varejista – Sudeste

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1 – Comércio varejista – Sudeste

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | | 2013 | |
| | Ano | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 8,1 | 0,9 | -0,1 | 7,2 |
| Combustíveis e lubrificantes | 6,0 | 3,6 | -2,7 | 7,1 |
| Hiper e supermercados | 9,4 | 0,6 | 0,4 | 7,9 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 1,3 | -0,7 | -2,0 | 1,6 |
| Móveis e eletrodomésticos | 11,6 | -0,6 | 2,5 | 10,2 |
| Comércio ampliado | 7,6 | -2,9 | 1,7 | 7,4 |
| Automóveis e motocicletas | 6,9 | -12,3 | 5,2 | 8,0 |
| Material de construção | 7,9 | 3,0 | 6,0 | 6,7 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Após certa estabilidade no trimestre anterior, a atividade econômica do Sudeste cresceu no trimestre encerrado em fevereiro, impulsionada, sobretudo, pela recuperação das vendas do comércio, notadamente do setor automobilístico. Nesse contexto, não obstante a ligeira retração da produção industrial no período, o IBCR-SE aumentou 1,4% em relação ao trimestre anterior, quando decrescera 0,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Em doze meses, o indicador cresceu 1,3% em fevereiro, ante 1,1% em novembro, com tendência de maior dinamismo nos próximos meses em resposta ao maior ritmo de crescimento na margem.

As vendas do comércio varejista da região contraíram 0,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam aumentado 0,9% no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Esse desempenho refletiu, em parte, o comportamento desfavorável do segmento de combustíveis e lubrificantes, -2,7%, e de tecidos, vestuário e calçados, -2,0%. O comércio ampliado, ao incorporar ao comércio varejista variações respectivas de 5,2% e 6,0% das vendas de veículos e de material de construção, cresceu 1,7%, ante queda de 2,9% no trimestre encerrado em novembro.

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo aumentaram 7,2% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 8,2% em novembro. Com elevações de 8,0% e de 6,7% nas vendas de veículos e de material de construção, o comércio ampliado expandiu 7,4%, na mesma base de comparação.

A produção industrial da região recuou 0,3% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando crescera 1,9% no mesmo tipo de comparação, com base em dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. A indústria extrativa decresceu 1,4% e a de transformação aumentou 0,4%, assinalando-se que quinze das 23 atividades pesquisadas expandiram no período,

Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|----------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 1,9 | -0,3 | -2,1 |
| Indústria extrativa | 5,3 | 0,7 | -1,4 | -1,3 |
| Indústria de transformação | 94,7 | 1,7 | 0,4 | -2,1 |
| Alimentos | 10,9 | 7,1 | 3,3 | -2,7 |
| Veículos automotores | 9,3 | 2,2 | 0,3 | -6,6 |
| Refino de petróleo e álcool | 9,1 | 4,7 | -0,1 | 6,3 |
| Outros produtos químicos | 7,7 | 4,7 | -3,8 | 0,6 |
| Metalurgia básica | 7,6 | -1,5 | -3,5 | -6,3 |

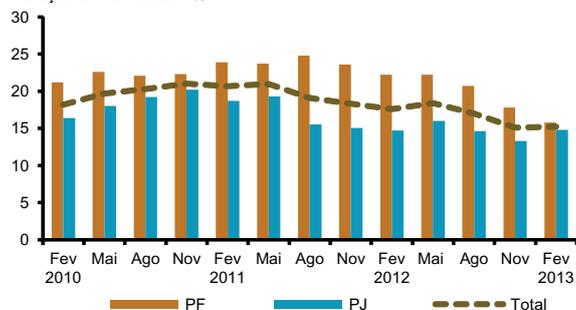
Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.3 – Evolução do saldo das operações de crédito^{1/} – Sudeste

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 4.3 – Desembolsos do BNDES – Sudeste

| Discriminação | Var. % acum. 12 meses | | | | 2013 ^{1/} | |
|---------------|-----------------------|-------|------|--------------------|--------------------|----------|
| | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 ^{1/} | R\$ milhões | Part.(%) |
| Sudeste | 36,7 | -30,0 | 6,2 | 7,5 | 73 383 | 45 |
| Brasil | 23,5 | -18,0 | 12,3 | 18,4 | 162 012 | 100 |

Fonte: BNDES

1/ Valores acumulados em doze meses até fevereiro.

Tabela 4.4 – Necessidades de financiamento – Região Sudeste^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|--------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Total | -22 753 | -13 165 | 41 650 | 52 149 |
| Governos estaduais | -16 007 | -10 801 | 31 815 | 40 518 |
| Capitais | -3 957 | -2 375 | 9 005 | 10 616 |
| Demais municípios | -2 790 | 11 | 829 | 1 014 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

com ênfase nos setores de edição, impressão e reprodução de gravações, 3,4%; e de alimentos, 3,3%. Em oposição, houve retração na produção de máquinas para escritório e equipamentos de informática, 18,1%; outros produtos químicos, 3,8%; e metalurgia básica, 3,5%.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do Sudeste recuou 2,1% em fevereiro, ante 3,3% em novembro. Destacaram-se as elevações de 19,8% no segmento relativo a outros equipamentos de transporte e de 6,3% em refino de petróleo e álcool e, em sentido contrário, as retrações de 8,5% no setor de máquinas e equipamentos e de 6,6% no de veículos automotores.

O nível de confiança do empresário industrial para a região Sudeste, avaliado pelo Icei da CNI, manteve-se relativamente estável na margem, em área de otimismo, atingindo 54,3 pontos em março deste ano, ante 54,9 pontos em fevereiro e 56,4 pontos em março de 2012.

A carteira de operações de crédito superiores a R\$1 mil, contratadas na região, totalizou R\$1.260 bilhões em fevereiro, elevando-se 2,8% no trimestre e 15,2% em doze meses. A carteira de pessoas físicas, evidenciando o dinamismo das modalidades crédito imobiliário e crédito pessoal, somou R\$515,7 bilhões, aumentando 3% e 15,8% nas bases de comparação mencionadas. No segmento de pessoas jurídicas, em que prevaleceram as operações de desconto de recebíveis e de financiamento de veículos, o estoque das operações de crédito atingiu R\$744,1 bilhões, representando expansão de 2,7% e 14,8%, respectivamente, nos períodos considerados.

A inadimplência das operações de crédito contratadas na região atingiu 3,1% em fevereiro, mesmo patamar de novembro. As taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas mantiveram-se em 4,8% e 2%, respectivamente.

Os desembolsos do BNDES para a região Sudeste cresceram 9% no trimestre finalizado em fevereiro, ante igual período do ano anterior, e 7,5% em doze meses, absorvendo 45,3% das operações realizadas no país.

Os governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sudeste apuraram *superavit* primário de R\$13,2 bilhões em 2012, resultado 42,1% inferior ao de 2011. Foram registradas reduções de 32,5% no *superavit* dos estados e de 40% no das capitais, além de reversão do *superavit* de R\$2,8 bilhões para *deficit* de R\$11 milhões nos

Tabela 4.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sudeste^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|-------------------|-----------------------|--------------------------|--------|---------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| | Dívida 2011 Dez | Fluxos acumulados no ano | | | Outros ^{4/} Dez | Dívida ^{2/} 2012 Dez |
| | | Nominal | Juros | Total ^{3/} | | |
| Total | 358 386 | -13 165 | 52 149 | 38 983 | -436 | 396 934 |
| Gov. estaduais | 292 428 | -10 801 | 40 518 | 29 717 | -221 | 321 925 |
| Capitais | 67 142 | -2 375 | 10 616 | 8 241 | -283 | 75 101 |
| Demais municípios | -1 184 | 11 | 1 014 | 1 025 | 68 | -92 |

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 4.6 – Dívida líquida – Região Sudeste^{1/}

Composição

| Região Sudeste | R\$ milhões | | |
|--------------------------------|----------------|----------------|----------------|
| | 2010 | 2011 | 2012 |
| | Dez | Dez | Dez |
| Dívida bancária | 7 994 | 9 484 | 15 679 |
| Renegociação ^{2/} | 315 998 | 334 203 | 360 005 |
| Dívida externa | 12 752 | 15 654 | 20 730 |
| Outras dívidas junto à União | 17 677 | 16 903 | 16 474 |
| Dívida reestruturada | 810 | 825 | 845 |
| Disponibilidades líquidas | -14 282 | -18 682 | -16 799 |
| Total (A) | 340 948 | 358 386 | 396 934 |
| Brasil^{3/} (B) | 471 992 | 491 433 | 541 717 |
| (A/B) (%) | 72,2 | 72,9 | 73,3 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 4.7 – Produção agrícola – Sudeste

Itens selecionados

| Discriminação | Peso ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|------------------|--------------------|------------------------|---------|---------------------|
| | | Produção ^{2/} | | Var. % 2013/2012 |
| | | 2012 | 2013 | |
| Grãos | | 19 227 | 19 342 | 0,6 |
| Arroz (em casca) | 0,2 | 153 | 100 | -34,4 |
| Feijão | 2,1 | 887 | 804 | -9,4 |
| Milho | 6,7 | 12 471 | 12 085 | -3,1 |
| Soja | 4,7 | 4 545 | 5 183 | 14,0 |
| Outras lavouras | | | | |
| Café | 21,9 | 2 698 | 2 571 | -4,7 |
| Banana | 2,7 | 2 276 | 2 243 | -1,5 |
| Cana-de-açúcar | 40,0 | 438 612 | 489 792 | 11,7 |
| Laranja | 8,3 | 15 418 | 12 639 | -18,0 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

principais municípios da região. O desempenho fiscal da região refletiu, em grande parte, a elevação das transferências correntes e das despesas com pessoal e encargos sociais.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$52,1 bilhões em 2012, ante R\$41,7 bilhões em 2011, contribuindo para a expansão do *deficit* nominal, de R\$18,9 bilhões para R\$39 bilhões.

O estoque da dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios da região somou R\$396,9 bilhões em dezembro de 2012, com elevação de 10,8% em relação a dezembro de 2011, correspondendo a 73,3% da dívida de todos os estados, capitais e de principais municípios do país.

A produção de grãos da região Sudeste deverá atingir 19,3 milhões de toneladas em 2013, 0,6% superior à safra de 2012, representando 10,7% da produção nacional, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. Ressalte-se a expansão estimada de 14% para a safra de soja, resultado do aumento de 11,3% na área plantada e de 2,6% na produtividade. Para os cultivos de arroz, feijão e milho, estimam-se retrações respectivas de 34,4%, 9,4% e 3,1%, refletindo redução do rendimento médio e da área plantada. Quanto às demais lavouras, destaca-se o crescimento previsto para a safra de cana-de-açúcar, 11,7%, e a redução das produções de café, 4,7%, em razão do ciclo bienal de baixa produtividade, e de laranja, 18%, reflexo da diminuição da área plantada que vem sendo substituída por canaviais.

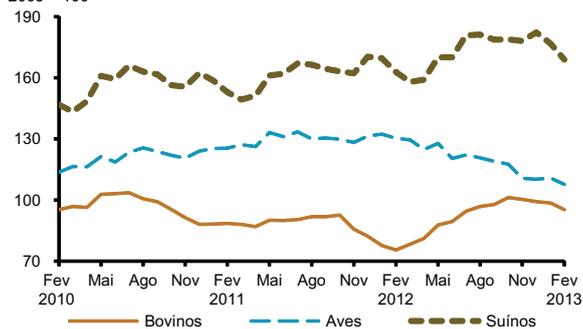
No primeiro bimestre do ano os abates de bovinos, de aves e de suínos, realizados em estabelecimentos inspecionados pelo SIF, apresentaram variações de 34,5%, -14,4% e 9,1%, na ordem, em comparação com igual período de 2012, de acordo com estatísticas do Mapa. A expansão do abate de bovinos respondeu, em parte, à recuperação da demanda externa, e a de suínos, à elevação do preço internacional e dos volumes exportados. Quanto à avicultura, a diminuição dos abates no período foi motivada pelo aumento dos custos de produção que desestimulou a oferta.

A balança comercial da região foi deficitária em US\$2 bilhões no primeiro trimestre de 2013, ante *superavit* de US\$2,5 bilhões em igual período do ano anterior, refletindo a redução de 11,1% nas exportações e a expansão de 3,6% nas importações, que somaram, na ordem, US\$27,6 bilhões e US\$29,6 bilhões.

Gráfico 4.4 – Abates de animais – Sudeste

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.8 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
| | Sudeste | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 31 106 | 27 659 | -11,1 | -7,7 |
| Básicos | 12 751 | 9 873 | -22,6 | -8,4 |
| Industrializados | 18 354 | 17 786 | -3,1 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 4 062 | 4 078 | 0,4 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 14 292 | 13 707 | -4,1 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

^{1/} Inclui operações especiais.**Tabela 4.9 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|--------|--------|--------|
| | Sudeste | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 28 588 | 29 627 | 3,6 | 6,3 |
| Bens de capital | 7 340 | 7 622 | 3,8 | 5,3 |
| Matérias-primas | 12 506 | 12 985 | 3,8 | 3,9 |
| Bens de consumo | 5 238 | 4 972 | -5,1 | -5,1 |
| Duráveis | 2 467 | 2 161 | -12,4 | -14,0 |
| Não duráveis | 2 771 | 2 811 | 1,5 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 3 504 | 4 048 | 15,5 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.10 – Evolução do emprego formal – Sudeste

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|-------|-------|-------|--------|
| | 2012 | | | 2013 | |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -73,5 | 330,6 | 186,0 | 87,0 | -202,7 |
| Indústria de transformação | -36,1 | 51,2 | 12,7 | 9,8 | -49,9 |
| Comércio | -32,0 | 23,7 | 42,5 | 99,5 | -41,1 |
| Serviços | 28,3 | 127,1 | 62,3 | 72,6 | -22,0 |
| Construção civil | 9,4 | 52,7 | 18,9 | -25,0 | -11,9 |
| Agropecuária | -43,0 | 62,4 | 41,0 | -67,4 | -68,8 |
| Serviços ind. de utilidade pública | -0,0 | 1,7 | 3,0 | 1,3 | 2,8 |
| Outros ^{2/} | 0,0 | 11,7 | 5,7 | -3,8 | -11,9 |

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

O comportamento das exportações, resultante das reduções de 6,0% nos preços e de 5,4% no *quantum*, repercutiu principalmente a diminuição de 22,6% nas vendas de produtos básicos. Os principais destinos dos embarques da região foram China, EUA, Argentina, Holanda e Suíça, que adquiriram, em conjunto, 47,2% das vendas externas no período.

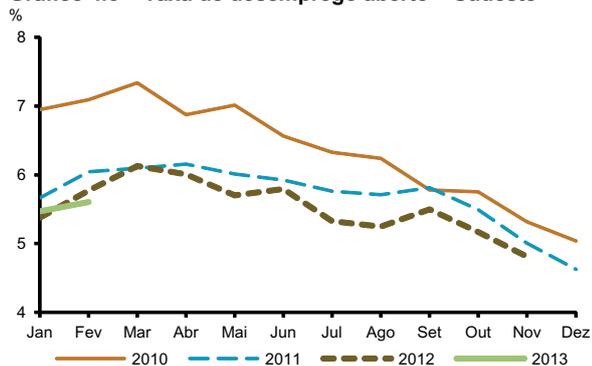
O crescimento das importações, resultado da redução de 1,7% nos preços e do aumento de 5,4% no *quantum*, refletiu especialmente elevação de 15,5% nas compras de combustíveis e lubrificantes. As importações provenientes dos EUA, China, Alemanha, Argentina e França representaram 50,4% das aquisições externas do Sudeste.

No mercado de trabalho da região houve a eliminação de 202,7 mil empregos formais no trimestre encerrado em fevereiro, de acordo com estatísticas do Caged, do MTE, comparativamente à redução de 73,5 mil em igual período de 2012. Destacaram-se, no período, as demissões líquidas na agropecuária, 68,8 mil, na indústria, 49,9 mil e no comércio, 41,1 mil. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,6% em relação ao trimestre encerrado em novembro, quando havia aumentado 0,5%, no mesmo tipo de análise.

A taxa média de desemprego do Sudeste, considerada a PME realizada pelo IBGE nas regiões metropolitanas de São Paulo (RMSP), Rio de Janeiro (RMRJ) e Belo Horizonte (RMBH), atingiu 5,2% no trimestre encerrado em fevereiro. A retração de 0,1 p.p. em relação a igual período de 2012 resultou de expansões de 2,7% na população ocupada e de 2,6% na PEA. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real cresceram, respectivamente, 3,4% e 6,2%, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego atingiu 5,5% no trimestre encerrado em fevereiro, ante 5,4% naquele finalizado em novembro.

A inflação na região Sudeste, considerada a média ponderada das variações do IPCA nas RMSP, RMRJ e RMBH, atingiu 1,96% no trimestre encerrado em março, ante 1,79% naquele finalizado em dezembro, registrando-se variações de 2,93% nos preços livres e de -0,98% nos monitorados.

No âmbito dos preços livres, os preços dos produtos comercializáveis apresentaram desaceleração no período, de 2,53% para 2,15%, refletindo em especial a menor pressão

Gráfico 4.5 – Taxa de desemprego aberto – Sudeste

Fonte: IBGE

Tabela 4.11 – IPCA – Sudeste

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|--------|-------|----------|
| | | 2012 | | 2013 | |
| | | Ano | IV Tri | I Tri | 12 meses |
| IPCA | 100,0 | 5,57 | 1,79 | 1,96 | 6,23 |
| Livres | 75,6 | 6,33 | 2,07 | 2,93 | 7,92 |
| Comercializáveis | 33,4 | 4,29 | 2,53 | 2,15 | 6,88 |
| Não comercializáveis | 42,2 | 8,05 | 1,71 | 3,58 | 8,81 |
| Monitorados | 24,4 | 3,40 | 0,97 | -0,98 | 1,31 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 22,8 | 8,97 | 2,74 | 4,41 | 12,31 |
| Habitação | 14,6 | 6,61 | 1,87 | -1,66 | 3,44 |
| Artigos de residência | 4,2 | 0,75 | 1,27 | 1,91 | 2,58 |
| Vestuário | 5,9 | 6,49 | 2,94 | 0,03 | 7,16 |
| Transportes | 20,2 | 0,32 | 1,29 | 1,39 | 0,78 |
| Saúde | 11,4 | 6,28 | 1,38 | 1,83 | 6,53 |
| Despesas pessoais | 11,1 | 10,17 | 1,93 | 3,07 | 11,18 |
| Educação | 4,9 | 7,85 | 0,27 | 6,56 | 7,60 |
| Comunicação | 4,9 | 0,28 | 0,48 | 0,09 | 0,80 |

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a março de 2013.

exercida pelo grupo vestuário e as quedas nos preços de carnes, 1,33%, e de açúcares e derivados, 1,37%. Os preços dos produtos não comercializáveis, que apresentaram aceleração no trimestre, aumentaram 3,58%, com ênfase na alta de 42,92% no item tubérculos. A variação referente ao segmento de serviços, 2,77%, refletiu, sobretudo, as elevações de mensalidades escolares, 7,72%, alimentação fora do domicílio, 3,12%, e serviços pessoais, 2,86%, parcialmente compensadas pela queda de 22,2% nos preços de passagens aéreas.

O movimento dos preços monitorados traduziu, em especial, a queda de 16,94% no preço da energia elétrica residencial. O índice de difusão médio, evidenciando maior disseminação dos reajustes de preços na região, aumentou 2,9 p.p. no trimestre encerrado em março, atingindo 62%.

O IPCA da região variou 6,23% nos doze meses encerrados em março de 2013, ante 5,57% em 2012, refletindo o efeito da aceleração nos preços livres, de 6,33% para 7,92%, parcialmente compensada pela desaceleração nos preços monitorados, de 3,40% para 1,31%.

A recuperação da atividade econômica da região Sudeste no trimestre encerrado em fevereiro repercutiu, fundamentalmente, o desempenho das vendas do comércio varejista ampliado, por sua vez impulsionado pela continuidade da expansão da massa salarial e do crédito às famílias. A estimativa de crescimento da agricultura, em especial da safra de cana-de-açúcar, associada à expectativa de recuperação da produção industrial, refletindo a retomada dos investimentos e o impacto de medidas de estímulo introduzidas na economia, sinaliza um cenário favorável para a economia da região nos próximos meses.

Minas Gerais

Gráfico 4.6 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Minas Gerais
Dados desazonalizados

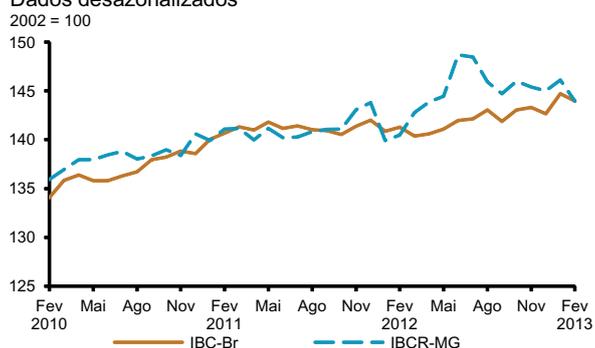


Tabela 4.12 – Índice de vendas no varejo – Minas Gerais
Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|----------------------------------|-----------------------|------|-------------------|-------------------|
| | 2012 | 2013 | | |
| | | Ano | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} |
| Comércio varejista | 6,7 | -0,3 | -0,4 | 5,6 |
| Combustíveis e lubrificantes | 7,7 | 4,8 | -0,3 | 7,4 |
| Hiper e supermercados | 2,5 | -3,2 | -0,6 | 1,1 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 3,5 | 1,1 | -2,9 | 3,3 |
| Móveis e eletrodomésticos | 21,8 | 0,9 | -0,5 | 18,7 |
| Comércio ampliado | 5,7 | 0,4 | -0,4 | 5,7 |
| Veículos e motos, partes e peças | 4,0 | 2,8 | -0,1 | 5,7 |
| Material de construção | 4,9 | -0,8 | -0,1 | 6,1 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

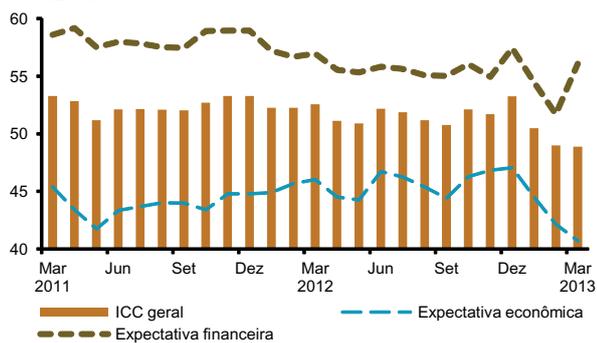
O PIB de Minas Gerais cresceu 0,6% no quarto trimestre de 2012, em relação ao encerrado em setembro, quando aumentara 0,2%, em termos dessazonalizados, segundo estimativas da Fundação João Pinheiro (FJP), que apontam, ainda, expansão de 2,3% para 2012, superando a variação de 0,9% registrada para o PIB nacional, divulgado pelo IBGE. Dados mais recentes da atividade do estado, entretanto, indicam que a economia mineira ainda não apresentou sinais de retomada sustentada de crescimento. Nesse sentido, o IBCR-MG decresceu 0,2% no trimestre encerrado em fevereiro, em comparação àquele encerrado em novembro de 2012, quando havia registrado queda de 1,6%. O movimento do indicador na margem refletiu, sobretudo, a queda verificada na produção industrial e a moderação na atividade do comércio. Considerados períodos de doze meses, o IBCR-MG cresceu 3,0% em fevereiro de 2013, em relação a igual intervalo do ano anterior.

As vendas do comércio varejista no estado recuaram 0,4% no trimestre encerrado em fevereiro, relativamente ao trimestre finalizado em novembro, quando contraíram 0,3% no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se as variações negativas de 2,9% em tecidos, vestuário e calçados, de 0,6% em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, e de 0,5% em móveis e eletrodomésticos, contrabalançadas pelo crescimento de 6,5% em outros artigos de uso pessoal e doméstico. O comércio ampliado recuou 0,4%, ante incremento de 0,4% no trimestre encerrado em novembro, evidenciando relativa estabilidade nas vendas dos segmentos de veículos e de material de construção.

As vendas acumuladas em doze meses até fevereiro, ante o mesmo período anterior, cresceram 5,6%, ante 7,9% registrados no período até novembro de 2012. Assinalem-se as expansões de 18,7% em móveis e eletrodomésticos, de 8,3% nos ramos de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, e de 7,4% em combustíveis e lubrificantes. Note-se a desaceleração das vendas de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, que passou de 3,8%, em novembro, para 1,1%, a menor taxa desde março de 2009.

O Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH), divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead) e pela Federação do Comércio do

Gráfico 4.7 – Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte



Fonte: Fecomércio Minas e Ipead/UFMG

Tabela 4.13 – Produção industrial – Minas Gerais

Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | |
|----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|--------------|--|
| | | 2012 | 2013 | | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | Ac. 12 meses | |
| Indústria geral | 100,0 | 3,3 | -3,9 | 1,7 | |
| Indústria extrativa | 14,5 | 2,5 | -2,9 | 0,4 | |
| Indústria de transformação | 85,5 | 2,7 | -2,7 | 1,9 | |
| Metalurgia básica | 17,1 | -4,6 | -3,1 | -5,0 | |
| Veículos automotores | 14,7 | 8,7 | -6,7 | 7,6 | |
| Alimentos | 15,0 | -0,5 | 1,7 | -1,3 | |
| Outros produtos químicos | 7,4 | 17,0 | -18,3 | 16,1 | |
| Minerais não metálicos | 7,3 | -0,5 | -0,2 | 0,4 | |

Fonte: IBGE

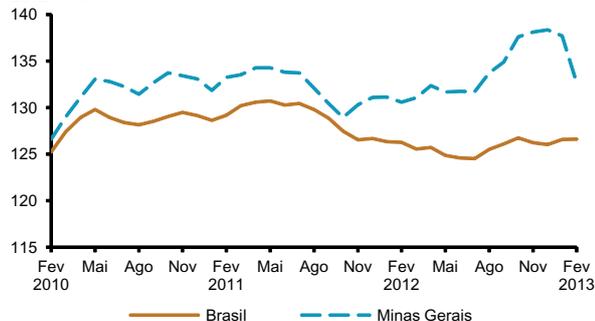
1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.8 – Produção industrial – Minas Gerais

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

Estado de Minas Gerais (Fecomércio Minas), situou-se em 48,9 pontos, em março, 4,4 p.p. abaixo do registrado em dezembro, permanecendo pelo segundo mês consecutivo na zona de percepção pessimista. Nesse tipo de comparação, o componente de expectativa econômica registrou redução de 4,9 p.p., com deterioração das expectativas relativas à situação econômica do país e à percepção da inflação. O componente de expectativa financeira reduziu-se em 0,4 p.p., com destaque para a diminuição de 25,3 p.p. no quesito pretensão de compra.

A produção industrial no estado recuou 3,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando havia aumentado 3,3%, nesse tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A produção da indústria extrativa mineral decresceu 2,9%, influenciada pela queda na exploração de minério de ferro, enquanto a de transformação recuou 2,7%, com destaque para as reduções nas atividades de veículos automotores, 6,7%; metalurgia básica, 3,1%, com menor produção de zinco e ligas de zinco e chapas de aço ao carbono; e de outros produtos químicos, 18,3%, refletindo, sobretudo, a diminuição na fabricação de inseticidas agrícolas. Entre os setores que apresentaram desempenho positivo, destacaram-se as indústrias de celulose, papel e produtos de papel, com expansão de 12,7% no trimestre, e de máquinas e equipamentos, com acréscimo de 8,8%.

A produção da indústria mineira acumulada em doze meses cresceu 1,7% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 0,9% em novembro. A indústria extrativa registrou aumento de 0,4% e a indústria de transformação de 1,9%, impulsionada pela alta de 7,6% no segmento de veículos automotores, de 16,1% em outros produtos químicos, e de 11% em refino de petróleo e álcool. Já as indústrias de metalurgia básica e de máquinas e equipamentos apresentaram quedas respectivas de 5,0% e de 4,1%.

Os indicadores industriais da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) mostraram resultados positivos no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, considerando dados dessazonalizados. Apenas o faturamento real recuou, em 1,6%, enquanto as horas trabalhadas e o emprego cresceram 4% e 2%, na ordem. O Nuci atingiu 85,3% no trimestre encerrado em fevereiro, ante 85,1% naquele encerrado em novembro, situando-se em nível 0,5 p.p. inferior à média da série a partir de 2007.

O Iicei/MG, divulgado pela Fiemg, atingiu 53,7 pontos em março, ante 54,4 pontos em dezembro, e 57,4 pontos em março do ano anterior. O desempenho trimestral desfavorável decorreu de quedas de 2,1 pontos no Índice de Condições Atuais e de 0,2 pontos no Índice de Expectativas para os próximos seis meses.

Gráfico 4.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais^{1/}

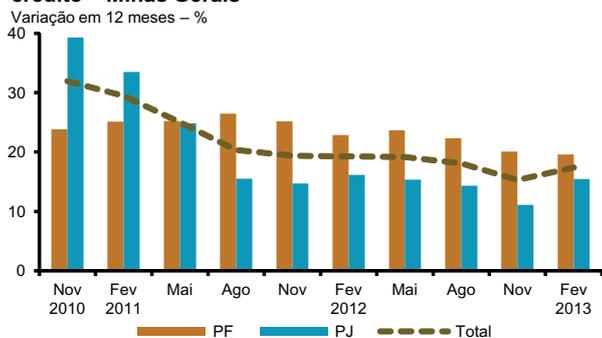


Tabela 4.14 – Necessidades de financiamento do Estado de Minas Gerais e seus principais municípios^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|------------------------|--------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 Jan-dez | 2012 Jan-dez | 2011 Jan-dez | 2012 Jan-dez |
| Estado de Minas Gerais | -3 111 | -2 034 | 7 809 | 9 480 |
| Governo estadual | -2 739 | -1 955 | 7 554 | 9 164 |
| Capital | 26 | 129 | 120 | 150 |
| Demais municípios | -397 | -207 | 135 | 165 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 4.15 – Dívida líquida e necessidades de financiamento do Estado de Minas Gerais e seus principais municípios^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|----------------------|-----------------------|--------------------------|----------------------|-------|-------------------------------------|--------|
| | Dívida 2011 Dez | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} 2012 Dez | |
| | | Nominal | Outros ^{4/} | 2012 | | |
| | Primário | Juros | Total ^{3/} | 2012 | Dez | |
| Est. de Minas Gerais | 65 230 | -2 034 | 9 480 | 7 446 | 56 | 72 732 |
| Governo estadual | 63 548 | -1 955 | 9 164 | 7 209 | 158 | 70 914 |
| Capital | 1 398 | 129 | 150 | 279 | -105 | 1 572 |
| Demais municípios | 284 | -207 | 165 | -43 | 3 | 245 |

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil em Minas Gerais totalizaram R\$213,4 bilhões em fevereiro, aumentando 4,6% no trimestre, após variação de 3% no trimestre encerrado em novembro, e 17,4% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiram R\$103,6 bilhões, com acréscimos de 4,0% no trimestre e de 19,6% em doze meses, evidenciando o dinamismo dos financiamentos imobiliários e do crédito consignado. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$109,7 bilhões, registrando aumento de 5,2% no trimestre e de 15,4% em doze meses, com ênfase nas contratações da administração pública e do setor de energia. A inadimplência das operações de crédito atingiu 3,2% da carteira em fevereiro, registrando estabilidade tanto quando se considera o trimestre quanto a avaliação em doze meses.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios de Minas Gerais atingiu R\$2,0 bilhões em 2012. Em comparação a igual período do ano anterior, houve redução de 34,6%, refletindo as quedas nos *superavits* do governo estadual e dos demais municípios, de 28,6% e 47,7%, respectivamente, e a ampliação do *deficit*, de R\$26 milhões para R\$129 milhões da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$9,5 bilhões em 2012. Houve aumento de 21,4% em relação a igual período de 2011, considerando-se a elevação de 3,1 p.p. na variação do IGP-DI, principal indexador dos passivos regionais renegociados com a União. O *deficit* nominal de 2012 totalizou R\$7,5 bilhões.

A dívida líquida do estado, da capital e dos principais municípios mineiros somou R\$72,7 bilhões em 2012, elevando-se 11,5% em doze meses, com contribuição de 98% do aumento da dívida líquida no governo estadual.

A safra de grãos do estado deverá somar 11,9 milhões de toneladas em 2013, recuando 0,7% em relação à safra anterior, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. Esse desempenho reflete as projeções de queda de 3,7% na produção de milho, principal cultura do estado, em função da redução na produtividade, e de 12,2% na de feijão, também

Tabela 4.16 – Produção agrícola – Minas Gerais

Itens selecionados

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|-----------------|---------------------|------------------------|--------|------------|
| | | Produção ^{2/} | | Variação % |
| | | 2012 | 2013 | |
| Grãos | 26,4 | 12 000 | 11 921 | -0,7 |
| Feijão | 4,0 | 634 | 556 | -12,2 |
| Milho | 11,9 | 7 625 | 7 339 | -3,7 |
| Soja | 8,6 | 3 073 | 3 399 | 10,6 |
| Outras lavouras | | | | |
| Cana-de-açúcar | 18,2 | 70 521 | 72 545 | 2,9 |
| Café | 40,0 | 1 597 | 1 478 | -7,5 |

Fonte: IBGE

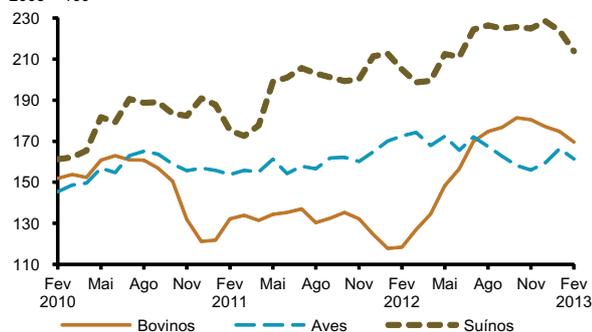
1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Gráfico 4.10 – Abates de animais – Minas Gerais

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.17 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Minas Gerais | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 7 801 | 7 483 | -4,1 | -7,7 |
| Básicos | 4 571 | 4 443 | -2,8 | -8,4 |
| Industrializados | 3 230 | 3 040 | -5,9 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 1 787 | 1 670 | -6,6 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 1 443 | 1 370 | -5,1 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.18 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Minas Gerais | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 2 831 | 2 767 | -2,3 | 6,3 |
| Bens de capital | 838 | 943 | 12,5 | -5,1 |
| Matérias-primas | 1 221 | 1 205 | -1,3 | -14,0 |
| Bens de consumo | 684 | 473 | -30,8 | 5,9 |
| Duráveis | 590 | 358 | -39,2 | 3,9 |
| Não duráveis | 94 | 115 | 22,4 | 5,3 |
| Combustíveis e lubrificantes | 87 | 145 | 66,5 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

afetada pela queda na produtividade. A colheita de soja, por sua vez, deverá aumentar 10,6%, impulsionada pelo aumento na área plantada. Em relação às demais culturas, ressaltam-se as perspectivas de crescimento de 2,9% na safra de cana-de-açúcar e a queda de 7,5% na produção de café, em ciclo bienal de baixa produtividade.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, aproximadamente 75% dos realizados no estado, aumentaram 44,5% no primeiro bimestre do ano, em relação a igual período de 2012, enquanto os relativos a suínos cresceram 11,3% no período. Os abates de aves, em sentido contrário, recuaram 4,2% no bimestre. A cotação média do boi gordo registrou aumento de 0,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao trimestre encerrado em novembro, e queda de 1,2% em relação à média do trimestre encerrado em fevereiro de 2012.

A balança comercial de Minas Gerais apresentou *superavit* de US\$4,7 bilhões no primeiro trimestre de 2013, resultado 5,1% inferior ao registrado em igual período do ano anterior, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do MDIC. As exportações e as importações no período atingiram US\$7,5 bilhões e US\$2,8 bilhões, respectivamente, com recuos de 4,1% e 2,3%, na ordem, mantida a mesma base de comparação.

O desempenho desfavorável das exportações refletiu reduções de 3,11% nos preços e 0,99% no *quantum*, sendo influenciada pela queda nas vendas de produtos básicos, de 2,8%, em especial de café cru em grão, soja triturada e farelo de soja. Os embarques no segmento de semimanufaturados recuaram 6,6%, influenciados pelas menores vendas de produtos de ferro ou aço, ferroligas e zinco em bruto. As exportações de manufaturados diminuíram 5,1% no período em decorrência, sobretudo, de reduções nas vendas de aviões, silício e produtos laminados planos de ferro ou aço. China, EUA, Argentina, Holanda, Japão e Reino Unido absorveram conjuntamente 60% das exportações do estado, no período.

O desempenho das importações resultou de reduções de 2,23% nos preços e de 0,12% no *quantum*. Ocorreram quedas de 30,8% nas aquisições de bens de consumo, com ênfase na diminuição de 39,2% nas relativas a duráveis, influenciadas principalmente pela retração nas compras de automóveis, enquanto as entradas de bens não duráveis cresceram 22,4%, influenciados pelas aquisições de produtos alimentícios. As compras de matérias-primas decresceram 1,3%, lideradas pelas quedas nas aquisições de produtos

minerais, materiais de construção e produtos químicos e farmacêuticos. Houve aumento de 12,5% nos desembarques de bens de capital, relacionadas a equipamento móvel de transporte, outros bens de capital e acessórios de maquinaria industrial; e de 66,5% nos relativos a combustíveis e lubrificantes, elevados basicamente pelas compras de hulha betuminosa não aglomerada. As aquisições de produtos dos EUA, Argentina, China, Itália, Alemanha e Rússia corresponderam, em conjunto, a 71% das importações.

Tabela 4.19 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais
Novos postos de trabalho

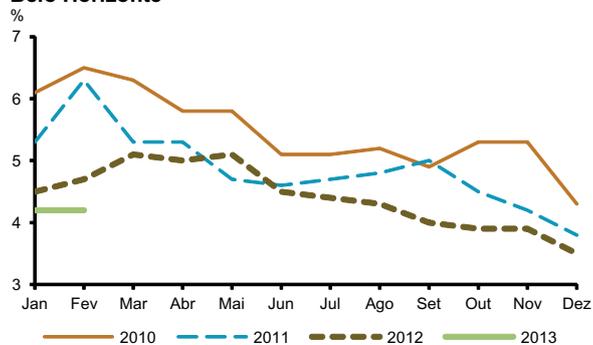
| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) | | | | |
|-----------------------------|---------------------------------|------|------|-------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -13,9 | 84,2 | 54,9 | -10,7 | -39,6 |
| Indústria de transformação | -10,0 | 7,7 | 11,0 | 7,3 | -10,2 |
| Comércio | -3,6 | 6,5 | 5,6 | 24,1 | -8,7 |
| Serviços | 10,5 | 25,6 | 12,5 | 8,0 | -3,4 |
| Construção civil | -5,1 | 16,9 | 8,9 | -6,3 | -7,2 |
| Agropecuária | -6,9 | 26,5 | 15,8 | -43,8 | -9,9 |
| Indústria extrativa mineral | 0,8 | 0,6 | 0,9 | 0,3 | 0,1 |
| Outros ^{1/} | 0,4 | 0,4 | 0,2 | -0,4 | -0,3 |

Fonte: MTE

1/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outros.

A economia mineira registrou a redução de 39,6 mil empregos formais no trimestre finalizado em fevereiro, conforme o Caged do MTE, superando a queda de 13,9 mil postos ocorrida no mesmo trimestre de 2012. Esse resultado refletiu o desempenho desfavorável em todos os setores considerados no cadastro, com destaque para o segmento de serviços, com redução de 3,4 mil postos de trabalho em 2013, ante a criação de 10,5 mil no mesmo período em 2012. O comércio fechou 8,7 mil vagas em 2013; a agropecuária eliminou 9,9 mil empregos; e a construção civil reduziu 7,2 mil postos, comparativamente a 3,6 mil, 6,9 mil e 5,1 mil, no mesmo período do ano anterior. A indústria de transformação manteve essencialmente a mesma quantidade de demissões nesses trimestres, 10,2 mil em 2013 e 10 mil no ano anterior.

Gráfico 4.11 – Taxa de desemprego aberto – Belo Horizonte



Fonte: IBGE

A taxa de desemprego na RMBH situou-se em 4% no trimestre encerrado em fevereiro, 0,4 p.p inferior à registrada no mesmo trimestre do ano anterior, conforme a PME do IBGE, refletindo crescimentos de 1% da PEA e de 1,3% no número de ocupados. A massa salarial real no trimestre cresceu 7,8% ante o mesmo período no ano anterior, determinada pelas variações de 6,2% no rendimento médio real habitual; e de 1,4% na população ocupada remunerada.

O IPCA da RMBH variou 2,22% no primeiro trimestre de 2013, acelerando em relação à variação no último trimestre de ano anterior, 1,56%. O movimento refletiu, em especial, a maior alta nos preços dos grupos de Alimentação, com destaque para alimentos *in natura*, Despesas pessoais, relacionado com o aumento no custo de empregado doméstico, e Educação, tendo em vista os reajustes sazonais no setor. No segmento de preços livres, a aceleração de 1,94% para 3,13% nos trimestres considerados foi induzida pelo comportamento dos preços não comercializáveis, cuja variação passou 1,46% para 4,15%, tendo como principais elevações os preços de tomate, 73,66%; cursos regulares, 9,28%; empregado doméstico, 3,53%; e alimentação fora do domicílio, 2,98%.

Tabela 4.20 – IPCA – Belo Horizonte

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | | |
|-------------------------|---------------------|-----------------------|---------|--------|-------|--|
| | | 2012 | | | 2013 | |
| | | II Tri | III Tri | IV Tri | I Tri | |
| IPCA | 100,0 | 1,27 | 1,42 | 1,56 | 2,22 | |
| Livres | 77,0 | 1,20 | 1,75 | 1,94 | 3,13 | |
| Comercializáveis | 36,4 | 1,10 | 1,45 | 2,48 | 2,00 | |
| Não comercializáveis | 40,6 | 1,28 | 2,02 | 1,46 | 4,15 | |
| Monitorados | 23,0 | 1,54 | 0,35 | 0,35 | -0,76 | |
| Principais itens | | | | | | |
| Alimentos e bebidas | 21,9 | 0,90 | 3,33 | 3,06 | 5,01 | |
| Habitação | 14,9 | 3,41 | 1,66 | 0,89 | -1,55 | |
| Artigos de residência | 5,1 | 0,37 | 0,69 | -0,39 | 1,63 | |
| Vestuário | 6,9 | 2,16 | 3,01 | 4,46 | 0,21 | |
| Transportes | 19,6 | -1,24 | -1,10 | 1,23 | 1,96 | |
| Saúde | 10,7 | 1,57 | 1,17 | 1,29 | 1,35 | |
| Despesas pessoais | 11,6 | 4,73 | 2,14 | 0,51 | 3,72 | |
| Educação | 4,6 | 0,12 | 0,89 | 0,25 | 7,03 | |
| Comunicação | 4,6 | -0,78 | 0,50 | 0,80 | 0,32 | |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2013.

Os preços dos produtos comercializáveis desaceleraram no período, de 2,48% para 2,00%, destacando-se, ainda, os aumentos observados nos preços de cigarros, 16,35%; carros novos, 2,54%; e pão francês, 6,44%. Em relação aos itens monitorados, a variação dos preços passou de 0,35%, no trimestre anterior, para -0,76% no trimestre até março, ressaltando-se a redução em energia elétrica residencial, -16,54%, parcialmente compensada pelo aumento em ônibus urbano, 5,66%, e na gasolina, 3,16%. O índice de difusão atingiu 64,4% em março, ante 60,3% em dezembro de 2012.

Considerando-se doze meses, a inflação medida atingiu 6,62% em março, ante 6,03% em dezembro, reflexo do incremento na variação dos preços livres, de 6,93% para 8,25%, parcialmente compensado pelo recuo dos monitorados, de 3,22% para 1,47%, nas mesmas bases de comparação. Entre os preços livres, a variação dos itens comercializáveis atingiu 7,22% até março e a dos itens não comercializáveis, 9,19%. No segmento de monitorados, a variação dos preços refletiu principalmente a redução de 14,36% na tarifa de energia elétrica residencial.

Os indicadores econômicos sinalizam recuperação moderada da atividade econômica no estado, sustentada em parte pelo aumento da demanda doméstica, com impactos na indústria do estado, caracterizada por expressivo conteúdo de insumos intermediários para outras indústrias. As vendas do comércio mostraram sensibilidade ao aumento dos preços, principalmente nos últimos meses, constituindo em fator de moderação do crescimento, assim como o mercado externo, que tem registrado queda no volume e redução de preços.

Gráfico 4.12 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados
2002 = 100

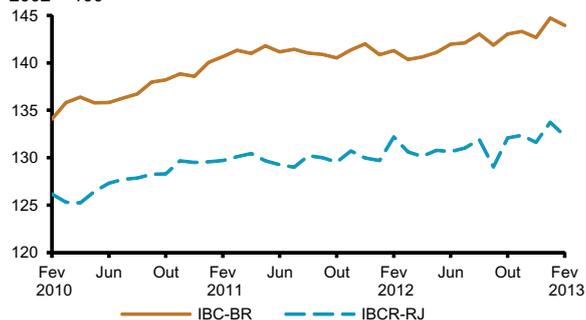


Tabela 4.21 – Índice de vendas no varejo – Rio de Janeiro
Geral e setores selecionados

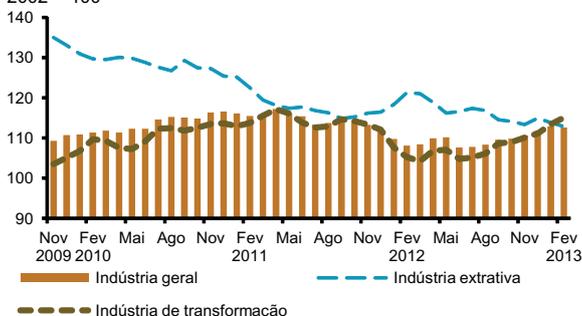
| Setores | Variação % no período | | | |
|----------------------------------|-----------------------|-------|-------------------|-------------------|
| | 2012 | 2013 | | |
| | | Ano | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} |
| Comércio varejista | 4,1 | -0,2 | 1,3 | 4,3 |
| Combustíveis e lubrificantes | 15,8 | 3,1 | -0,8 | 17,1 |
| Hiper e supermercados | 1,1 | 0,8 | 0,1 | 1,4 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 3,4 | -1,8 | -3,7 | 3,0 |
| Móveis e eletrodomésticos | 6,5 | -5,1 | -0,8 | 2,5 |
| Comércio ampliado | 4,1 | -4,1 | 1,7 | 5,1 |
| Veículos e motos, partes e peças | 2,2 | -15,3 | 5,8 | 4,9 |
| Material de construção | 9,9 | 3,0 | -0,7 | 11,8 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.13 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.22 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
| | | 2012 | | 2013 |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | Ac. 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 2,1 | 1,8 | -2,1 |
| Indústria extrativa | 21,5 | -3,0 | -0,5 | -2,5 |
| Indústria de transformação | 78,5 | 3,7 | 4,5 | -2,0 |
| Refino de petróleo e álcool | 14,2 | 2,4 | -4,6 | 7,1 |
| Metalurgia básica | 12,4 | -2,5 | -13,3 | -9,4 |
| Veículos automotores | 4,6 | 30,8 | 11,1 | -22,6 |
| Outros produtos químicos | 10,2 | 8,2 | 1,2 | 4,5 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Rio de Janeiro

A economia do Rio de Janeiro registrou expansão no trimestre encerrado em fevereiro, fundamentada na recuperação do comércio e da indústria de transformação e na continuidade de condições favoráveis dos indicadores de emprego, renda e crédito. Nesse contexto, o IBCR-RJ cresceu 1,1% no trimestre encerrado em fevereiro, após manter-se estável no trimestre anterior, na série com ajuste sazonal. Considerados intervalos de doze meses, o índice elevou-se 1,1% em fevereiro, em relação ao mesmo período do ano anterior, ante 0,8% em novembro, sugerindo maior ritmo de crescimento nos próximos meses.

As vendas do comércio varejista cresceram 1,3% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando recuaram 0,2%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Assinalem-se, no período, os aumentos nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 11,5%; e de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 19,6%. Incluídas as vendas de veículos, motos, partes e peças, que cresceram 5,8%, e o recuo nas vendas de material de construção, 0,7%, o comércio ampliado aumentou 1,7% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista do estado expandiu 4,3% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, e o comércio ampliado, 5,1%, ante elevações respectivas de 3,9% e de 4% em novembro.

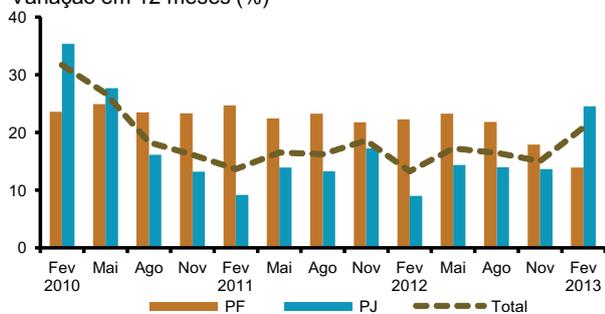
As vendas de automóveis e veículos comerciais leves no estado do Rio de Janeiro totalizaram 66,6 mil unidades no trimestre encerrado em fevereiro, de acordo com os dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). Em março, as vendas alcançaram 18,8 mil unidades, recuando 2,4% em relação ao mês anterior de acordo com dados dessazonalizados, sob os impactos da recomposição gradual, a partir de janeiro, das alíquotas de IPI sobre automóveis.

O setor industrial do estado avançou 1,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, período em que crescera 2,1%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A produção da indústria de transformação aumentou 4,5% no período, com ênfase nas expansões dos segmentos de edição, impressão e reprodução de gravações, 33,5%; farmacêutico, 13,8%; e veículos automotores, 11,1%, esse último favorecido pelo início da operação de nova linha de montagem no estado. A indústria extrativa, influenciada

por uma menor produção petrolífera, recuou 0,5% no período. Considerados intervalos de doze meses, a indústria do estado contraiu 2,1% em fevereiro, ante redução de 4,8% em novembro, registrando-se retrações respectivas de 2,5% e 2,0% nas indústrias extrativa e de transformação.

Gráfico 4.14 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro^{1/}

Variação em 12 meses (%)



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil totalizou R\$285,8 bilhões em fevereiro, dos quais R\$92,5 bilhões no segmento de pessoas físicas e R\$193,3 bilhões no de pessoas jurídicas, aumentando 3,5% no trimestre de dezembro a fevereiro e 20,9% no período de doze meses. A trajetória no trimestre refletiu os acréscimos de 2,9% no segmento de pessoas físicas, em especial dos financiamentos imobiliários e do crédito consignado, e de 3,8% no relativo a pessoas jurídicas, com ênfase nas modalidades financiamentos à exportação e outros financiamentos, enquanto a expansão em doze meses decorreu de aumentos respectivos de 13,9% e 24,6%.

Tabela 4.23 – Necessidades de financiamento – Rio de Janeiro^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|--------------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Estado do Rio de Janeiro | -3 974 | 187 | 6 900 | 8 799 |
| Governo estadual | -2 847 | -1 036 | 6 048 | 7 783 |
| Capital | -857 | 1 180 | 804 | 955 |
| Demais municípios | -269 | 43 | 48 | 61 |

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,52% em fevereiro, ante 2,61% em novembro, registrando-se decréscimos de 0,17 p.p. e 0,04 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e jurídicas.

Tabela 4.24 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio de Janeiro^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|-----------------------|-------------|--------------------------|----------------------|---------------------|-------|----------------------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | | Dívida ^{2/} |
| | | 2011 | Outros ^{4/} | | | |
| | Dez | Nominal | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Estado do Rio Janeiro | 63 548 | 187 | 8 799 | 8 987 | 3 032 | 75 567 |
| Governo estadual | 59 835 | -1 036 | 7 783 | 6 747 | 2 755 | 69 338 |
| Capital | 4 216 | 1 180 | 955 | 2 135 | 249 | 6 599 |
| Demais municípios | -503 | 43 | 61 | 104 | 29 | -370 |

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Rio de Janeiro registraram *deficit* primário de R\$187 milhões em 2012, após *superavit* de R\$4,0 bilhões em 2011. Esse desempenho refletiu tanto a queda de 63,4% do *superavit* do estado, impactada pelo incremento dos investimentos e das despesas com pessoal, quanto a inversão do *superavit* para *deficit* da capital e dos demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$8,8 bilhões, 27,5% superior ao registrado em 2011, dos quais 88% sob a responsabilidade do governo do estado. O resultado nominal registrou *deficit* de R\$9,0 bilhões, ante *deficit* de R\$2,9 bilhões em 2011.

A dívida líquida dos entes considerados situou-se em R\$75,6 bilhões em dezembro de 2012, elevando-se 18,9% no ano. No período, houve crescimento de 15,9% na dívida do governo estadual e de 56,5% na relativa à capital, reflexo principalmente das operações de crédito com vistas à realização de obras preparatórias para os grandes eventos esportivos a serem sediados.

A produção de cana-de-açúcar, cultura mais importante do estado, deverá recuar 7,7% em 2013 de acordo com o LSPA divulgado pelo IBGE em março,

Tabela 4.25 – Produção agrícola – Rio de Janeiro

Itens selecionados

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|------------------------|---------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
| | | Produção | | Variação % 2013/2012 |
| | | 2012 | 2013 ^{2/} | |
| Grãos | | | | |
| Feijão | 1,0 | 3,4 | 3,4 | 0,2 |
| Café | 6,8 | 15,8 | 16,9 | 7,1 |
| Outras lavouras | | | | |
| Cana-de-açúcar | 27,2 | 5 693 | 5 252 | -7,7 |
| Tomate | 21,5 | 196 | 181 | -7,7 |
| Banana | 9,5 | 154 | 150 | -2,4 |
| Mandioca | 8,9 | 324 | 237 | -26,8 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Tabela 4.26 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|----------------|-------|--------|--------|
| | Rio de Janeiro | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 7 501 | 5 141 | -31,5 | -7,7 |
| Básicos | 5 073 | 2 516 | -50,4 | -8,4 |
| Industrializados | 2 428 | 2 625 | 8,1 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 606 | 444 | -26,7 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 1 822 | 2 181 | 19,7 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.27 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|----------------|-------|--------|--------|
| | Rio de Janeiro | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 3 940 | 5 691 | 44,4 | 6,3 |
| Bens de capital | 857 | 1 171 | 36,7 | 5,3 |
| Matérias-primas | 1 393 | 1 551 | 11,3 | 3,9 |
| Bens de consumo | 726 | 780 | 7,4 | -5,1 |
| Duráveis | 335 | 340 | 1,5 | -14,0 |
| Não duráveis | 391 | 440 | 12,5 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 964 | 2 189 | 127,1 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

estimativa que reflete a redução de 9,1% na área colhida e incremento de 1,5% na produtividade. Dentre as demais culturas, também estão projetadas diminuição de 26,8% da produção de mandioca e retrações respectivas de 2,4% e 7,7% para as culturas de banana e de tomate. Na lavoura de tomate, a redução da quantidade produzida contribuiu para a expressiva alta dos preços do fruto, induzindo expectativa de aumento de 99% no valor da produção em 2013.

Para a safra de grãos, o LSPA indica queda de 9,5% na produção no estado, comparativamente a 2012, reflexo das reduções de 6,1% na área colhida e de 3,6% na produtividade.

A balança comercial do estado acumulou *deficit* de US\$549 milhões nos três primeiros meses de 2013, ante *superavit* de US\$3,6 bilhões em igual período de 2012, de acordo com o MDIC, mesmo considerando operação característica de *lease-back* no valor de US\$802 milhões. As exportações no trimestre somaram US\$5,1 bilhões e as importações, US\$5,7 bilhões, registrando variações de -31,5% e +44,4% na mesma base de comparação. Relativamente a óleos brutos de petróleo, cujas exportações representam 48,7% do total dos embarques no estado no trimestre, houve redução das vendas externas de 50,4% no período, enquanto suas importações, equivalentes a 21,1% do influxo total, avançaram 197,4%.

A queda das exportações decorreu de decréscimos de 5,9% nos preços e 27,2% no *quantum* exportado, ressaltando-se o recuo nas vendas de produtos semimanufaturados, 26,7%, e básicos, 50,4%. As vendas direcionadas aos EUA, China e Suíça representaram, em conjunto, 54,6% das exportações do estado no trimestre.

O aumento das importações evidenciou a queda de 2,1% nos preços e o avanço de 47,5% no *quantum*, com ênfase na expansão de 127% na categoria combustíveis e lubrificantes e de 36,7% em bens de capital. As importações provenientes da Arábia Saudita, EUA e China representaram, em conjunto, 44,3% das compras do estado no período.

A economia fluminense eliminou, de acordo com o Caged/MTE, 35,3 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante a geração de 2,8 mil postos em igual período de 2012, resultado influenciado pela destruição de 13,8 mil vagas no setor de comércio e 13,0 mil no segmento de serviços. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado

Tabela 4.28 – Evolução do emprego formal – Rio de Janeiro
Novos postos

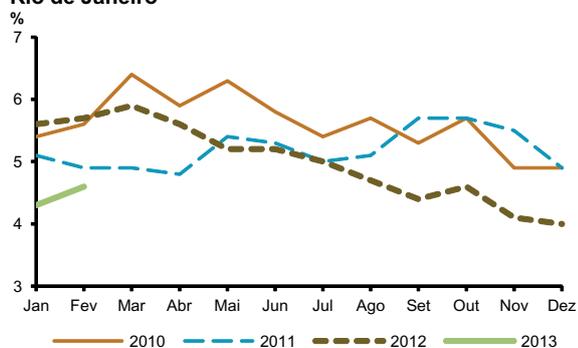
| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|---------------------------------|---|------|------|------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | 2,8 | 42,6 | 30,9 | 36,0 | -35,3 |
| Indústria de transformação | 0,0 | 4,9 | 1,8 | 5,7 | -2,8 |
| Comércio | -11,9 | 3,0 | 4,6 | 21,6 | -13,8 |
| Serviços | 7,0 | 18,6 | 15,5 | 14,5 | -13,0 |
| Construção civil | 10,4 | 12,9 | 5,9 | -2,5 | 0,1 |
| Agropecuária | -3,4 | 2,2 | 1,5 | -2,2 | -2,0 |
| Serviços ind. utilidade pública | 0,3 | 0,9 | 1,4 | 0,1 | 0,0 |
| Outros ^{2/} | 0,5 | 0,2 | 0,2 | -1,2 | -3,8 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 4.15 – Taxa de desemprego aberto – Rio de Janeiro



Fonte: IBGE

Tabela 4.29 – IPCA – Rio de Janeiro

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|---------|--------|-------|
| | | 2012 | | | 2013 |
| | | II Tri | III Tri | IV Tri | I Tri |
| IPCA | 100,0 | 1,11 | 1,74 | 2,27 | 1,25 |
| Livres | 72,5 | 1,17 | 2,03 | 2,56 | 2,22 |
| Comercializáveis | 27,9 | 1,42 | 1,71 | 3,05 | 1,64 |
| Não comercializáveis | 44,6 | 1,01 | 2,23 | 2,26 | 2,59 |
| Monitorados | 27,5 | 0,98 | 1,04 | 1,52 | -1,22 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 23,1 | 1,61 | 3,36 | 2,49 | 4,42 |
| Habitação | 16,2 | 1,89 | 1,76 | 3,06 | -1,98 |
| Artigos de residência | 3,8 | -0,03 | 0,84 | -0,17 | 2,05 |
| Vestuário | 5,1 | 1,49 | 2,33 | 2,82 | -0,56 |
| Transportes | 18,3 | -0,60 | 0,33 | 1,31 | 0,30 |
| Saúde | 11,8 | 2,32 | 1,27 | 1,68 | 1,99 |
| Despesas pessoais | 11,2 | 2,15 | 2,90 | 5,49 | -0,46 |
| Educação | 5,0 | 0,08 | 0,29 | 0,43 | 5,68 |
| Comunicação | 5,6 | -0,36 | 0,25 | -0,08 | 0,35 |

Fonte: IBGE

1/ Referente a março de 2013.

variou 0,1% no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao finalizado em novembro.

A taxa média de desemprego na RMRJ atingiu, de acordo com a PME do IBGE, 4,3% no trimestre encerrado em fevereiro, ante 5,4% em igual período de 2012, evolução decorrente de crescimentos de 2,1% na população ocupada e 1% na PEA. O rendimento médio habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas aumentou 1,9%, enquanto a massa de rendimentos elevou-se 3,9% no período. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego caiu 0,1 p.p. em relação ao trimestre finalizado em novembro.

O IPCA da RMRJ variou 1,25% no primeiro trimestre de 2013, após elevação de 2,27% no quarto trimestre do ano anterior, refletindo a redução de 1,22% nos preços monitorados ante alta de 1,52% no trimestre anterior – influenciados principalmente pela redução das tarifas de energia elétrica –, e a desaceleração dos preços livres, de 2,56% para 2,22%. A variação dos preços dos itens não comercializáveis aumentou de 2,26% para 2,59%, enquanto a dos comercializáveis declinou de 3,05% para 1,64%. O primeiro grupo foi pressionado, entre outros, pelos acréscimos nos preços de alimentos *in natura*, 25,94%, aluguel residencial, 6,14%, e alimentação fora do domicílio, 2,65%, além dos reajustes do grupo educação, 5,68%. Entre os bens comercializáveis, destacaram-se as quedas dos preços de carnes, 3,25%, roupas, 2,03%, e arroz, 1,01%, além do menor aumento dos cigarros. O índice de difusão médio do período alcançou 59,6%, próximo dos 60% registrados no trimestre anterior.

Considerado o período de doze meses, a inflação na RMRJ recuou para 6,53% em março, ante 7,34% no encerramento de 2012, movimento favorecido pela menor variação dos preços monitorados, de 6,27% para 2,33%. Os preços livres avançaram 8,21%, com aumentos de 8,03% nos itens comercializáveis e de 8,33% nos não comercializáveis.

Em síntese, a retomada das vendas do comércio e da atividade industrial, após período de normalização dos estoques, bem como a preservação do emprego e da renda, além do avanço moderado do crédito, destacam-se como fatores de sustentabilidade ao processo de recuperação recém observado na atividade no estado.

São Paulo

Tabela 4.30 – Comércio varejista – São Paulo

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | | 2013 | |
| | Ano | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 9,6 | 1,8 | 0,0 | 8,4 |
| Combustíveis e lubrificantes | 2,0 | 3,6 | -6,0 | 3,4 |
| Hiper e supermercados | 14,2 | 1,5 | 0,6 | 12,1 |
| Tecidos, vestuário e calçados | -0,5 | -1,4 | -1,1 | 0,1 |
| Móveis e eletrodomésticos | 10,0 | -0,4 | 3,6 | 9,7 |
| Comércio ampliado | 9,7 | -4,1 | 2,4 | 8,9 |
| Automóveis e motocicletas | 10,4 | -15,0 | 7,4 | 11,1 |
| Material de construção | 7,1 | 5,2 | 20,5 | 4,3 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.16 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e São Paulo

Dados dessazonalizados

2002 = 100

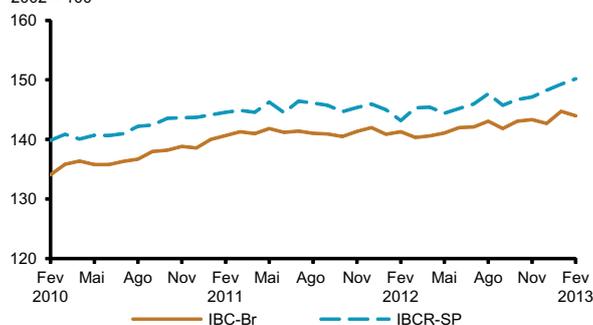
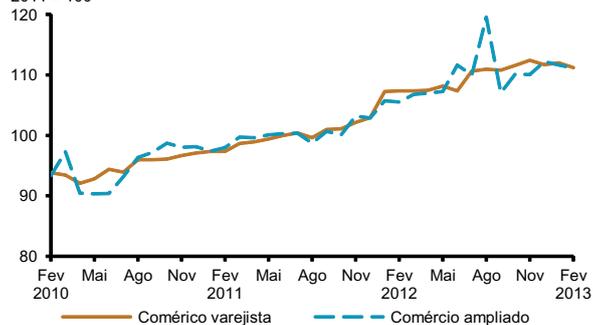


Gráfico 4.17 – Comércio varejista – São Paulo

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

A atividade econômica em São Paulo apresentou aceleração no trimestre encerrado em fevereiro, evidenciado pelo avanço de 1,9% do IBCR-SP no período, relativamente ao trimestre encerrado em novembro, quando aumentara 0,2%. Contribuíram para esse desempenho de modo destacado, a recuperação das vendas do comércio ampliado e a continuidade de crescimento da atividade fabril. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-SP aumentou 1% em fevereiro, ante 0,7% em novembro.

As vendas do comércio varejista apresentaram estabilidade no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando aumentaram 1,8%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Sobressaíram as expansões nos segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 3,7%; e de móveis e eletrodomésticos, 3,6%; contrabalançadas pelas quedas, em especial, nas vendas de combustíveis e lubrificantes, 6,0%; e outros artigos de uso pessoal e doméstico, 2,6%. O comércio ampliado cresceu 2,4%, incorporando as variações nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 7,4%, e de material de construção, 20,5%, após redução de 4,1% no trimestre encerrado em novembro.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado aumentaram 8,4% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 9,5% em novembro, destacando-se as elevações nos setores hipermercados e supermercados, 12,1%; e móveis e eletrodomésticos, 9,7%. O comércio ampliado cresceu 8,9% nessa base de comparação, refletindo aumentos respectivos de 11,1% e de 4,3% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção.

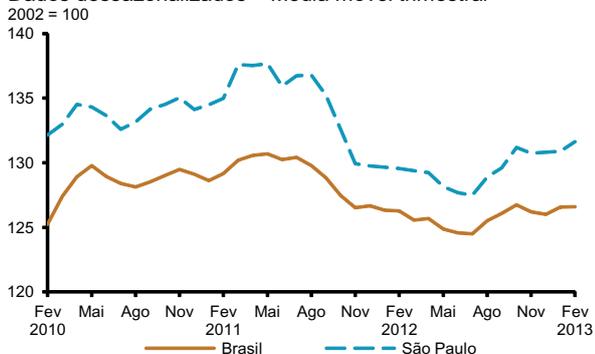
O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), cresceu 0,7% no trimestre encerrado em março, em relação ao finalizado em dezembro, resultado de elevação de 1,2% no componente associado às condições econômicas atuais e de 0,4% naquele que avalia as expectativas. Comparativamente a igual trimestre de 2011, o ICC recuou 1,3%, registrando quedas respectivas de 1,6% e 0,9% nos componentes avaliados.

De acordo com a Fenabreve, as vendas de automóveis e veículos comerciais leves novos em São Paulo atingiram 221,5 mil unidades no trimestre finalizado em março de

2013, resultado 2,8% inferior ao de igual intervalo de 2012. Ressalte-se que o resultado está, em parte, influenciado pela antecipação de compras ocorridas no segundo semestre do ano anterior em virtude das medidas governamentais de estímulos ao setor.

Gráfico 4.18 – Produção industrial – São Paulo

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

Tabela 4.31 – Produção industrial – São Paulo

Geral e setores selecionados

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|----------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | 1,4 | 0,7 | -2,6 |
| Alimentos | 11,6 | 9,5 | 4,0 | -2,6 |
| Veículos automotores | 10,1 | -0,5 | 0,4 | -8,1 |
| Refino de petróleo e álcool | 9,0 | 6,7 | -0,2 | 5,4 |
| Outros produtos químicos | 8,4 | 0,6 | -0,9 | -2,4 |
| Máquinas e equipamentos | 7,5 | -4,4 | 1,4 | -8,9 |
| Farmacêutica | 5,7 | 8,0 | -2,4 | 2,5 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

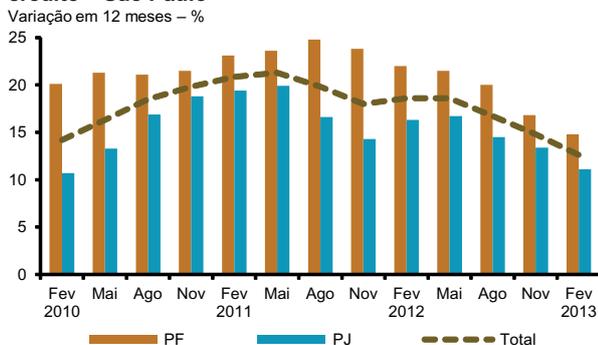
A produção da indústria paulista aumentou 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando crescera 1,4%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve aumentos em doze dos vinte setores considerados na pesquisa, ressaltando-se a elevação de 4,4% na indústria de perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza, e de 4% em alimentos e em minerais não metálicos. Em oposição, houve retrações respectivas de 18,1% e de 8,1% nas indústrias de máquinas para escritório e equipamentos de informática e de vestuário e acessórios.

A análise em doze meses revela que a produção industrial do estado recuou 2,6% em fevereiro, em relação ao período correspondente de 2012, movimento menos acentuado que o observado em novembro, 3,9%. Ressaltem-se, no período, as reduções respectivas de 8,9% e 8,1% nos segmentos de máquinas e equipamentos e de veículos automotores, e as expansões de 19,8% e 5,4%, na ordem, nas indústrias de outros equipamentos de transporte e de refino de petróleo e álcool.

De acordo com estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), as vendas reais do setor cresceram 0,8% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao encerrado em novembro, quando haviam aumentado 1,6%, nesse tipo de análise. As horas trabalhadas na produção aumentaram 1,4%, em fevereiro, após subirem 0,5%, em novembro, enquanto o Nuci avançou de 81,7% para 82,6%.

Gráfico 4.19 – Evolução do saldo das operações de crédito – São Paulo^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas em São Paulo atingiu R\$721,4 bilhões em fevereiro, crescendo 2,1% no trimestre e 12,6% em doze meses. O estoque relativo ao segmento de pessoas físicas totalizou R\$300,3 bilhões, elevando-se 2,7% no trimestre e 14,8% em doze meses, com destaque para as modalidades crédito imobiliário e crédito pessoal. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas jurídicas, com ênfase nas operações de desconto de recebíveis, somaram R\$421,1 bilhões, registrando variações respectivas de 1,7% e 11,1%, nas mesmas bases de comparação.

Em fevereiro, a inadimplência das operações de crédito em São Paulo permaneceu estável em 3,4%, relativamente a novembro, registrando-se taxas respectivas de 4,7% e 2,4% nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, com variações trimestrais de -0,1p.p. e 0,1p.p., na ordem.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios de São Paulo totalizou R\$10,9 bilhões em 2012, representando queda de 29,6% em relação a 2011. Contribuíram para o resultado a retração de 28% no *superavit* do estado e a reversão do *superavit* de R\$2,1 bilhões para *deficit* de R\$227 milhões dos principais municípios do estado. Em sentido contrário, a capital registrou elevação de 19,7% no *superavit* em relação a 2011, refletindo principalmente o crescimento das arrecadações de Imposto sobre Serviços (ISS) e Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), além da contenção das despesas com pessoal e encargos sociais.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$33,6 bilhões em 2012, com expansão de 25,7% em relação ao registrado em 2011, influenciada pelos aumentos de 29,5%, 17,6% e 21,2% respectivamente, no estado, na capital e nos principais municípios. Desse modo, o *deficit* nominal do estado atingiu R\$22,7 bilhões em 2012, ante R\$11,3 bilhões em 2011.

A dívida líquida do estado, da capital e dos demais principais municípios alcançou R\$248,1 bilhões em dezembro de 2012, com expansão de 8,4% em relação a dezembro de 2011 e correspondendo a 62,5% da dívida da região Sudeste.

A safra de grãos do estado deverá totalizar 7,3 milhões de toneladas em 2013, segundo o LSPA de março, do IBGE. A projeção de crescimento anual de 2,9% está associada principalmente à previsão de expansão de 21,3% na safra de soja, que reflete aumento de 10,9% na área plantada e de 9,4% no rendimento médio. Adicionalmente, projetam-se recuos anuais respectivos de 40,6%, 1,9% e 1,7%, para as culturas de arroz, de milho e de feijão. Com relação às demais lavouras, destacam-se a expectativa de elevação de 13,9% na produção de cana-de-açúcar, resultado da expansão da área plantada, e reduções respectivas de 19,4% e de 16,6% nas colheitas de laranja e de café.

Os abates de bovinos, aves e suínos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF apresentaram variações respectivas de 23%, de -22% e de 0,9%, no

Tabela 4.32 – Necessidades de financiamento – São Paulo^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|---------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Estado de São Paulo | -15 500 | -10 916 | 26 757 | 33 645 |
| Governo estadual | -10 283 | -7 408 | 18 053 | 23 384 |
| Capital | -3 121 | -3 736 | 8 075 | 9 500 |
| Demais municípios | -2 096 | 227 | 628 | 761 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 4.33 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – São Paulo^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|-------------------|-------------|--------------------------|---------|---------------------|----------------------|----------------------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | | Dívida ^{2/} |
| | | 2011 | Nominal | | | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Outros ^{4/} | Dez |
| Est. de São Paulo | 228 943 | -10 916 | 33 645 | 22 728 | -3 578 | 248 094 |
| Governo estadual | 168 173 | -7 408 | 23 384 | 15 976 | -3 100 | 181 050 |
| Capital | 61 535 | -3 736 | 9 500 | 5 764 | -432 | 66 867 |
| Demais municípios | -766 | 227 | 761 | 988 | -46 | 176 |

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 4.34 – Produção agrícola – São Paulo

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|------------------------------|---------------------|------------------------|---------|--------|
| | | Produção ^{2/} | | Var. % |
| | | 2012 | 2013 | |
| Produção de grãos | | 7 110 | 7 319 | 2,9 |
| Arroz (em casca) | 0,2 | 82 | 49 | -40,6 |
| Feijão | 1,0 | 236 | 232 | -1,7 |
| Milho | 3,9 | 4 755 | 4 666 | -1,9 |
| Soja | 2,6 | 1 472 | 1 785 | 21,3 |
| Outras lavouras selecionadas | | | | |
| Café | 3,2 | 313 | 261 | -16,6 |
| Cana-de-açúcar | 60,7 | 357 746 | 407 475 | 13,9 |
| Laranja | 14,1 | 14 483 | 11 673 | -19,4 |

Fonte: IBGE

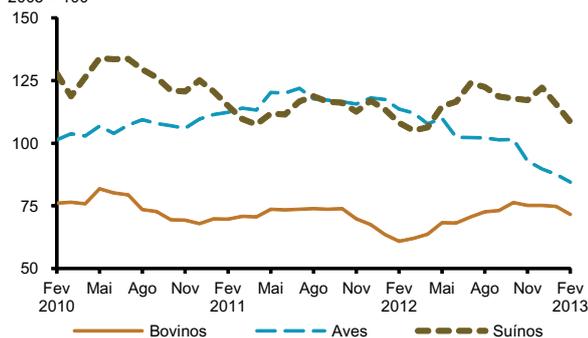
1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Gráfico 4.20 – Abates de animais – São Paulo

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.35 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
| | São Paulo | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 12 683 | 12 455 | -1,8 | -7,7 |
| Básicos | 976 | 1 112 | 13,9 | -8,4 |
| Industrializados | 11 707 | 11 343 | -3,1 | -7,1 |
| Semimanufaturados | 1 131 | 1 593 | 40,8 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 10 575 | 9 750 | -7,8 | -8,4 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.36 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|--------|--------|--------|
| | São Paulo | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 19 555 | 19 436 | -0,6 | 6,3 |
| Bens de capital | 5 019 | 4 985 | -0,7 | 5,3 |
| Matérias-primas | 9 104 | 9 701 | 6,6 | 3,9 |
| Bens de consumo | 3 091 | 3 198 | 3,5 | -5,1 |
| Duráveis | 1 045 | 1 165 | 11,5 | -14,0 |
| Não duráveis | 2 046 | 2 033 | -0,6 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 2 340 | 1 552 | -33,7 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.37 – Evolução do emprego formal – São Paulo

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|-------|-------|-------|--------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -60,0 | 185,2 | 103,5 | 54,6 | -120,6 |
| Indústria de transformação | -23,6 | 35,8 | -1,4 | -3,8 | -34,8 |
| Comércio | -15,3 | 13,7 | 30,6 | 47,3 | -16,6 |
| Serviços | 8,7 | 79,1 | 33,2 | 47,6 | -6,1 |
| Construção civil | 4,1 | 20,5 | 2,9 | -14,6 | -2,4 |
| Agropecuária | -31,8 | 25,2 | 32,3 | -20,8 | -56,3 |
| Serviços ind. de utilidade pública | -0,6 | 0,9 | 1,7 | 1,3 | 2,4 |
| Outros ^{2/} | -1,5 | 10,0 | 4,2 | -2,5 | -6,8 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

primeiro bimestre de 2013, em relação a igual período de 2012, de acordo com as estatísticas do Mapa. A expansão dos abates de bovinos e suínos refletiu a recuperação da demanda externa, enquanto a redução de oferta de aves para abates repercutiu a elevação dos custos de produção do setor.

A balança comercial de São Paulo registrou *deficit* de US\$7 bilhões no primeiro trimestre de 2013, superando em 1,6% o registrado em igual intervalo de 2012. As exportações recuaram 1,8% e as importações, 0,6%, atingindo, US\$12,4 bilhões e US\$19,4 bilhões, respectivamente.

O comportamento das exportações, resultante da redução de 5,3% nos preços e da elevação de 3,7% no *quantum*, decorreu principalmente da queda de 7,8% nas vendas de produtos manufaturados. Argentina, EUA, China, Holanda e Bélgica, adquiriram, em conjunto, 39,3% das vendas externas do estado no período.

O desempenho das importações, refletindo a queda de 2,4% nos preços e o aumento de 1,8% no *quantum*, foi impactada, sobretudo, pela redução de 33,7% nas aquisições de combustíveis e lubrificantes. EUA, China, Alemanha, Nigéria e Argentina representaram, em conjunto, 52,7% do total adquirido pelo estado, no trimestre.

A economia de São Paulo diminuiu o número de postos de trabalho formais em 120,6 mil no trimestre encerrado em fevereiro, de acordo com o Caged/MTE, comparativamente à redução de 60 mil em igual período de 2012. Foram registradas 56,3 mil demissões líquidas na agropecuária e 34,8 mil na indústria. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,5% no trimestre terminado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando havia aumentado 0,6%, no mesmo tipo de análise.

A taxa de desemprego da RMSP, divulgada pela PME do IBGE, atingiu 6% no trimestre encerrado em fevereiro, ante 5,4% em igual período de 2012, refletindo aumentos de 3,3% no pessoal ocupado e de 4% na PEA. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real aumentaram 3,5% e 7%, respectivamente, no período. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, aponta taxa de desemprego de 6,4% para o trimestre finalizado em fevereiro, mesmo patamar observado para o trimestre findo em novembro.

O IPCA da RMSP variou 2,14% no primeiro trimestre deste ano, ante 1,68% no quarto trimestre de 2012, resultado da aceleração dos preços livres, de 1,92% para

Gráfico 4.21 – Taxa de desemprego aberto – São Paulo

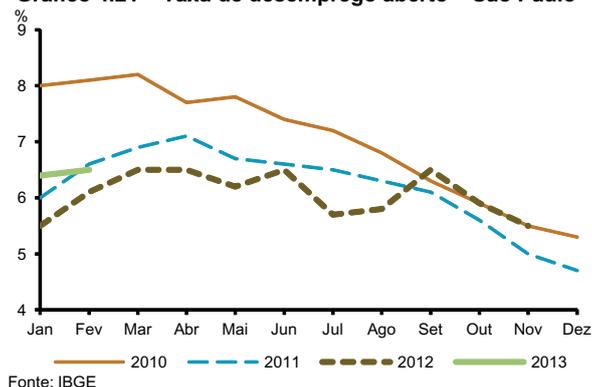


Tabela 4.38 – IPCA – São Paulo

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|------|--------|-------|
| | | 2012 | 2013 | | |
| | | | Ano | IV Tri | I Tri |
| IPCA | 100,0 | 4,72 | 1,68 | 2,14 | 5,97 |
| Livres | 76,3 | 5,56 | 1,92 | 3,14 | 7,69 |
| Comercializáveis | 34,3 | 3,23 | 2,35 | 2,39 | 6,32 |
| Não comercializáveis | 42,0 | 7,57 | 1,57 | 3,77 | 8,84 |
| Monitorados | 23,7 | 2,19 | 0,93 | -0,94 | 0,79 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 23,4 | 8,67 | 2,71 | 4,18 | 12,08 |
| Habitação | 13,8 | 5,31 | 1,75 | -1,57 | 2,59 |
| Artigos de residência | 4,0 | 0,79 | 2,43 | 1,95 | 2,61 |
| Vestuário | 5,8 | 5,47 | 2,46 | 0,18 | 6,48 |
| Transportes | 21,0 | -1,24 | 1,29 | 1,61 | 0,54 |
| Saúde | 11,4 | 6,33 | 1,30 | 1,93 | 6,54 |
| Despesas pessoais | 10,9 | 8,49 | 1,03 | 4,24 | 11,30 |
| Educação | 5,0 | 7,70 | 0,21 | 6,73 | 7,75 |
| Comunicação | 4,7 | 0,60 | 0,58 | -0,09 | 1,03 |

Fonte: IBGE

1/ Referente a março de 2013.

3,14%, enquanto os preços monitorados recuaram 0,94%, após alta de 0,93% no trimestre encerrado em dezembro, refletindo, principalmente, a redução na tarifa de energia elétrica no período.

O desempenho dos preços livres repercutiu, em especial, o aumento na variação dos preços dos produtos não comercializáveis, de 1,57% para 3,77%, em cenário de reajuste das mensalidades escolares e de maior pressão exercida pelos preços de tubérculos, alimentação fora do domicílio e serviços pessoais. A variação nos preços dos produtos comercializáveis atingiu 2,39%, ante 2,35% no trimestre finalizado em dezembro, refletindo principalmente o aumento dos preços dos itens panificados, cuidados pessoais e móveis e utensílios, parcialmente compensada pela desaceleração no grupo vestuário e pela queda nos preços de carnes e de açúcares e derivados. O índice de difusão médio aumentou 3,1 p.p. no trimestre, atingindo 61,4%.

O IPCA da RMSP variou 5,97% no intervalo de doze meses encerrado em março, ante 4,72% em dezembro, evolução resultante da aceleração dos preços livres, de 5,56% para 7,69%, e da desaceleração dos monitorados, de 2,19% para 0,79%.

O ritmo da atividade da economia paulista acelerou no trimestre encerrado em fevereiro, sustentado especialmente pelo desempenho da indústria e pela expansão das vendas de veículos e de material de construção. A consolidação do maior dinamismo da economia paulista está condicionada à evolução positiva do setor fabril, que apresenta perspectivas favoráveis dada a retomada recente dos investimentos no país e a continuidade de crescimento da massa salarial, principal base de sustentação do consumo doméstico.

Região Sul

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul

Dados dessazonalizados

2002 = 100

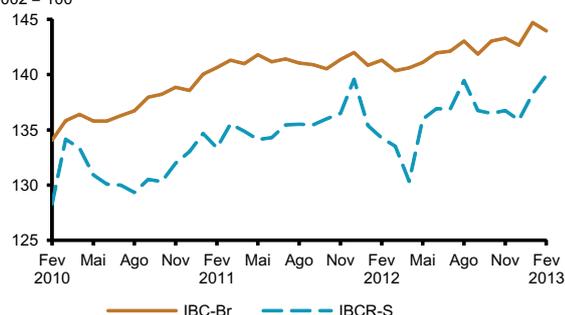
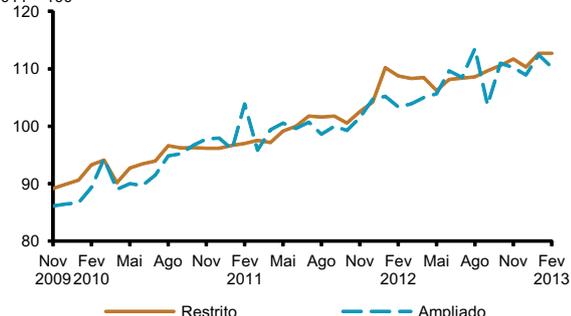


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Geral e setores selecionados

| Discriminação | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|---------------------------|---------------------------|----------|
| | 2012 Ano | 2013 Nov ^{1/} | 2013 Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 8,9 | 2,1 | 1,1 | 7,2 |
| Combustíveis e lubrificantes | 3,6 | 3,5 | -1,6 | 4,9 |
| Hiper e supermercados | 10,6 | 3,2 | 1,1 | 7,8 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 4,1 | -0,6 | 2,1 | 5,0 |
| Móveis e eletrodomésticos | 9,7 | -1,5 | -0,4 | 6,6 |
| Comércio varejista ampliado | 7,5 | -2,0 | 2,0 | 7,3 |
| Automóveis e motocicletas | 5,4 | -11,8 | 7,2 | 7,2 |
| Material de construção | 9,1 | 2,4 | 2,0 | 9,2 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Os principais indicadores de atividade da região Sul apresentaram evolução favorável no trimestre finalizado em fevereiro. Resultados positivos foram assinalados principalmente na agricultura e na indústria, enquanto o comércio avança, mas com tendência de moderação. Nesse cenário, o IBCR-S cresceu 1% no período, comparativamente ao trimestre finalizado em novembro, quando recuara 0,8%, na mesma base de comparação, considerando dados dessazonalizados. No acumulado em doze meses, o indicador registrou elevação de 0,6% em fevereiro, ante o aumento de 1% assinalado em novembro de 2012.

As vendas do comércio varejista cresceram 1,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao trimestre até novembro, quando aumentaram 2,1%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se a moderação da atividade no segmento de hiper e supermercados e a queda nas vendas de combustíveis e lubrificantes no período. O comércio ampliado, após queda no trimestre anterior, registrou expansão de 2,1%, refletindo, em especial, o resultado do comércio automotivo, que cresceu 7,2% no trimestre.

Em doze meses, as vendas do varejo também reduziram o ritmo de expansão, passando de 9,7% até novembro para 7,2% até fevereiro, em relação a iguais períodos anteriores, destacando-se a alta de 7,8% no volume de vendas de hiper e supermercados. Incorporadas as elevações no faturamento real do comércio automotivo, 7,2%, e de material de construção, 9,2%, o comércio ampliado cresceu 7,3% no intervalo de doze meses encerrado em fevereiro, ante 8,3% em novembro.

De acordo com a Fenabreve, as vendas de automóveis e comerciais leves novos acumularam expansão de 0,7% entre dezembro e fevereiro, em comparação ao trimestre anterior, e de 6,8% na base interanual, totalizando 177,3 mil unidades.

Gráfico 5.3 – Confiança do empresariado**Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul**

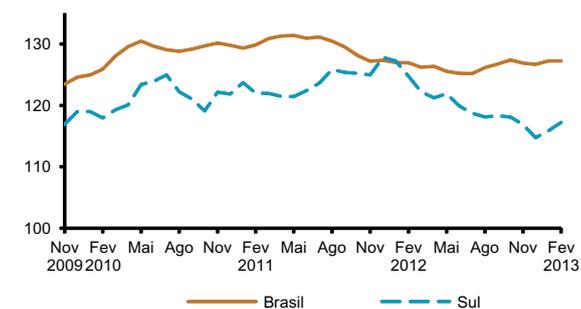
Geral e setores selecionados

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | | |
|---|---------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | | 2012 | | 2013 | |
| | | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} | Nov ^{2/} | Fev ^{2/} |
| Indústria geral | 100,0 | -1,0 | 0,3 | -4,5 | -4,5 |
| Alimentos | 18,4 | 0,0 | 1,8 | -4,3 | -4,3 |
| Máquinas e equipamentos | 14,3 | 1,3 | 4,5 | 7,8 | 7,8 |
| Veículos automotores | 9,1 | -6,7 | -9,7 | -11,2 | -11,2 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 7,2 | -14,9 | -29,3 | -29,9 | -29,9 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 7,2 | 4,5 | -2,5 | -1,2 | -1,2 |
| Refino de petróleo e álcool | 5,7 | -9,6 | 12,6 | 2,8 | 2,8 |
| Outros produtos químicos | 5,5 | 3,4 | -1,3 | -6,2 | -6,2 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de fevereiro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.4 – Produção industrialDados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

Fonte: IBGE

O Índice Nacional de Confiança (INC) para a região Sul, divulgado pela ACSP, atingiu 195 pontos em março, evidenciando melhora na percepção dos consumidores, tanto em relação a dezembro, 192 pontos, quanto a março de 2012, 186 pontos. O indicador assinalou evolução positiva pelo terceiro mês em sequência, superando a média nacional e sinalizando perspectiva positiva para a atividade regional.

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) para a região Sul, elaborado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), atingiu 121 pontos em março, ante 124,3 pontos em dezembro e 127,5 pontos em março de 2012. Relativamente às perspectivas, destaque-se, na margem, a redução na avaliação do nível de investimentos das empresas, cuja pontuação passou de 114,8 pontos em dezembro para 102,6 pontos em março.

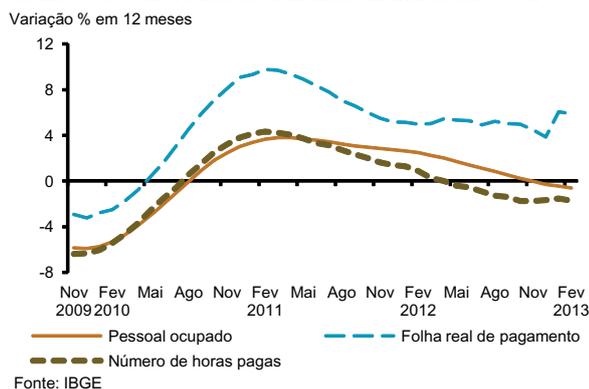
A produção industrial da região Sul elevou-se 0,3% no trimestre finalizado em fevereiro, comparativamente ao finalizado em novembro, quando decrescera 1%, conforme dados da PIM-PF Regional do IBGE, agregados e dessazonalizados. Considerando as dezenove atividades da pesquisa, houve elevação em nove, com destaque para a expansão de 1,8% em alimentos, 12,6% em refino de petróleo e 17,6% em vestuário e acessórios.

Em doze meses até fevereiro, a queda da atividade fabril atingiu 4,5%. Nessa base, a produção de alimentos recuou 4,3% e a de veículos, 11,2%. Atenuaram o desempenho desfavorável, os crescimentos na produção de máquinas e equipamentos, 7,8%, mobiliário, 4,8%, e refino de petróleo, 2,8%.

Os indicadores do mercado de trabalho da indústria divulgados pela Pimes do IBGE mostraram, para a região Sul, elevação de 0,4% no número de horas pagas no trimestre finalizado em fevereiro, ante o encerrado em novembro, segundo dados dessazonalizados, resultado consistente com a evolução da produção do setor. Por outro lado, os índices de pessoal ocupado e da folha real de pagamentos recuaram 0,1% e 0,2%, nas mesmas bases. As comparações entre períodos de doze meses finalizados em fevereiro de 2013 e de 2012 registraram crescimento de 5,9% na folha de pagamentos e quedas de 0,6% e de 1,7% no pessoal ocupado e horas trabalhadas, respectivamente.

A produtividade da indústria da região Sul, calculada a partir da relação entre a produção física e o número de horas pagas, dados divulgados pelo IBGE, recuou 0,8% no trimestre encerrado em fevereiro, comparativamente ao

Gráfico 5.5 – Mercado de trabalho da indústria – Sul



finalizado em novembro, quando diminuiu 0,5%, conforme série isenta de influências sazonais. Em doze meses até fevereiro, o indicador declinou 2,6%, em relação à igual período de 2012.

O Icei¹, divulgado pela CNI para a região Sul, registrou 56,7 pontos em março, ante 57,4 pontos em dezembro, trajetória semelhante ao do indicador nacional, que assinalou 57,1 e 57,4 pontos, respectivamente. No Sul, houve declínio trimestral de 2,4 pontos do indicador relativo às condições atuais, que atingiu 48,8 pontos. Em relação às expectativas, o indicador situou-se em 60,6 pontos, com elevação de 0,1 ponto no período analisado.

A Sondagem Industrial da CNI para fevereiro apontou patamar de estoques de produtos finais acima do planejado. O indicador atingiu 53,5 pontos no mês, superando em 1,7 pontos o resultado de janeiro. Por outro lado, a expectativa sobre o comportamento da demanda evoluiu favoravelmente, situando-se em 62,7 pontos, ante 61,6 pontos em janeiro.

O nível de utilização da capacidade instalada da região² registrou crescimento de 0,3 p.p., para 80,6%, no trimestre finalizado em fevereiro, ante igual período findo em novembro, considerando séries dessazonalizadas. Em doze meses até fevereiro, houve redução de 0,4 p.p. comparativamente ao período encerrado em novembro.

As vendas de cimento na região Sul, indicador do desempenho do setor da construção, declinaram 9,3% no trimestre compreendido entre dezembro e fevereiro, em relação ao trimestre anterior, quando a queda atingira 1,6%, conforme dados do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), dessazonalizados pelo Banco Central. Em doze meses, as vendas cresceram 3,7%, observando-se tendência de desaceleração a partir de agosto de 2012, quando a expansão atingira 10,3%.

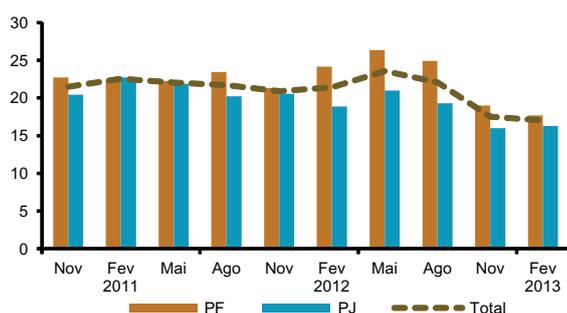
O saldo das operações de crédito superiores a R\$1mil contratadas na região atingiu R\$422,7 bilhões em fevereiro, aumentando 3,5% no trimestre e 17% em doze meses. As operações com pessoas físicas somaram R\$208,5 bilhões, elevando-se 3,7% e 20,6%, respectivamente, nessas bases de comparação, destacando-se a evolução no trimestre das modalidades financiamentos rurais e agroindustriais – investimento e capital de giro de financiamento

1/ O nível de 50 pontos indica situação de indiferença.

2/ Calculado a partir de ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pela Fiergs, Fiesc e Fiep, pela participação das indústrias dos estados respectivos na produção da região, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE.

Gráfico 5.6 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

agroindustrial, financiamentos imobiliários – SFH e empréstimos com consignação em folha de pagamento. A carteira de pessoas jurídicas totalizou R\$214,2 bilhões, crescendo 3% no trimestre e 16,3% em doze meses, com destaque para a evolução das operações contratadas pelo comércio atacadista, transporte rodoviário de carga e comércio de outros produtos.

A taxa de inadimplência das operações de crédito situou-se em 2,9% em fevereiro, ante 3,2% assinalada em novembro de 2012, com queda de 0,5 p.p. na do segmento de pessoas jurídicas, para 2,3%, e diminuição de 0,2 p.p. na de pessoas físicas, para 3,5%.

No primeiro bimestre de 2013, os desembolsos do BNDES para região Sul totalizaram R\$5,3 bilhões, ante R\$3,4 bilhões em igual período de 2012, crescimento de 56,6% dos recursos direcionados à região, ante expansão de 39,7% dos desembolsos totais da instituição.

Os governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sul apresentaram *superavit* de R\$3,4 bilhões em 2012. A redução do resultado anual, de 50,5%, refletiu desempenhos mais frágeis nos três estados, sobretudo no Rio Grande do Sul, cujo *superavit* contraiu-se 59,3%.

Os juros nominais, apropriados por competência, aumentaram 19,4%, atingindo R\$9,5 bilhões no período. Esse comportamento decorreu, em especial, da maior variação do IGP-DI em 2012, 8,10%, ante 5% em 2011, principal indexador da dívida renegociada junto à União, passivo que representa a maior parcela do endividamento público regional. O *deficit* nominal, que havia recuado 76% em 2011, passou de R\$1,1 bilhão para R\$6,1 bilhões em 2012.

A dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios da região registrou expansão anual de 9,4%, totalizando R\$75,5 bilhões. Apesar da predominância das dívidas provenientes da renegociação com a União, houve crescimento na participação das dívidas bancária e externa. A representatividade da região na composição do endividamento total desses entes passou para 13,9% em dezembro de 2012, ante 14% em 2011 e 14,3% em 2010.

A safra de grãos da região deverá atingir 72,1 milhões de toneladas em 2013, de acordo com o LSPA de março do IBGE, representando 40,2% da produção nacional. O acréscimo de 30,5% frente a 2012 reflete, sobretudo, as elevações nas produções estimadas para a soja, 63,7%;

Tabela 5.3 – Necessidades de financiamento – Região Sul^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|--------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Total | -6 779 | -3 353 | 7 926 | 9 466 |
| Governos estaduais | -6 165 | -4 617 | 7 685 | 9 143 |
| Capitais | -284 | 474 | 47 | 54 |
| Demais municípios | -330 | 790 | 195 | 269 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sul^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|--------------------|-------------|--------------------------|---------|----------------------|----------------------|--------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} | |
| | | 2011 | Nominal | Outros ^{4/} | 2012 | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Total | 69 024 | -3 353 | 9 466 | 6 112 | 363 | 75 500 |
| Governos estaduais | 69 111 | -4 617 | 9 143 | 4 526 | 459 | 74 096 |
| Capitais | 69 | 474 | 54 | 528 | -8 | 588 |
| Demais municípios | -157 | 790 | 269 | 1 059 | -87 | 815 |

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.5 – Dívida líquida – Região Sul^{1/}

Composição

| Região Sul | R\$ milhões | | |
|--------------------------------|----------------|----------------|----------------|
| | 2010 | 2011 | 2012 |
| | Dez | Dez | Dez |
| Dívida bancária | 3 118 | 3 757 | 5 092 |
| Renegociação ^{2/} | 57 550 | 60 129 | 62 030 |
| Dívida externa | 3 812 | 4 432 | 6 446 |
| Outras dívidas junto à União | 3 152 | 3 324 | 3 531 |
| Dívida reestruturada | 264 | 271 | 274 |
| Disponibilidades líquidas | -450 | -2 889 | -1 874 |
| Total (A) | 67 447 | 69 024 | 75 500 |
| Brasil^{3/} (B) | 471 992 | 491 433 | 541 717 |
| (A/B) (%) | 14,3 | 14,0 | 13,9 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 5.6 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|------------------|---------------------|------------------------|--------|-------------------------|
| | | Produção ^{2/} | | Variação % 2013/2012 |
| | | 2012 | 2013 | |
| Grãos | 70,1 | 55 230 | 72 097 | 30,5 |
| Soja | 38,5 | 17 949 | 29 383 | 63,7 |
| Milho | 16,3 | 22 541 | 26 901 | 19,3 |
| Arroz (em casca) | 7,7 | 8 967 | 9 334 | 4,1 |
| Trigo | 4,3 | 4 104 | 4 636 | 12,9 |
| Feijão | 2,5 | 902 | 986 | 9,3 |
| Outras lavouras | | | | |
| Fumo | 9,2 | 791 | 836 | 5,7 |
| Cana-de-açúcar | 4,5 | 48 923 | 53 713 | 9,8 |
| Mandioca | 3,8 | 5 590 | 5 447 | -2,6 |
| Maçã | 1,6 | 1 332 | 1 268 | -4,8 |
| Uva | 1,6 | 990 | 946 | -4,4 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Tabela 5.7 – Preços médios pagos ao produtor – Sul

Em R\$ por saca

| Produtos | Variação % no período | | |
|------------------|----------------------------|--------------------------------------|-----------------------------------|
| | 2013 | | |
| | Mês ^{1/} (Mar) | Trimestre ^{2/} (Jan-Mar) | Acumulado no ano ^{3/} |
| Soja | -3,3 | -15,1 | 28,3 |
| Arroz (em casca) | -4,6 | -10,3 | 30,2 |
| Feijão | 3,0 | 19,2 | 24,7 |
| Milho | -8,2 | -4,4 | 7,6 |
| Trigo | -2,7 | 8,9 | 49,5 |

Fontes: Emater/RS, Cepa/SC e SEAB/PR

1/ Em relação ao mês anterior.

2/ Em relação ao trimestre anterior.

3/ Até março.

milho, 19,3%, trigo, 12,9%, e feijão, 9,3%. Dentre as demais culturas, ressaltam-se as previsões de incremento para o fumo, 5,7%, e cana-de-açúcar, 9,8%. As cotações médias do trigo, arroz, soja, feijão e milho apresentaram variações respectivas de 49,5%, 30,2%, 28,3%, 24,7% e 7,6% no primeiro trimestre deste ano, comparativamente a igual período de 2012, de acordo com estatísticas da Emater/RS, do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola de Santa Catarina (Cepa/SC) e da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab/PR).

A estimativa para o Valor Bruto da Produção (VBP) dos principais produtos agrícolas, divulgada em março pelo Mapa, atingiu R\$75,1 bilhões em 2013, observando-se acréscimo real de 27,2%, relativamente a 2012, com os dados corrigidos pelo IGP-DI.

Os abates de bovinos e aves em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF variaram, respectivamente, 13,5% e -10,9% no primeiro bimestre de 2013, comparativamente a igual período de 2012, enquanto a produção de suínos manteve-se estável, de acordo com estatísticas do Mapa. As cotações médias desses produtos no período, ante igual referência de 2012, variaram, respectivamente, -5,3%, 32,9% e 24,4%, conforme a Emater/RS, o Centro de Estudos e Pesquisas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Iepe/UFRGS), a Cepa/SC e a Seab/PR. De acordo com o MDIC, as exportações de bovinos cresceram de forma acentuada no primeiro bimestre, com expansão de 58,6%, explicada basicamente pela volta da normalidade das transações com a Rússia. As vendas externas de suínos e de aves, por outro lado, recuaram, respectivamente, 1,3% e 7,5% na mesma base de comparação.

A balança comercial da região Sul registrou *deficit* de US\$2,6 bilhões no primeiro trimestre, ante US\$1,3 bilhão no mesmo período de 2012, de acordo com o MDIC. As exportações, refletindo variações de -13,3% no *quantum* e de 4,1% nos preços, recuaram 9,8%, para US\$8,8 bilhões, enquanto as importações, com variações de 4,7% na quantidade e de -1% nos preços, aumentaram 3,6%, totalizando US\$11,4 bilhões.

Os embarques de produtos manufaturados, 48,7% do total exportado, decresceram 9,7%, refletindo a redução de 12,3% em polímeros de etileno, enquanto os embarques de produtos básicos, 43,7% das exportações, recuaram 8%, com destaque para as reduções de 34,1% em soja e farelo e resíduos na extração de óleo de soja, e de 26,1% em fumo. As vendas de semimanufaturados, 7,6% do total, recuaram

Tabela 5.8 – Indicadores da pecuária – Sul

Fevereiro de 2013

| Discriminação | Variação % no ano | | |
|---------------|---------------------------|---------------------|-----------------|
| | Abates (nº de animais) | Exportações (kg) | Preços (R\$) |
| Bovinos | 16,1 | 58,6 | -5,3 |
| Suínos | 2,7 | -1,3 | 24,4 |
| Aves | -3,5 | -7,5 | 32,9 |

Fonte: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR, Cepa/SC e MDIC

Tabela 5.9 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Sul | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 9 738 | 8 787 | -9,8 | -7,7 |
| Básicos | 4 176 | 3 841 | -8,0 | -8,4 |
| Industrializados | 5 562 | 4 946 | -11,1 | -6,9 |
| Semimanufaturados | 825 | 668 | -19,0 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 4 737 | 4 278 | -9,7 | -8,2 |

Fonte: MDIC/Secex

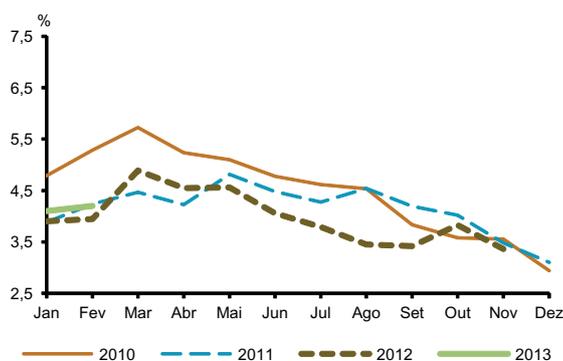
1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.10 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|--------|--------|--------|
| | Sul | | | Brasil |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 11 022 | 11 421 | 3,6 | 6,3 |
| Bens de capital | 2 028 | 2 238 | 10,4 | 5,3 |
| Matérias-primas | 5 590 | 5 650 | 1,1 | 3,9 |
| Bens de consumo | 2 159 | 2 071 | -4,1 | -5,1 |
| Duráveis | 1 182 | 1 032 | -12,7 | -14,0 |
| Não duráveis | 977 | 1 039 | 6,3 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 1 245 | 1 462 | 17,4 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Gráfico 5.7 – Taxa de desocupação – Sul

Fonte: IBGE e Iparides

19%, destacando-se as retrações de 8,7% nas de açúcar de cana e de 50,6% nas de óleos de soja em bruto. Argentina, EUA, China e Paraguai adquiriram, em conjunto, 30% das vendas externas da região no período.

As compras de matérias-primas e de produtos intermediários, representando 49,5% das compras externas da região, elevaram-se 1,1% no trimestre, assinalando-se o aumento de 63,9% em naftas. As importações de bens de capital e de combustíveis e lubrificantes, correspondendo, respectivamente, a 19,6% e 12,8% da pauta da região, expandiram-se 10,4% e 17,4%, na ordem, destacando-se, no primeiro segmento, o aumento de 127% nas compras de veículos de carga. As importações de bens de consumo, 18,1% da pauta, contraíram-se 4,1% no período. Os produtos provenientes da China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 40% das importações do Sul no período.

O mercado de trabalho formal na região Sul eliminou 5,6 mil postos no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante criação de 1,5 mil no mesmo período de 2012, de acordo com o Caged/MTE. Esse recuo refletiu, especialmente, a eliminação de 12,7 mil vagas no comércio, relacionadas ao segmento varejista. O setor de serviços gerou 11,5 mil postos, principalmente em alojamento e alimentação, 5,5 mil, e administração de imóveis, 5,4 mil. O nível de emprego da região cresceu 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro, ante o findo em novembro, quando expandira 0,6%, na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da região Sul³ alcançou 4,2% em fevereiro, 0,8 p.p. acima do nível observado em novembro e 0,3 p.p. superior ao assinalado em fevereiro de 2012. A elevação da taxa na comparação interanual refletiu aumento de 2,3% na PEA e de 2,1% na população ocupada. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 4,1% em fevereiro, ante 3,9% em novembro.

O IPCA na região Sul⁴ variou 1,60% no primeiro trimestre, desacelerando, relativamente à alta de 1,93% no último trimestre de 2012. A evolução refletiu, sobretudo, o declínio dos preços monitorados, cuja variação passou de 1,32% para -1,39%, devido principalmente à redução no preço da energia elétrica residencial. Os preços livres no mesmo período aceleraram de 2,12% para 2,50%.

3/ Calculado com base na taxa de desocupação das regiões metropolitanas de Porto Alegre, conforme a PME do IBGE, e de Curitiba, de acordo com a PME do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparides), realizada em convênio com o IBGE.

4/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

Tabela 5.11 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|------|------|------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | 1,5 | 94,4 | 38,9 | 81,1 | -5,6 |
| Indústria de transformação | -11,2 | 34,4 | 1,4 | 6,6 | 0,5 |
| Comércio | -9,5 | 17,8 | 8,7 | 43,2 | -12,7 |
| Serviços | 22,4 | 36,0 | 22,5 | 28,1 | 11,5 |
| Construção civil | 0,5 | 11,6 | 4,5 | -3,0 | -4,0 |
| Agropecuária | 0,4 | -8,2 | -0,4 | 7,2 | 0,5 |
| Serviços ind. de utilidade pública | 0,1 | 0,5 | 0,6 | -0,4 | 0,2 |
| Outros ^{2/} | -1,2 | 2,3 | 1,5 | -0,6 | -1,7 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.12 – IPCA – Sul

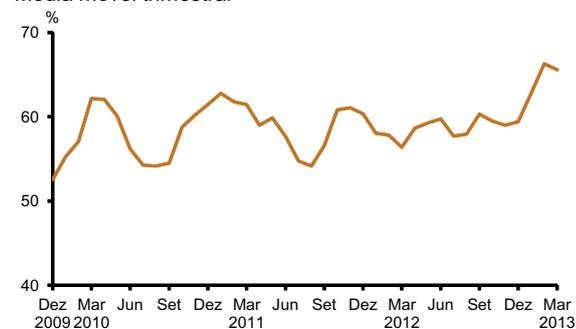
| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|---------|--------|-------|
| | | 2012 | | | 2013 |
| | | II Tri | III Tri | IV Tri | I Tri |
| IPCA | 100,0 | 1,26 | 1,46 | 1,93 | 1,60 |
| Livres | 76,6 | 1,39 | 1,73 | 2,12 | 2,50 |
| Comercializáveis | 37,8 | 1,15 | 1,32 | 2,33 | 2,25 |
| Não comercializáveis | 38,8 | 1,61 | 2,12 | 1,91 | 2,75 |
| Monitorados | 23,4 | 0,87 | 0,58 | 1,32 | -1,39 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 23,8 | 2,24 | 3,33 | 2,66 | 3,33 |
| Habitação | 14,7 | 1,91 | 1,29 | 0,68 | -2,86 |
| Artigos de residência | 4,7 | 0,22 | 1,17 | 0,58 | 2,10 |
| Vestuário | 7,3 | 3,00 | 0,25 | 3,87 | 0,36 |
| Transportes | 20,1 | -2,04 | 0,04 | 2,15 | 1,98 |
| Saúde | 11,2 | 2,44 | 1,54 | 0,79 | 1,51 |
| Despesas pessoais | 10,0 | 3,64 | 1,74 | 3,13 | 2,60 |
| Educação | 3,8 | -0,25 | 1,32 | 0,35 | 6,22 |
| Comunicação | 4,5 | 0,67 | 0,39 | 0,55 | 0,49 |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2012.

Gráfico 5.8 – IPCA – Índice de difusão – Sul

Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

O comportamento do segmento de livres refletiu a alta de 2,25% nos bens comercializáveis, após crescimento de 2,33% no último trimestre de 2012, destacando-se o reajuste de 15,98% no custo de cigarros. O segmento de bens e serviços não comercializáveis apresentou aceleração, de 1,91% para 2,75%, sobressaindo-se os preços de tubérculos, raízes e legumes, que aumentaram 34,69% no trimestre. Indicando maior disseminação no reajuste de preços, o índice de difusão atingiu 65,6% no trimestre findo em março, ante 59,4% no trimestre anterior e 56,4% no encerrado em março de 2012.

A inflação da região Sul situou-se em 6,40% em doze meses até março, ante 5,67% em 2012, refletindo a aceleração dos preços livres, de 6,37% para 7,96%, em especial a alta de 12,01% em não comercializáveis, e o arrefecimento dos monitorados, de 3,43% para 1,38%, impactado pela redução na tarifa de energia elétrica.

As perspectivas para a economia na região Sul seguem favoráveis, em especial pela recuperação da safra agrícola e seus desdobramentos sobre os demais setores. Adicionalmente, a evolução positiva dos indicadores de mercado de trabalho e a ampliação moderada do crédito seguem sustentando as vendas do comércio, enquanto as perspectivas de crescimento, em ambiente econômico benigno, continuam favorecendo os investimentos na região.

Paraná

O PIB do Paraná cresceu 0,9% em 2012, após expansão de 4% no ano anterior, conforme estimativas do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes). Esse desempenho refletiu os efeitos das condições climáticas desfavoráveis sobre a produção de grãos, que diminuiu 2,2% no ano, e o recuo da produção industrial, de 4,8%.

A atividade econômica paranaense nos primeiros meses de 2013 mostrou recuperação, em especial no setor agrícola e no comércio. Nesse cenário, embora se observe moderação no dinamismo no mercado de trabalho e na atividade industrial, o IBCR-PR cresceu 1,6% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando registrara recuo de 0,3%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. Em 12 meses até fevereiro, o indicador variou 1,4%.

As vendas do comércio varejista paranaense aumentaram 3,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando cresceram 0,7%, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio, do IBGE. Por segmentos, os maiores aumentos couberam a hipermercados e supermercados, 4,7%, seguido por livros, jornais, revistas e papelaria, 1,5%, cujos efeitos superaram o impacto da contração nas vendas de combustíveis e lubrificantes no período, de 6,5%. O crescimento do comércio ampliado, que incluiu os aumentos nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 4,8%, e de material de construção, 3,8%, atingiu 2,8%, no período.

No acumulado em doze meses, as vendas no varejo elevaram-se 7,9% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 11% em novembro, destacando-se expansões, respectivas, de 19,2% e 18,9% nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico e de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria. Considerando a mesma análise, as vendas de veículos, motos, partes e peças elevaram-se 10,2% e as de material de construção 2,9%, resultando em crescimento de 8,1% do comércio ampliado no período.

As vendas de veículos novos registraram, no trimestre finalizado em fevereiro, decréscimos de 2,6% e de 4,9% em relação aos trimestres encerrados em novembro e em fevereiro de 2012, de acordo com estatísticas da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave-PR) e do Sindicato dos Concessionários e

Gráfico 5.9 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná
Dados dessazonalizados



Gráfico 5.10 – Comércio varejista – Paraná



Tabela 5.13 – Índice de vendas no varejo – Paraná
Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 10,0 | 0,7 | 3,1 | 7,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 8,0 | 5,7 | -6,5 | 9,9 |
| Hiper e supermercados | 10,2 | 1,6 | 4,7 | 7,5 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 6,2 | -4,0 | 0,3 | 6,2 |
| Móveis e eletrodomésticos | 7,3 | -5,7 | 0,2 | 2,3 |
| Comércio ampliado | 8,5 | -5,5 | 2,8 | 8,1 |
| Automóveis e motocicletas | 8,6 | -12,6 | 4,8 | 10,2 |
| Material de construção | 2,9 | -1,4 | 3,8 | 2,9 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv PR). O licenciamento de novos veículos experimentou recuo anual de 3% em 2012.

Gráfico 5.11 – Produção industrial – Paraná



A produção da indústria paranaense recuou 0,5% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando diminuía 2,4%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve redução da produção em oito das catorze atividades pesquisadas, ressaltando-se as registradas nos segmentos de veículos automotores, 19,3%, celulose e papel, 6,3%, e edição e impressão, 0,9%. Destacaram-se, por outro lado, as expansões nas atividades de máquinas e equipamentos, 7,8%, alimentos, 2,2%, e refino de petróleo e produção de álcool, 4%, essa revertendo o desempenho negativo observado no trimestre anterior.

A análise em doze meses indica que a produção industrial do estado recuou 6% em fevereiro, em relação a igual intervalo de 2012, com ênfase nas diminuições na produção dos segmentos de edição e impressão, e de veículos automotores, 32,3% e 11,6%, na ordem, atividades de maior peso na estrutura industrial paranaense, conforme dados da PIM-PR.

Tabela 5.13 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Geral e setores selecionados

| Setores | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 10,0 | 0,7 | 3,1 | 7,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 8,0 | 5,7 | -6,5 | 9,9 |
| Hiper e supermercados | 10,2 | 1,6 | 4,7 | 7,5 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 6,2 | -4,0 | 0,3 | 6,2 |
| Móveis e eletrodomésticos | 7,3 | -5,7 | 0,2 | 2,3 |
| Comércio ampliado | 8,5 | -5,5 | 2,8 | 8,1 |
| Automóveis e motocicletas | 8,6 | -12,6 | 4,8 | 10,2 |
| Material de construção | 2,9 | -1,4 | 3,8 | 2,9 |

Fonte: IBGE

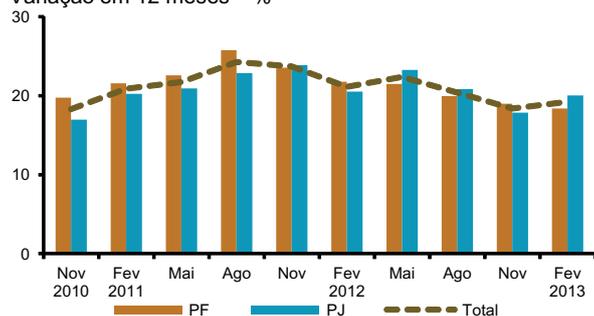
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

As vendas reais da indústria paranaense recuaram 2% no trimestre encerrado em fevereiro, comparativamente a queda de 1,5% no finalizado em novembro, de acordo com as estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). Registrem-se, especialmente, as quedas nas vendas dos setores de fabricação e montagem de veículos automotores, 22,1%, produtos químicos, 3,6%, máquinas e equipamentos, 2,7%, e celulose e papel, 3,6%, com peso conjunto de 33,8% nas vendas da indústria estadual. Destacaram-se, favoravelmente, na mesma base de comparação, as elevações nas vendas dos segmentos coque, refino de petróleo e produção de álcool, 2,9%, produtos de madeira, 5,5%, material eletrônico e de comunicações, 3,2%, e máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 2%. O Nuci médio do trimestre alcançou 77,7% em fevereiro, 0,5 p.p. superior ao assinalado em novembro.

Considerados períodos de doze meses, as vendas reais da indústria aumentaram 2,4% em fevereiro, relativamente a igual período do ano anterior, com ênfase para os crescimentos nos segmentos fabricação e montagem de veículos automotores, produtos químicos e máquinas e equipamentos, com variações de 17,4%, 8,3% e 12,8%, na ordem.

Gráfico 5.12 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas no Paraná, totalizou R\$157,4 bilhões em fevereiro, elevando-se 4% no trimestre e 19,2% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas somaram R\$77,6 bilhões, aumentando 4,3% e 18,4%, respectivamente, com ênfase nas modalidades financiamento imobiliário, crédito pessoal com consignação em folha de pagamento e financiamentos rurais e agroindustriais. A carteira relativa a pessoas jurídicas atingiu R\$79,8 bilhões, registrando variações respectivas de 3,7% e 20% nos períodos mencionados, ressaltando-se os financiamentos à exportação, os empréstimos rurais e agroindustriais, bem como o crédito aos setores do comércio atacadista e de construção que tiveram maior aumento relativo no trimestre encerrado em fevereiro.

A taxa de inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,96% em fevereiro, diminuindo 0,14 p.p. no trimestre e 0,26 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de reduções de 0,51 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,04 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, cujas taxas situaram-se, na ordem, em 3,60% e 2,35%.

O desempenho favorável do setor imobiliário é também evidenciado pelas concessões de financiamentos para aquisição de unidades residenciais e comerciais, no estado do Paraná. No primeiro trimestre de 2013, esses financiamentos alcançaram o montante de R\$515,7 milhões, relativamente a 4.217 novos contratos, expandindo, na ordem, 29,8% e 6,3% ante o mesmo período de 2012.

Assinale-se que a Prefeitura Municipal de Curitiba certificou até março a conclusão de 9.859 novas unidades, representando expansão de 58,4% na oferta de imóveis, em relação ao mesmo período do ano anterior, e concedeu 8.441 alvarás de construção referentes a lançamentos imobiliários, aumento de 21,8% na mesma base de comparação. Conforme o Sindicato da Indústria de Construção Civil no Estado do Paraná (Sinduscon-PR), o Índice de Velocidade das Vendas de Imóveis em Curitiba (IVV-Curitiba) alcançou, nos dois primeiros meses de 2013, a taxa média de 9,96%, mantendo-se estável em relação à taxa média de 2012.

O Índice de Confiança do Empresário da Construção – Paraná (Icec-PR), calculado pela Fiep, atingiu 55,6 pontos, queda de 5,5 e 0,9 pontos em relação a fevereiro de 2012 e a janeiro de 2013, na ordem, indicando trajetória declinante na confiança dos empresários da construção civil, ainda que permanecendo em patamar favorável.

Tabela 5.15 – Necessidades de financiamento – Paraná^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|-------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Estado do Paraná | -1 971 | -1 049 | 1 681 | 1 998 |
| Governo estadual | -1 695 | -1 630 | 1 567 | 1 832 |
| Capital | -197 | 192 | 8 | 16 |
| Demais municípios | -79 | 388 | 106 | 150 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 5.16 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Paraná^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|-------------------|-------------|--------------------------|---------|---------------------|----------------------|--------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} | |
| | | 2011 | Nominal | | 2012 | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Estado do Paraná | 14 146 | -1 049 | 1 998 | 949 | -243 | 14 852 |
| Governo estadual | 14 283 | -1 630 | 1 832 | 203 | -169 | 14 317 |
| Capital | -8 | 192 | 16 | 208 | -13 | 187 |
| Demais municípios | -129 | 388 | 150 | 538 | -61 | 348 |

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.17 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

| Discriminação | Peso ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|-----------------|--------------------|------------------------|--------|------------|
| | | Produção ^{2/} | | Variação % |
| | | 2012 | 2013 | |
| Grãos | 76,2 | 30 896 | 37 375 | 21,0 |
| Feijão | 4,0 | 700 | 755 | 7,8 |
| Milho | 19,3 | 16 516 | 18 359 | 11,2 |
| Soja | 44,4 | 10 924 | 15 576 | 42,6 |
| Trigo | 4,3 | 2 099 | 2 019 | -3,8 |
| Outras lavouras | | | | |
| Cana-de-açúcar | 8,9 | 47 941 | 52 539 | 9,6 |
| Fumo | 3,5 | 157 | 161 | 2,6 |
| Mandioca | 4,0 | 3 869 | 3 893 | 0,6 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

No âmbito fiscal, os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Paraná apresentaram *superavit* primário de R\$1 bilhão em 2012, resultado 46,8% inferior ao registrado em 2011. O *superavit* do governo do estado contraiu 3,9% no período, enquanto os resultados positivos da capital e dos demais municípios se reverteram em déficits de R\$192 milhões e de R\$388 milhões, respectivamente.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$2 bilhões, aumentando 18,8% em relação a 2011, e o resultado nominal foi deficitário em R\$949 milhões, revertendo o *superavit* de R\$290 milhões de 2011.

A dívida líquida total atingiu R\$14,9 bilhões em dezembro de 2012, crescendo 5% em relação a dezembro de 2011, com destaque para o incremento das dívidas dos municípios.

A safra de grãos do Paraná, de acordo com o LSPA de março do IBGE, deverá expandir 21% em 2013, totalizando 37,4 milhões de toneladas e representando 20,6% da produção do país. Ressalte-se o crescimento de 42,6% na produção de soja, com estimativa de 15,6 milhões de toneladas, resultado de ampliação da área cultivada em 5,8% e de 34,8% no rendimento médio. A safra de milho deverá crescer 11,2%, totalizando 18,4 milhões de toneladas, em decorrência, principalmente, da expansão de 3,8% na área cultivada na safra de inverno.

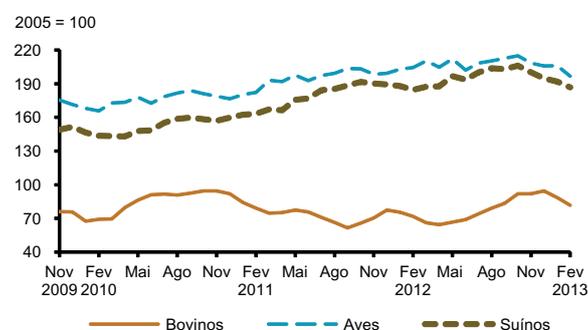
A produção agrícola total do estado em 2013, segundo estimativa da Seab/PR e do Departamento de Economia Rural do Estado do Paraná (Deral), divulgada em março, deverá crescer 22%, alcançando 38 milhões de toneladas. Essa trajetória reflete, fundamentalmente, o impacto da expansão de 42% na produção de soja, que deverá atingir 15,4 milhões de toneladas, e o bom desempenho esperado para o milho, cuja produção deverá aumentar 4% na primeira safra e 15% na segunda, alcançando 6,9 milhões e 11,4 milhões de toneladas, respectivamente. O cultivo de feijão, a despeito de perdas observadas na primeira safra devido às condições climáticas adversas, deverá recuperar-se, totalizando safra anual de 755 mil toneladas. A primeira estimativa relativa ao cultivo de trigo aponta ampliação de 9% na área cultivada, refletindo a recuperação nos preços do produto, cuja produção deverá atingir 2,5 milhões de toneladas, com incremento de 19% comparativamente à safra de 2012.

O VBP agrícola do estado⁵ deverá expandir 25% em 2013, evolução associada, em especial, à recuperação da

5/ Estimado a partir do LSPA de março e da variação dos preços médios recebidos pelos produtores no primeiro trimestre de 2013, comparativamente aos preços médios de 2012, divulgados pela Seab/Deral.

produção da soja. Adicionalmente, ressaltou-se a contribuição do milho, cuja safra anual deverá registrar nova expansão em 2013 e cujos preços têm-se mantido em patamar relativamente elevado.

Gráfico 5.13 – Abates de animais – Paraná
Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

Os abates de aves, suínos e bovinos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, expandiram 5,3%, 7,9%, 8,2% em 2012, respectivamente, representando, na ordem, 30,3%, 21,3% e 4,1% dos abates realizados no país, enquanto os preços médios recebidos pelos produtores no estado registraram, de acordo com a Seab, variações anuais respectivas de 10,1%, 7,3% e -2,3%. No primeiro bimestre de 2013, os abates de aves, suínos e bovinos registraram variações de -2,4%, 6,9% e 14,4%, respectivamente, em relação à igual período do ano anterior, enquanto os preços médios recebidos pelos produtores aumentaram, na ordem, 42,6%, 31,9% e 1,5% na mesma base de comparação.

O *deficit* da balança comercial do estado no primeiro trimestre de 2013, de US\$986 milhões, refletiu exportações de US\$3,4 bilhões e importações de US\$4,4 bilhões, que representaram recuos respectivos de 10,3% e 4,6% relativamente à igual período de 2012.

Tabela 5.18 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Paraná | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 3 835 | 3 440 | -10,3 | -7,6 |
| Básicos | 1 715 | 1 628 | -5,1 | -8,4 |
| Industrializados | 2 119 | 1 812 | -14,5 | -6,9 |
| Semimanufaturados | 417 | 373 | -10,7 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 1 702 | 1 439 | -15,5 | -8,2 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A queda das exportações, resultado de variações de -11,7% no *quantum* e 1,6% nos preços, comparativamente a igual período de 2012, foi condicionada pela redução de 15,5% nos embarques de produtos manufaturados, com ênfase nas quedas das vendas de automóveis, 57% e óleos combustíveis, 94%. As exportações de produtos básicos recuaram 5,1%, refletindo a diminuição nos embarques de soja, -20,3%. Em sentido oposto, as vendas de milho cresceram 114%, favorecidas pela safra do estado em 2012. As vendas para China, Argentina, Estados Unidos, Paraguai e Alemanha representaram, em conjunto, 39% das exportações paranaenses.

Tabela 5.19 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
| | Paraná | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 4 640 | 4 426 | -4,6 | 6,3 |
| Bens de capital | 887 | 924 | 4,2 | 5,3 |
| Matérias-primas | 2 204 | 2 419 | 9,8 | 3,9 |
| Bens de consumo | 853 | 633 | -25,8 | -5,1 |
| Duráveis | 569 | 391 | -31,2 | -14,0 |
| Não duráveis | 284 | 242 | -15,0 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 697 | 449 | -35,5 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

As importações do estado recuaram 4,6% no primeiro trimestre de 2013, em relação a igual período do ano anterior, resultado da elevação de 0,4% nos preços e da queda de 5,0% no *quantum*. Destacou-se no período a expansão das aquisições de matérias-primas, 9,8%, especialmente de adubos, cloreto de potássio e pneumáticos. As compras externas de bens de capital aumentaram 4,2%, destacando-se o item veículos de carga. A redução das importações de bens duráveis, 31,2%, foi impactada por automóveis de passageiros, -45,7%. Petróleo em bruto seguiu como principal produto da pauta de importações do Paraná, cujas compras recuaram 20,1% ante o mesmo período do ano anterior. As importações provenientes da China, Argentina,

Tabela 5.20 – Evolução do emprego formal – Paraná

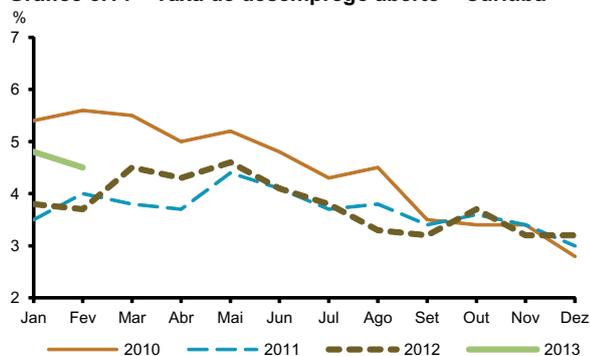
Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|------|------|------|-------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | -5,5 | 47,5 | 19,2 | 22,0 | -16,3 |
| Indústria de transformação | -7,3 | 14,0 | 3,0 | 2,4 | -5,9 |
| Comércio | -2,8 | 8,5 | 5,6 | 15,2 | -4,5 |
| Serviços | 8,1 | 13,6 | 8,2 | 7,0 | 1,6 |
| Construção civil | 0,5 | 5,1 | 0,9 | -2,0 | -2,9 |
| Agropecuária | -4,1 | 5,3 | 0,7 | -0,7 | -4,5 |
| Serviços ind. de utilidade pública | 0,1 | 0,4 | 0,2 | 0,0 | -0,2 |
| Outros ^{2/} | 0,1 | 0,6 | 0,7 | 0,0 | 0,0 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral e administração pública.

Gráfico 5.14 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba

Fonte: Iparides/IBGE

Tabela 5.21 – IPCA – RMC

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % | | | |
|-----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
| | | 2012 | 2013 | | |
| | | II Trí | III Trí | IV Trí | I Trí |
| IPCA | 100,0 | 1,24 | 1,23 | 2,34 | 1,49 |
| Livres | 78,3 | 1,31 | 1,60 | 2,40 | 2,34 |
| Comercializáveis | 37,9 | 0,90 | 1,49 | 2,73 | 2,16 |
| Não comercializáveis | 40,4 | 1,68 | 1,70 | 2,07 | 2,51 |
| Monitorados | 21,7 | 1,05 | -0,01 | 2,14 | -1,44 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 23,3 | 2,04 | 3,25 | 2,74 | 2,91 |
| Habitação | 15,0 | 2,57 | 0,60 | 1,09 | -2,12 |
| Artigos de residência | 4,5 | 0,89 | 1,27 | 0,35 | 3,60 |
| Vestuário | 7,6 | 2,27 | 1,32 | 4,73 | 1,87 |
| Transportes | 21,0 | -1,80 | -0,60 | 3,42 | 1,34 |
| Saúde | 11,2 | 2,04 | 1,79 | 0,77 | 1,33 |
| Despesas pessoais | 9,9 | 3,85 | 1,28 | 3,68 | 1,96 |
| Educação | 3,4 | -0,87 | 0,90 | 0,08 | 6,54 |
| Comunicação | 4,2 | 0,15 | 0,46 | 0,33 | 0,46 |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2013.

Estados Unidos, Alemanha e Nigéria corresponderam a 47,6% das compras externas do estado.

O emprego formal paranaense, conforme o Caged/MTE, apresentou redução de 16,3 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante a eliminação de 5,5 mil postos de trabalho em igual período de 2012. A diminuição ocorreu de forma mais pronunciada na indústria de transformação, 5,9 mil vagas, comércio e agropecuária, ambos com 4,5 mil, seguidos pela construção civil, 2,9 mil. Em sentido contrário, o setor de serviços apresentou crescimento de 1,6 mil. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal elevou-se 0,7% em relação ao trimestre finalizado em novembro. Na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) houve 6,9 mil demissões líquidas no trimestre, concentradas no comércio e na construção civil.

A taxa de desemprego na RMC, considerada a Pesquisa Mensal de Emprego realizada pelo Iparides em convênio com o IBGE, atingiu 4,5% em fevereiro, ante 3,2% em novembro, resultado de reduções de 2,4% na população ocupada e de 1,1% na PEA. A avaliação a partir de dados dessazonalizados revela desemprego de 4,1% em fevereiro, ante 3,7% em novembro. Ainda segundo a PME, os rendimentos médios reais habitualmente recebidos e a massa salarial recuaram 2,1% e 3,9%, respectivamente, no período, porém apresentaram expansões respectivas de 4,5% e de 6,4% no acumulado de doze meses.

O IPCA da RMC variou 1,49% no primeiro trimestre de 2013, ante 2,34% naquele finalizado em dezembro, resultado de desaceleração nos preços livres, de 2,40% para 2,34%, e de reversão na alta dos preços monitorados, de 2,14% para -1,44%, refletindo, principalmente, a queda de 18,14% na tarifa de energia elétrica residencial, cujo impacto superou os aumentos nos itens ônibus intermunicipal, 7,56%, ônibus urbano, 5,06%, gasolina, 2,09%, plano de saúde, 1,97%, e taxa de água e esgoto, 1,54%.

A trajetória dos preços livres evidenciou a menor variação dos preços dos itens comercializáveis, de 2,73% para 2,16%, com destaque para o aumento no preço de cigarro, 16,15%. Por outro lado, os preços dos bens não comercializáveis registraram aceleração no trimestre, de 2,07% para 2,51%, com ênfase nas elevações nos itens ensino superior, 7,09% e empregado doméstico, 4,11%; enquanto os principais recuos foram registrados nos itens passagem aérea, 22,17% e excursão, 18,71%. O índice de difusão atingiu média de 61,2% no trimestre encerrado em março, ante 55,4% naquele finalizado em dezembro.

A inflação da RMC acumulada em doze meses totalizou 6,44% em março, ante 5,73% em dezembro de 2012. A variação nos preços livres atingiu 7,86% e a dos monitorados, 1,71%, ante 6,32% e 3,79%, respectivamente.

As perspectivas para a economia paranaense seguem favoráveis, ancoradas nos resultados positivos da agricultura, com desdobramentos significativos sobre a agroindústria e as exportações, em cenário de preços benéficos para as principais *commodities* agrícolas. Adicionalmente, ressalte-se a manutenção do crescimento do mercado interno, influenciado pelos investimentos em curso no estado e pela evolução do consumo.

Rio Grande do Sul

Tabela 5.22 – PIB e VAB (setores e subsectores)

Rio Grande do Sul

| Discriminação | Variação % | |
|-----------------------|-------------|--------------|
| | 2011/2010 | 2012 / 2011 |
| PIB | 5,1 | -1,8 |
| Impostos | - | -1,2 |
| VAB | 5,2 | -1,9 |
| Agropecuária | 18,7 | -27,6 |
| Indústria | 2,8 | -2,3 |
| Transformação | 2,4 | -4,5 |
| Construção civil | 4,2 | 2,3 |
| Demais indústrias | - | 3,4 |
| Serviços | 4,5 | 2,6 |
| Comércio | 5,5 | 1,3 |
| Transportes | 5,7 | 4,3 |
| Aluguéis | 2,6 | 2,5 |
| Administração pública | 3,3 | 3,7 |
| Demais serviços | - | 2,3 |

Fonte: FEE

Gráfico 5.15 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul
Dados dessazonalizados

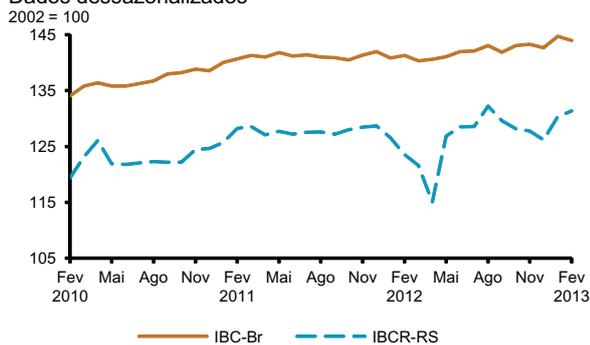
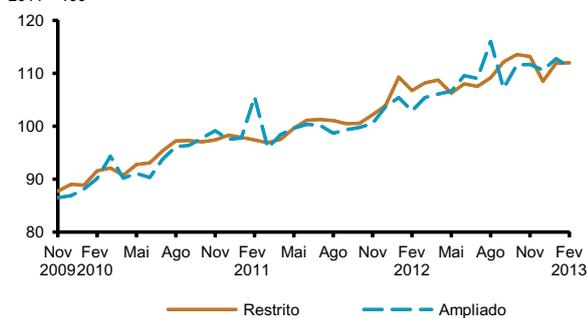


Gráfico 5.16 – Comércio varejista – RS

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

O PIB do Rio Grande do Sul registrou declínio de 1,8% em 2012, após expansão de 5,1% no ano anterior, segundo a Fundação de Economia e Estatística (FEE) do estado. Esse resultado refletiu, principalmente, a contração de 27,6% da atividade agropecuária, ante expansão de 18,7% em 2011, impactada pela quebra das principais safras em decorrência de adversidade climáticas. A produção industrial recuou 2,3% no ano, em parte devido ao desempenho negativo do setor primário, conforme evidencia a retração, de 9,7% na indústria de alimentos.

No início deste ano, a atividade econômica estadual mostrou recuperação. O IBCR-RS cresceu 0,6% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando recuara 1%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Esse desempenho é atribuído, principalmente, aos resultados favoráveis da indústria e da agricultura. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-RS diminuiu 0,7% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante redução de 0,6% em novembro, na mesma base de comparação.

O volume de vendas do comércio varejista diminuiu 1,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em comparação ao findo em novembro, quando aumentara 4,4% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Quatro das nove atividades avaliadas na pesquisa assinalaram recuo das vendas, destacando-se a queda de 7,1% no segmento de hiper e supermercados, após elevação de 8,6% no trimestre anterior, comportamento atribuído à elevada base de comparação e ao aumento nos preços dos alimentos no período. Agregando-se a recuperação parcial do segmento automotivo, com alta de 9,9% no período, após recuo de 14,1% no trimestre anterior, e as menores vendas de material de construção, o comércio ampliado passou de queda de 1,2%, no trimestre findo em novembro para acréscimo de 1,3% em fevereiro.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas varejistas aumentaram 7,8% em fevereiro, em relação a igual período do ano anterior, ante 9,7% em novembro, destacando-se o aumento de 11,1% no faturamento real do segmento de hiper e supermercados. O comércio ampliado, computadas as elevações de 14,5% nas vendas de material de construção e de 8,8% nas de veículos, manteve o ritmo de crescimento, com expansão de 8,9% em doze meses até novembro e de 8,8% até fevereiro.

Tabela 5.23 – Comércio varejista – RS
 Geral e setores selecionados

| Discriminação | Variação % no período | | | |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | | 2013 | |
| | Ano | Nov ^{1/} | Fev ^{1/} | 12 meses |
| Comércio varejista | 9,0 | 4,4 | -1,9 | 7,8 |
| Combustíveis e lubrificantes | -1,2 | 3,6 | 5,2 | 0,5 |
| Hiper e supermercados | 14,1 | 8,6 | -7,1 | 11,1 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 2,3 | 1,0 | 7,5 | 4,7 |
| Móveis e eletrodomésticos | 9,1 | 0,1 | 0,0 | 8,1 |
| Comércio varejista ampliado | 8,8 | -1,2 | 1,3 | 8,8 |
| Automóveis e motocicletas | 7,1 | -14,1 | 9,9 | 8,8 |
| Material de construção | 12,9 | 2,2 | -0,9 | 14,5 |

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

As vendas de automóveis e veículos comerciais leves no Rio Grande do Sul totalizaram 55,7 mil unidades no trimestre encerrado em fevereiro, registrando expansão de 3,3% na comparação interanual, segundo a Fenabrave. Assinale-se o incremento de 3,9% nas vendas de caminhões no trimestre, após frágil desempenho ao longo de 2012 que refletiu a antecipação das compras em 2011, em virtude da mudança de tecnologia adotada para atendimento à legislação ambiental.

A pesquisa Intenção de Consumo das Famílias (ICF), elaborada para Porto Alegre pela CNC e divulgada pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), atingiu em março o mais elevado patamar desde o início da pesquisa, em janeiro de 2010, 151,6 pontos, ante 136,7 pontos em setembro e 127,4 pontos em março de 2012. A elevação significativa do indicador é atribuída às perspectivas atuais favoráveis relativamente ao emprego e à renda.

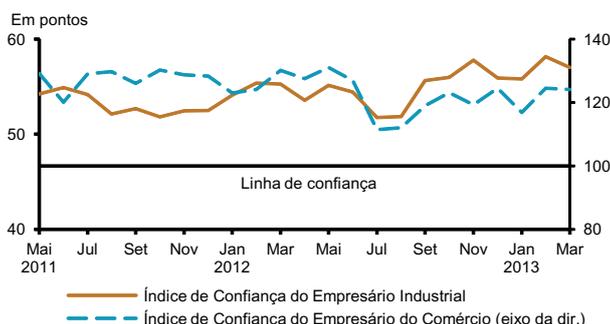
Quanto ao nível de endividamento, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), elaborada pela Fecomércio-RS para Porto Alegre, com base em dados da CNC, apontou que 55,5% das famílias possuíam alguma dívida em março, 19,2% apresentavam contas em atraso e 9,2% alegaram não ter condições de quitá-las nos próximos trinta dias, por falta de condições financeiras. Na comparação interanual, esses percentuais situavam-se, na ordem, em 52,3%, 26,2% e 6,1% em março de 2012.

O Icec, divulgado pela Fecomércio-RS, permaneceu praticamente estável em março relativamente a dezembro, 124,1 e 124,5 pontos, e inferior ao registrado em março de 2012, 128,3 pontos.

A produção da indústria gaúcha cresceu 1,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando declinara 0,3%, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. Para o resultado, contribuíram as expansões em sete das catorze atividades integrantes da pesquisa, principalmente refino de petróleo e álcool, 23,7%, e veículos automotores, 10,1%. Em sentido oposto, destacaram-se as quedas registradas em outros produtos químicos, 4,3%, e celulose, papel e produtos de papel, 1,3%.

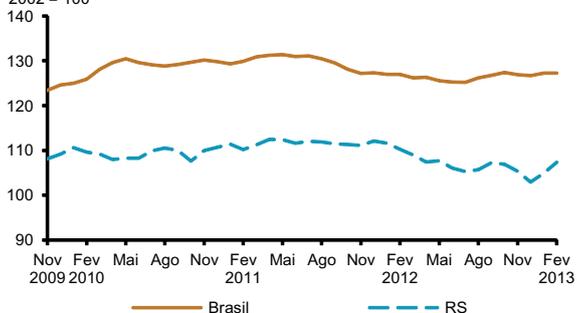
Considerando períodos de doze meses finalizados em fevereiro de 2013 e de 2012, houve queda de 4,4%, após redução de 3,4% até novembro. Nesse tipo de comparação, destaque-se o recuo na produção da indústria de alimentos,

Gráfico 5.17 – Confiança do empresariado



Fontes: Fiergs e Fecomércio

Gráfico 5.18 – Produção industrial – RS
 Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
 2002 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 5.19 – Produtividade da indústria
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

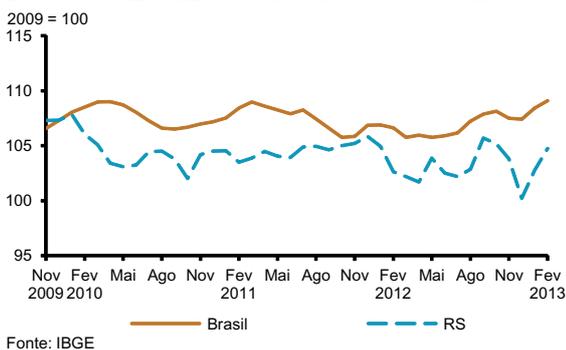


Tabela 5.24 – Produção industrial – Rio Grande do Sul

Geral e atividades selecionadas

| Setores | Pesos ^{1/} | Variação % no período | | |
|----------------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|----------|
| | | 2012 | 2013 | |
| | | Nov ^{2/} | FeV ^{2/} | 12 meses |
| Indústria geral | 100,0 | -0,3 | 1,9 | -4,4 |
| Alimentos | 16,8 | -1,5 | -0,7 | -10,4 |
| Máquinas e equipamentos | 14,3 | 5,8 | 3,6 | 10,5 |
| Refino de petróleo e álcool | 12,9 | -18,2 | 23,7 | 3,9 |
| Outros produtos químicos | 12,3 | 0,4 | -4,3 | 6,2 |
| Veículos automotores | 8,1 | -3,7 | 10,1 | -10,0 |
| Calçados e artigos de couro | 6,9 | -5,5 | -0,6 | -9,7 |
| Celulose, papel e prod. de papel | 5,1 | -1,5 | -1,3 | -6,7 |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de fevereiro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.25 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

| Discriminação | Variação % | | |
|---------------------|-------------------|-------------------|----------|
| | 2012 | 2013 | |
| | Nov ^{2/} | FeV ^{2/} | 12 meses |
| IDI | 1,9 | 1,6 | -1,1 |
| Compras industriais | 4,9 | 6,7 | -2,4 |
| Vendas industriais | 3,7 | 2,0 | 0,9 |
| Pessoal ocupado | -0,6 | 0,1 | -2,1 |
| Horas trabalhadas | -0,3 | -0,4 | -3,0 |
| Nuci ^{1/} | 82,2 | 82,1 | 82,1 |
| Exportações | 1,5 | -11,2 | -9,9 |

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo BCB.

10,4%, que responde por cerca de 17% do produto da indústria gaúcha, resultado que refletiu a frustração da safra agrícola e a redução da produção de bovinos. Também foram significativas as contrações registradas em veículos automotores e em celulose, papel e produtos de papel. Os crescimentos assinalados por máquinas e equipamentos, 10,5%, outros produtos químicos, 6,2%, e refino de petróleo e álcool, 3,9%, compensaram parcialmente a contração.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI), divulgado pela Fiergs, registrou crescimento de 1,6%, no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro, quando se expandira 1,9%, em igual referência, segundo dados dessazonalizados. O resultado refletiu, principalmente, o desempenho das compras e vendas industriais. No período de doze meses, a queda de 1,1% até fevereiro sugere moderação da contração, que alcançara 1,9% até novembro. O comportamento das vendas externas da indústria⁶ evidencia que o crescimento da produção foi impulsionado pelo mercado interno, haja vista as reduções registradas pelas exportações, de 11,2% no trimestre finalizado em fevereiro, dados dessazonalizados, e de 9,9% em doze meses.

A produtividade da mão de obra da indústria gaúcha, definida como a relação entre a produção física e o número de horas pagas, calculada a partir de dados do IBGE, aumentou 0,9% no trimestre encerrado em fevereiro, comparativamente ao finalizado em novembro, quando o crescimento atingira 1% nesse tipo de comparação, considerando dados dessazonalizados. Em doze meses até fevereiro, houve redução de 0,6%, ante recuo de 0,7% até novembro de 2012.

O Icei, elaborado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), atingiu 57 pontos em março, expandindo-se 1,1 ponto em relação a dezembro, e 1,7 ponto frente a igual mês de 2012. Em comparação ao resultado de dezembro, houve queda de 0,5 ponto na avaliação das condições atuais e crescimento de 2 pontos no indicador referente às perspectivas para os próximos seis meses.

A Sondagem Industrial realizada pela Fiergs em fevereiro evidenciou a convergência gradual dos patamares de estoques de produtos ao nível desejado. O indicador do mês situou-se em 52,5⁷ pontos comparativamente aos 57,7 pontos registrados para novembro. Considerando o tamanho

6/ Divulgado pela Fiergs a partir de dados do MDIC.

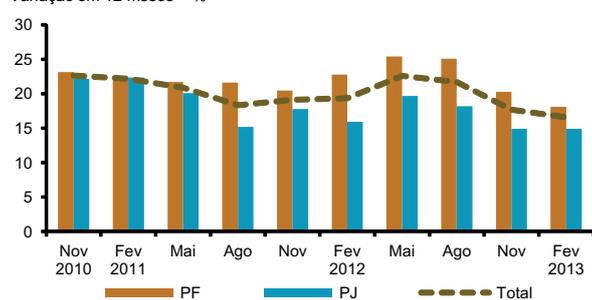
7/ Valores superiores a 50 pontos indicam estoques acima do planejado.

das empresas, as de médio porte registraram a situação mais favorável, 50,5 pontos, seguindo-se as grandes, 52,9 pontos, e as pequenas, 54,2 pontos.

A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos em Porto Alegre⁸ atingiu 6,1% em fevereiro de 2013, após 8,9% em novembro. O resultado de fevereiro superou em 1,8 p.p. o de igual mês de 2012, de acordo com a Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, realizada pelo Sinduscon-RS. Comparativamente a novembro, as vendas diminuíram, passando de 500 para 356 novas unidades comercializadas no mês.

Gráfico 5.20 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no estado totalizou R\$154,3 bilhões em fevereiro, crescendo 3,5% no trimestre e 16,6% em doze meses. A carteira no segmento de pessoas físicas atingiu R\$82,6 bilhões, aumentando 3,3% e 18,1%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, destacando-se o desempenho das modalidades financiamentos rurais e agroindustriais – investimento e capital de giro de financiamento agroindustrial, financiamentos imobiliários – Sistema Financeiro da Habitação (SFH), e empréstimos com consignação em folha de pagamento. O estoque de operações contratadas por pessoas jurídicas somou R\$71,7 bilhões, elevando-se 3,8% no trimestre e 14,9% em doze meses, com ênfase no aumento das operações com transporte rodoviário de carga, comércio atacadista e comércio de outros produtos.

A inadimplência das operações de crédito no estado reduziu-se para 2,9% em fevereiro, ante 3% em novembro, refletindo a queda de 0,2 p.p. no segmento de pessoas físicas e estabilidade no relativo a pessoas jurídicas, cujas taxas atingiram 3,3% e 2,4%, respectivamente.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Rio Grande do Sul apresentaram, conjuntamente, *superavit* primário de R\$887 milhões em 2012, 59,5% menor que o registrado em 2011, refletindo a redução do resultado positivo do estado e a reversão de *superavit* para *deficit* na capital e demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, atingiram R\$5,9 bilhões, 21,3% acima dos de 2011, refletindo a maior variação do IGP-DI, 8,10%, ante 5% em 2011, principal indexador da dívida renegociada junto à União e que representa a maior parcela do endividamento

8/ Corresponde à relação entre as vendas e as ofertas de imóveis novos.

Tabela 5.26 – Necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | |
|--------------------------|--------------------|---------|----------------|---------|
| | Resultado primário | | Juros nominais | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez | Jan-dez |
| Estado Rio Grande do Sul | -2 191 | -887 | 4 894 | 5 938 |
| Governo estadual | -1 953 | -1 561 | 4 832 | 5 854 |
| Capital | -107 | 278 | 19 | 23 |
| Demais municípios | -131 | 396 | 43 | 60 |

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 5.27 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

| UF | R\$ milhões | | | | | |
|-------------------|-------------|--------------------------|---------|----------------------|----------------------|--------|
| | Dívida | Fluxos acumulados no ano | | | Dívida ^{2/} | |
| | | 2011 | Nominal | Outros ^{4/} | | |
| | Dez | Primário | Juros | Total ^{3/} | Dez | |
| Est. R. G. do Sul | 45 615 | -887 | 5 938 | 5 051 | -16 | 50 650 |
| Governo estadual | 45 905 | -1 561 | 5 854 | 4 294 | 5 | 50 203 |
| Capital | -129 | 278 | 23 | 302 | 9 | 181 |
| Demais municípios | -161 | 396 | 60 | 455 | -29 | 265 |

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.28 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul

Itens selecionados

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Em mil toneladas | | |
|------------------|---------------------|------------------------|--------|------------|
| | | Produção ^{2/} | | Variação % |
| | | 2012 | 2013 | |
| Grãos | 71,7 | 19 110 | 28 524 | 49,3 |
| Soja | 37,8 | 5 945 | 12 206 | 105,3 |
| Arroz (em casca) | 16,4 | 7 692 | 8 097 | 5,3 |
| Milho | 10,9 | 3 155 | 5 243 | 66,2 |
| Trigo | 5,1 | 1 866 | 2 431 | 30,2 |
| Feijão | 0,7 | 85 561 | 93 267 | 9,0 |
| Outras lavouras | | | | |
| Fumo | 12,1 | 397 | 431 | 8,6 |
| Mandioca | 3,8 | 1 191 | 1 176 | -1,3 |
| Uva | 3,0 | 840 | 793 | -5,6 |
| Maçã | 1,7 | 621 | 663 | 6,8 |

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

público regional. O *deficit* nominal totalizou R\$5,1 bilhões em 2012, ante R\$2,7 bilhões em 2011.

A dívida líquida atingiu R\$50,7 bilhões em dezembro de 2012, ampliando-se 11% em relação a registrada em igual mês do ano anterior.

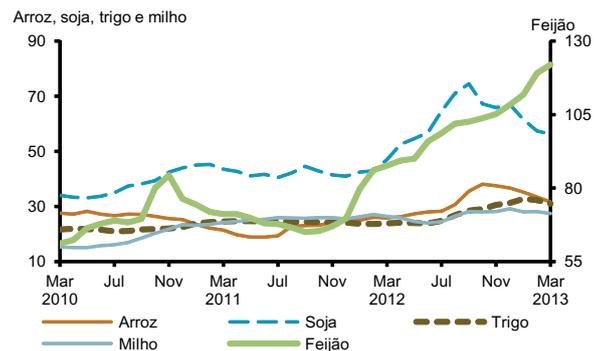
A previsão para a safra de grãos do estado em 2013 atingiu 28,5 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de março, do IBGE, ante 19,1 milhões no ano anterior, representando 15,9% da produção nacional, após alcançar 12% em 2012. O acréscimo de 49,3% na safra, segundo a estimativa, traduz principalmente os incrementos na produção de soja, 105,3%; milho, 66,2%; e trigo, 30,2%. Dentre as demais culturas, assinalem-se as estimativas de acréscimos no fumo, 8,6%, e maçã, 6,8%. Destaque-se a elevação da área plantada de soja, 9,4%.

As cotações médias do feijão, trigo, soja, arroz e milho registraram elevações respectivas de 39,2%, 35%, 32,3%, 30,5% e 4,9% no primeiro trimestre do ano, em comparação a igual período de 2012, de acordo com a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS). Na margem, essas cotações variaram, na ordem, 11,2%, 5,8%, -12,4%, -10,6% e -2,1% no trimestre, em relação ao finalizado em dezembro.

De acordo com a estimativa de março do Mapa, o VBP dos principais produtos agrícolas atingirá R\$30,6 bilhões em 2013, 44,8% acima do ano anterior, corrigido pelo IGP-DI, ressaltando-se o impacto das elevações no valor da produção das culturas de soja, 113,5%, milho, 87,4%, e trigo, 86,5%.

A produção de bovinos cresceu 18% no primeiro bimestre de 2013, comparativamente a igual período de 2012, seguindo-se a elevação de 7,8% nos abates de suínos, de acordo com o Mapa. Por outro lado, houve recuo de 1,7% na produção de aves, nas mesmas referências. De acordo com a Emater/RS, a produção de bovinos foi favorecida pelo aumento do volume e boa distribuição das chuvas no período, razão que levou as pastagens cultivadas e os campos nativos a apresentarem boas condições na maioria das regiões do estado. Espera-se aumento significativo nas áreas de pastagens anuais de inverno, especialmente as cultivadas com aveia e azevém nas áreas atualmente ocupadas com a cultura da soja, o que deverá continuar favorecendo o desenvolvimento da bovinocultura.

Gráfico 5.21 – Preços médios mensais pagos ao produtor – Rio Grande do Sul (R\$/saca)



Fonte: Emater

Tabela 5.29 – Indicadores da pecuária – Rio Grande do Sul

Fevereiro de 2013

| Discriminação | Variação % no ano | | |
|----------------------|-------------------|------------------|-------------------|
| | Produção | Exportações (kg) | Preços (R\$) |
| Abates ^{1/} | | | |
| Bovinos | 18,0 | 8,2 | 1,0 |
| Suínos | 7,8 | 21,0 | 16,7 |
| Aves ^{2/} | -1,7 | -4,1 | 21,9 |
| Leite ^{3/} | 11,2 | - | 7,2 ^{4/} |

Fonte: Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

1/ Número de animais.

2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

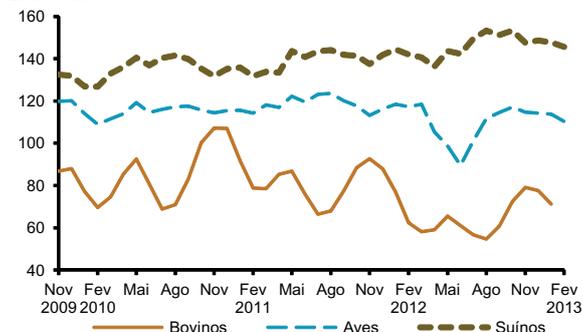
3/ Litros. Em 2012 ante 2011.

4/ Até fevereiro.

Gráfico 5.22 – Abates de animais – Rio Grande do Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 5.30 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|-----------------------------|-------------------|-------|--------|--------|
| | Rio Grande do Sul | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 3 805 | 3 530 | -7,2 | -7,7 |
| Básicos | 1 562 | 1 483 | -5,1 | -8,4 |
| Industrializados | 2 243 | 2 047 | -8,7 | -6,9 |
| Semimanufaturados | 343 | 241 | -29,8 | -3,4 |
| Manufaturados ^{1/} | 1 900 | 1 806 | -4,9 | -8,2 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Com base nas quantidades exportadas, as vendas externas de bovinos e suínos registraram elevações respectivas de 8,2% e 21% no primeiro bimestre, ante igual período de 2012, enquanto as exportações de aves declinaram 4,1%, conforme o MDIC. Os preços internos apresentaram elevação generalizada, sendo mais intensa a registrada por aves, 21,9% na média do primeiro bimestre deste ano, em relação a igual período em 2012, seguindo-se suínos, 16,7%, e bovinos, 1%, conforme a Emater/RS e o Iepe/UFRGS.

De acordo com o IBGE, a produção gaúcha de leite cresceu 11,2% em 2012, comparativamente a 2011, representando 16% da produção nacional. Essa expansão foi favorecida, a exemplo da bovinocultura, pelo bom desenvolvimento das pastagens. Ainda segundo a Emater/RS, os preços do leite registraram expansão de 7,2% no primeiro bimestre de 2013, comparativamente a idêntico período de 2012.

A balança comercial do estado registrou *deficit* de US\$113,8 milhões no primeiro trimestre de 2013, ante *superavit* de US\$1,1 bilhão no mesmo período de 2012, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$3,5 bilhões e as importações, US\$3,6 bilhões, assinalando variações respectivas de -7,2% e 35% no período.

A trajetória das vendas externas evidenciou variações de 4,5% nos preços e de -11,2% no *quantum*. Os embarques de produtos manufaturados, responsáveis por 51,2% das vendas externas no período, declinaram 4,9%, destacando-se a queda de 12,3% em polímeros de etileno e de 34,9% nas relativas a máquinas e aparelhos para uso agrícola. As vendas de produtos básicos, 42% da pauta, decresceram 5,1%, com destaque para as reduções em fumo, 23,1%, soja e farelos e resíduos da extração de óleo de soja, 67,7%, e arroz, 39%. Os embarques de semimanufaturados recuaram 29,8%, com ênfase na redução de 77,4% em óleo de soja em bruto e de 39,9% em borrachas. As exportações gaúchas direcionadas para EUA, Argentina, Paraguai e Alemanha representaram, em conjunto, 28,5% das vendas externas do estado no período, ressaltando-se a retração de 16,6% nas destinadas a Argentina.

A evolução das importações, decorrente de variações de 36% no *quantum* e de -0,7% nos preços, evidenciou a elevação de 19% nas aquisições de matérias-primas e produtos intermediários, que, representando 39,3% do total importado no período, refletiram em especial os aumentos nas compras de naftas para petroquímica, 61,9%, e de partes

Tabela 5.31 – Exportações por principais setores – RS

Janeiro-março

| Discriminação | Valor (US\$milhões) | | |
|---|---------------------|-------|---------|
| | 2012 | 2013 | Var. % |
| Agricultura e pecuária | 407 | 557 | 36,9 |
| Indústria de transformação* | 3 275 | 2 838 | -13,3 |
| Alimentos e bebidas | 1 021 | 770 | -24,6 |
| Produtos químicos | 534 | 501 | -6,2 |
| Máquinas e equipamentos | 512 | 325 | -36,5 |
| Fumo | 362 | 283 | -21,8 |
| Calçados e couros | 215 | 235 | 9,3 |
| Veículos | 178 | 173 | -2,8 |
| Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool | 8 | 112 | 1 300,0 |
| Borracha e plástico | 81 | 86 | 6,2 |
| Produtos de metal | 65 | 78 | 20,0 |
| Móveis e ind.diversas | 66 | 65 | -1,5 |
| Celulose, papel e prod. papel | 44 | 42 | -4,5 |
| Madeira | 33 | 29 | -12,1 |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 35 | 29 | -17,1 |
| Máquinas de escritório e informática | 33 | 28 | -15,2 |

Fonte: Mdic/Secex

* Itens selecionados

Tabela 5.32 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

| Discriminação | US\$ milhões | | | |
|------------------------------|-------------------|-------|--------|--------|
| | Rio Grande do Sul | | Brasil | |
| | 2012 | 2013 | Var. % | Var. % |
| Total | 2 699 | 3 645 | 35,0 | 6,3 |
| Bens de capital | 520 | 736 | 41,6 | 5,3 |
| Matérias-primas | 1 204 | 1 433 | 19,0 | 3,9 |
| Bens de consumo | 442 | 469 | 6,0 | -5,1 |
| Duráveis | 336 | 366 | 8,9 | -14,0 |
| Não duráveis | 106 | 103 | -2,8 | 5,9 |
| Combustíveis e lubrificantes | 533 | 1 007 | 89,0 | 29,2 |

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.33 – Evolução do emprego formal –**Rio Grande do Sul**

Novos postos de trabalho

| Discriminação | Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/} | | | | |
|------------------------------------|---|------|------|------|------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Total | 0,1 | 27,7 | 9,7 | 35,2 | 8,0 |
| Indústria de transformação | -4,8 | 8,6 | -2,9 | 2,9 | 4,5 |
| Comércio | -3,9 | 6,3 | 1,8 | 14,8 | -4,1 |
| Serviços | 5,9 | 15,3 | 8,2 | 12,6 | 6,3 |
| Construção civil | 0,7 | 4,0 | 2,3 | 0,5 | -0,3 |
| Agropecuária | 2,6 | -6,7 | -0,6 | 4,9 | 1,6 |
| Serviços ind. de utilidade pública | -0,2 | -0,2 | 0,3 | -0,4 | 0,3 |
| Outros ^{2/} | -0,2 | 0,5 | 0,5 | -0,1 | -0,4 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

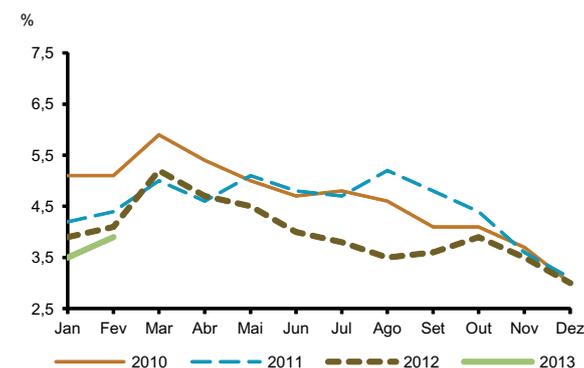
e peças para veículos, 51%. As importações de combustíveis, bens de capital e bens de consumo apresentaram elevações respectivas de 89%, 41,6% e 6%, no período, destacando-se o incremento em veículos de carga, 219,4%. As compras provenientes da Argentina, Nigéria e China representaram 47% do total, ressaltando-se o acréscimo de 39,8% nas provenientes da Argentina, especialmente de veículos de carga e naftas.

O mercado de trabalho no estado assinalou a geração de oito mil empregos formais no trimestre encerrado em fevereiro, superando os 120 registrados no período finalizado em igual mês de 2012, de acordo com o Caged/MTE. Esse desempenho derivou especialmente do setor de serviços, que assinalou 6,3 mil novas vagas, sendo 3,6 mil em alojamento e alimentação, seguindo-se a indústria de transformação, 4,5 mil, dessas, 2,7 mil na indústria da borracha, fumo e couro, e 2,6 mil em material de transporte. Por outro lado, verificou-se a eliminação de postos no comércio, 4,1 mil, em especial no segmento varejista. O nível de emprego formal aumentou 0,6% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao findo em novembro de 2012, quando crescera 0,7% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, destacando-se o crescimento de 0,9% nos serviços.

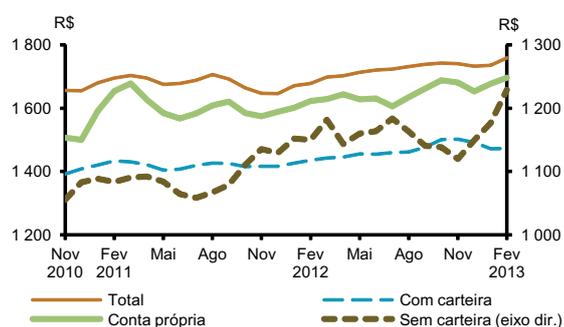
A taxa de desemprego da região metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 3,9% em fevereiro, a menor para esse mês desde 2002, de acordo com a PME do IBGE, ante 3,5% em novembro e 4,1% em igual período de 2012. A variação interanual refletiu as elevações de 1,8% na população ocupada e de 1,6% na PEA. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego também atingiu 3,9% em fevereiro, taxa semelhante à observada em novembro. O rendimento médio real habitual e a massa salarial real elevaram-se 1% e 1,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro.

A variação do IPCA da RMPA atingiu 1,70% no primeiro trimestre, ante 1,54% no quarto trimestre de 2012, refletindo a aceleração dos preços livres, de 1,90% para 2,66%, mitigada pela reversão nos preços monitorados, de alta de 0,42% para queda de 1,38%, advinda, sobretudo, do recuo de 21,96% na tarifa de energia elétrica residencial.

A trajetória dos preços livres derivou da aceleração dos preços dos bens comercializáveis, de 2,00% para 2,35%, pressionada pelos reajustes de 15,82% em cigarros e de 4,00% em automóvel novo. O maior ritmo de expansão dos preços dos bens não comercializáveis, cuja variação

Gráfico 5.23 – Taxa de desocupação – Porto Alegre

Fonte: IBGE

Gráfico 5.24 – Rendimento médio real habitual^{1/} – Porto Alegre

Fonte: IBGE

^{1/} Média móvel trimestral, a preços de fevereiro de 2013, corrigidos pelo INPC.**Tabela 5.34 – IPCA – RMPA**

| Discriminação | Pesos ^{1/} | Variação % trimestral | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|---------|--------|-------|
| | | 2012 | 2013 | | |
| | | II Tri | III Tri | IV Tri | I Tri |
| IPCA | 100,0 | 1,27 | 1,67 | 1,54 | 1,70 |
| Livres | 75,7 | 1,47 | 1,83 | 1,90 | 2,66 |
| Comercializáveis | 37,9 | 1,35 | 1,08 | 2,00 | 2,35 |
| Não comercializáveis | 37,8 | 1,58 | 2,59 | 1,80 | 2,97 |
| Monitorados | 24,3 | 0,69 | 1,18 | 0,42 | -1,38 |
| Principais itens | | | | | |
| Alimentação | 24,6 | 2,41 | 3,38 | 2,58 | 3,76 |
| Habitação | 13,8 | 1,28 | 1,93 | 0,30 | -3,55 |
| Artigos de residência | 4,9 | -0,40 | 1,10 | 0,79 | 0,73 |
| Vestuário | 7,1 | 3,68 | -0,74 | 3,06 | -1,03 |
| Transportes | 19,2 | -2,24 | 0,64 | 0,98 | 2,60 |
| Saúde | 11,2 | 2,81 | 1,31 | 0,80 | 1,66 |
| Despesas pessoais | 10,3 | 3,44 | 2,16 | 2,61 | 3,21 |
| Educação | 4,3 | 0,31 | 1,72 | 0,60 | 5,91 |
| Comunicação | 4,6 | 1,16 | 0,31 | 0,74 | 0,52 |

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a março de 2013.

passou de 1,80% para 2,97%, adveio, em parte, das altas em tubérculos, raízes e legumes, e cursos regulares, mitigadas pelas reduções em excursões e passagens aéreas. O índice trimestral de difusão situou-se em 62,7%, ante 56,7% em dezembro e 56,3% em março de 2012.

O IPCA da RMPA registrou elevação de 6,31% em doze meses até março, ante 5,56% em 2012, refletindo aceleração dos preços livres, de 6,47% para 8,08%, e a desaceleração dos preços monitorados, de 2,87% para 0,89%, favorecida pela redução na tarifa de energia elétrica residencial.

O comportamento dos preços livres derivou da aceleração de 8,11% para 9,24% nos preços dos bens não comercializáveis, causada, em parte, pelo aumento de 116,75% no item relativo a tubérculos, raízes e legumes, que contribuiu com 0,35 p.p. da variação do indicador em doze meses, e dos bens comercializáveis, de 4,87% para 6,95%, destacando-se o aumento nos preços de cigarros, 38,22%, e em itens de vestuário.

Nos próximos meses, a economia gaúcha deverá seguir influenciada favoravelmente pela elevação significativa da produção de grãos, encontrando-se as safras de verão em fase de comercialização. Esse cenário benéfico é reforçado com a trajetória positiva das expectativas dos produtores industriais e dos consumidores, bem como pelos anúncios de investimentos na região. Além das obras previstas na segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC2) e das já iniciadas na zona sul do estado, com vistas à construção de plataformas para a exploração de petróleo, o Rio Grande do Sul poderá receber aporte de investimentos expressivos, conforme detalhado no box *Economia gaúcha: estrutura produtiva e evolução recente*, incluído neste Boletim.

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

Tabela 6.1 – Índice de Atividade Banco Central – IBC
Brasil e regiões^{1/}

| Discriminação | 2012 | | | | 2013 | % |
|---------------|------|------|-----|------|------|---|
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev | |
| Brasil | 0,3 | -0,5 | 1,2 | 0,3 | 0,7 | |
| Norte | -0,9 | 0,2 | 0,7 | -0,4 | 0,2 | |
| Nordeste | 0,9 | 0,0 | 1,0 | 0,7 | 2,1 | |
| Sudeste | -0,4 | 0,6 | 0,9 | -0,1 | 1,4 | |
| Sul | 0,3 | -2,3 | 3,4 | -0,8 | 1,0 | |
| Centro-Oeste | 0,4 | 0,7 | 0,5 | -0,3 | 1,4 | |

^{1/} Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.
O resultado nacional não representa necessariamente a média dos resultados regionais.

Tabela 6.2 – Índice de volume de vendas
Brasil e regiões^{1/}

| Discriminação | Variação percentual | | | | |
|---------------------------|---------------------|------|-----|------|------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Comércio varejista | | | | | |
| Brasil | 3,8 | 1,4 | 2,1 | 1,2 | 0,1 |
| Norte | 4,5 | 2,7 | 1,2 | 0,1 | 0,6 |
| Nordeste | 4,3 | 2,2 | 2,6 | 1,1 | -0,4 |
| Sudeste | 3,2 | 1,6 | 2,2 | 0,9 | -0,1 |
| Sul | 6,0 | -0,1 | 0,7 | 2,1 | 1,1 |
| Centro-Oeste | 3,9 | 2,0 | 2,8 | 1,2 | -0,9 |
| Comércio ampliado | | | | | |
| Brasil | 3,7 | 1,0 | 6,0 | -2,8 | 1,9 |
| Norte | 3,5 | 3,4 | 3,3 | -1,0 | 1,0 |
| Nordeste | 4,4 | 1,6 | 7,2 | -3,1 | 0,7 |
| Sudeste | 3,3 | 1,6 | 5,3 | -2,9 | 1,7 |
| Sul | 4,2 | 0,4 | 5,5 | -2,0 | 2,0 |
| Centro-Oeste | 3,9 | 1,8 | 8,8 | -3,4 | 0,6 |

Fonte: IBGE e BCB

^{1/} Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

O maior dinamismo da economia brasileira no início deste ano, refletido no crescimento do IBC-Br – de 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro, após expansão de 0,3% até novembro, na série isenta de sazonalidade -, em certa medida está disseminado em todas as regiões do país. Nesse contexto, destaque-se a evolução favorável dos IBCRs relativos ao Sul, Centro-Oeste e Sudeste, cujas variações trimestrais passaram de -0,8%, -0,3% e -0,1% em novembro, para 1,4%, 1,0% e 1,4% em fevereiro, respectivamente.

O crescimento das vendas do comércio varejista arrefeceu no trimestre dezembro/fevereiro, quando aumentou 0,1% relativamente ao trimestre encerrado em novembro, quando avançara 1,2% na mesma base de comparação, considerados dados com ajuste sazonal. Esse comportamento se deve, em parte, à moderação das vendas no segmento de hiper e supermercados, que, por sua vez, repercutiu a elevação recente nos preços de alimentos. O arrefecimento das vendas varejistas foi mais intenso no Centro-Oeste, com contração de 0,9% no período dezembro/fevereiro, após elevação de 1,2% no trimestre anterior; e no Nordeste, com recuo de 0,4%, após crescimento de 1,1%.

O comércio ampliado, que incorpora ao comércio varejista as vendas de veículos, motos, partes e peças e de materiais para construção civil, expandiu 1,9% no Brasil, no trimestre encerrado em fevereiro, revertendo parcialmente perdas de 2,8% observadas no trimestre anterior. Essa recuperação foi observada em todas as regiões e refletiu, especialmente, o desempenho favorável das vendas automotivas no período.

No acumulado em doze meses até fevereiro, o comércio varejista cresceu 7,4% – contra 8,4% no encerramento de 2012 -, com destaque para os aumentos nas vendas das regiões Nordeste e Norte, 8,5% e 8,3%, respectivamente. O comércio ampliado expandiu 7,8% no país no mesmo período – contra 8,0% no encerramento de

Tabela 6.3 – Operações de crédito do SFN^{1/}

Fevereiro de 2013

| Discriminação | R\$ bilhões | | | | | | | | |
|---------------|-------------|-------|-------|-------------------------|-----|-------|----------|------|-------|
| | Saldo | | | Variação percentual (%) | | | | | |
| | PJ | PF | Total | Trimestre | | | 12 meses | | |
| | | | | PJ | PF | Total | PJ | PF | Total |
| Brasil | 1 236 | 1 057 | 2 293 | 3,0 | 3,4 | 3,2 | 16,1 | 16,8 | 16,4 |
| Norte | 40 | 50 | 90 | 3,2 | 3,9 | 3,6 | 19,9 | 15,9 | 17,7 |
| Nordeste | 145 | 158 | 303 | 2,9 | 3,7 | 3,3 | 15,4 | 18,7 | 17,1 |
| Sudeste | 744 | 516 | 1 260 | 2,7 | 3,0 | 2,8 | 14,8 | 15,8 | 15,2 |
| Sul | 214 | 209 | 423 | 3,4 | 3,7 | 3,5 | 16,3 | 17,7 | 17,0 |
| Centro-Oeste | 93 | 125 | 218 | 4,8 | 4,0 | 4,4 | 27,0 | 17,4 | 21,3 |

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 6.4 – Inadimplência do crédito do SFN^{1/}

Fevereiro de 2013

| Discriminação | Inadimplência | | | Variação em p.p. | | | | | |
|---------------|---------------|-----|-------|------------------|------|-------|----------|------|-------|
| | PJ | PF | Total | Trimestre | | | 12 meses | | |
| | | | | PJ | PF | Total | PJ | PF | Total |
| | Brasil | 2,2 | 4,6 | 3,3 | -0,1 | -0,1 | -0,1 | 0,0 | -0,4 |
| Norte | 3,1 | 5,2 | 4,3 | -0,1 | -0,1 | -0,1 | 0,3 | -0,5 | -0,1 |
| Nordeste | 2,5 | 5,5 | 4,1 | 0,2 | -0,1 | 0,0 | 0,0 | -0,6 | -0,2 |
| Sudeste | 2,0 | 4,8 | 3,1 | 0,0 | -0,1 | -0,0 | 0,0 | -0,2 | -0,0 |
| Sul | 2,3 | 3,5 | 2,9 | -0,5 | -0,2 | -0,3 | 0,1 | -0,5 | -0,2 |
| Centro-Oeste | 2,2 | 3,9 | 3,2 | -0,1 | -0,2 | -0,2 | -0,2 | -0,6 | -0,4 |

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil com pelo menos uma parcela em atraso superior a 90 dias.

Tabela 6.5 – Produção física da indústriaBrasil e regiões^{1/}

| Discriminação | Peso ^{2/} | 2012 | | | | | % |
|---------------|--------------------|------|------|------|------|------|-----|
| | | 2013 | | | | | Fev |
| | | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev | |
| Brasil | 100,0 | -0,2 | -1,1 | 0,5 | 0,6 | 0,3 | |
| Norte | 5,9 | -4,4 | -3,0 | 0,1 | 1,4 | -0,4 | |
| Nordeste | 9,5 | -0,7 | 1,1 | 0,6 | -1,2 | 3,2 | |
| Sudeste | 62,7 | -1,4 | -0,3 | 0,5 | 1,9 | -0,3 | |
| Sul | 18,5 | -0,2 | -2,3 | -3,1 | -1,0 | 0,3 | |
| Centro-Oeste | 3,5 | 0,2 | -1,5 | -4,6 | 5,5 | 4,6 | |

Fontes: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

2/ Participação no Valor da Transformação Industrial (VTI) em 2007.

2012 –, refletindo crescimentos regionais que se situaram entre 7,3%, no Sul, e 10%, no Centro-Oeste.

Em nível nacional, o saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil alcançou R\$2.293 bilhões em fevereiro, alta de 3,2% em três meses, refletindo elevações de 3,4% no segmento de pessoas físicas e de 3,0% no relativo a pessoas jurídicas. A expansão dos empréstimos no Sudeste, que responde por 55% do mercado, foi a mais moderada, 2,8%, enquanto o Centro-Oeste, que detém 9,5% do crédito total, apresentou o ritmo de crescimento mais intenso, 4,4%. A ampliação do crédito foi maior no segmento de pessoas físicas, 3,4%, do que no de pessoas jurídicas, 3,0%, em todas as regiões à exceção do Centro-Oeste. Em doze meses até fevereiro, o crédito total elevou-se 16,4% no país, com o Sudeste registrando a menor expansão, 15,2%, e o Centro-Oeste, a maior, 21,3%.

No segmento de pessoas físicas, a dinâmica do crédito refletiu as expansões do financiamento imobiliário e do crédito consignado, em todas as regiões, bem como do financiamento rural, no Norte, Centro-Oeste e Sul. Em relação ao crédito voltado a pessoas jurídicas, assinalam-se os aumentos nos financiamentos para administração pública, exceto para os segmentos de saúde e educação, seguida pelas contratações de empréstimos para empresas dos setores elétrico e de construção.

A expansão do crédito ocorre em ambiente de redução gradual da inadimplência em todas as regiões. O Sul e o Centro-Oeste apresentaram maior contração da inadimplência no trimestre encerrado em fevereiro, com destaque para o segmento de pessoas jurídicas no Sul, -0,5p.p. Em doze meses, a inadimplência relativa às operações com pessoas físicas apresentou maior contração no Centro-Oeste e no Nordeste, ambas de 0,6 p.p.

Os desembolsos do Sistema BNDES no primeiro bimestre de 2013 totalizaram R\$21,2 bilhões, 39,7% superiores ao registrado em igual período do ano anterior. No Centro-Oeste, alcançaram R\$3,59 bilhões, o maior incremento relativamente ao primeiro bimestre de 2012, 132,3%.

A produção da indústria nacional cresceu 0,3% no trimestre até fevereiro, refletindo expansões intensas nas regiões Centro-Oeste, 4,6%, e Nordeste, 3,2%, parcialmente atenuadas pelas contrações de 0,4% no Norte e de 0,3% no Sudeste. No Centro-Oeste, os desempenhos das indústrias química e de alimentos e bebidas contribuíram para o

Tabela 6.6 – Taxa de desemprego

| Discriminação ^{1/} | % | | | | |
|-----------------------------|------|-----|-----|-----|------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Brasil | 5,3 | 6,0 | 5,5 | 5,2 | 5,2 |
| Nordeste | 6,6 | 7,1 | 6,8 | 6,3 | 6,1 |
| Sudeste | 5,2 | 6,0 | 5,5 | 5,2 | 5,2 |
| Sul | 3,6 | 4,7 | 3,8 | 3,5 | 3,8 |

Fonte: IBGE

1/ Média do trimestre encerrado no mês.

Tabela 6.7 – Geração de postos de trabalho^{1/}

| Discriminação | Mil | | | | |
|---------------|--------|-------|-------|-------|--------|
| | 2012 | | | | 2013 |
| | Fev | Mai | Ago | Nov | Fev |
| Brasil | -138,7 | 468,4 | 363,9 | 263,4 | -344,6 |
| Norte | -15,6 | 9,7 | 30,8 | 3,1 | -32,1 |
| Nordeste | -44,9 | -28,7 | 73,2 | 102,1 | -95,8 |
| Sudeste | -73,5 | 330,6 | 186,0 | 87,0 | -202,7 |
| Sul | 1,5 | 94,4 | 38,9 | 81,1 | -5,6 |
| Centro-Oeste | -6,3 | 62,4 | 34,9 | -9,9 | -8,3 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

Tabela 6.8 – Necessidades de financiamento de estados e municípios^{1/}

| UF | R\$ milhões | |
|---------------------|--------------------|---------|
| | Resultado primário | |
| | 2011 | 2012 |
| | Jan-dez | Jan-dez |
| Região Norte | -2 479 | -1 671 |
| Região Nordeste | -4 397 | -2 971 |
| Região Centro-Oeste | -2 203 | -2 713 |
| Região Sudeste | -22 753 | -13 165 |
| Região Sul | -6 779 | -3 353 |
| Total | -38 611 | -23 873 |

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

(-) superávit

(+) déficit

Tabela 6.9 – Balança comercial regional – FOB Média diária

| Região | US\$ milhões | | | | | |
|----------------------|--------------|-------|-------------|-------|-------|-------|
| | Exportações | | Importações | | Saldo | |
| | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 | 2011 | 2012 |
| Total | 1 020,1 | 966,5 | 901,4 | 889,1 | 118,7 | 77,4 |
| Norte | 83,1 | 70,5 | 58,7 | 62,6 | 24,4 | 7,9 |
| Nordeste | 75,0 | 74,8 | 96,2 | 103,6 | -21,1 | -28,8 |
| Sudeste | 581,2 | 532,7 | 497,8 | 474,2 | 83,5 | 58,5 |
| Sul | 182,8 | 175,4 | 196,3 | 196,4 | -13,5 | -21,1 |
| Centro-Oeste | 82,9 | 101,4 | 51,9 | 51,7 | 31,0 | 49,6 |
| Outros ^{1/} | 15,1 | 11,8 | 0,6 | 0,6 | 14,5 | 11,2 |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Referem-se a operações não classificadas regionalmente.

crescimento da indústria de transformação. No Nordeste, os resultados foram positivos tanto na extrativa quanto na transformação, com destaque para refino de petróleo e álcool, e vestuário e acessórios. No Sul, onde a produção indústria cresceu 0,3%, esses dois segmentos também se destacaram. No Norte, o crescimento da produção no segmento de refino de petróleo e álcool não foi suficiente para compensar as contrações em outras atividades, em especial, madeira, celulose, papel e produtos de papel e metalurgia básica.

A taxa de desemprego, consideradas as seis maiores regiões metropolitanas do país, manteve-se em patamares historicamente baixos, situando-se em 5,2% no trimestre dezembro/fevereiro, com o resultado do Sudeste sendo o principal determinante desse desempenho. No Nordeste, onde o desemprego tem recuado, a taxa atingiu 6,1% no trimestre dezembro/fevereiro, e no Sul aumentou para 3,8%.

Ainda sobre o mercado de trabalho, dados do Caged/MTE, refletindo o padrão sazonal, indicaram a eliminação de 344,6 mil empregos formais no país no trimestre encerrado em fevereiro. A diminuição de postos foi mais intensa no Sudeste, 202,7 mil. A eliminação de postos de trabalho foi generalizada entre os setores, cabendo assinalar a criação de vagas apenas nos segmentos de serviços no Centro-Oeste e indústria de transformação no Sul.

No âmbito fiscal, o *superavit* primário de governos estaduais e principais municípios alcançou R\$23,9 bilhões em 2012, valor 38,2% inferior ao registrado em 2011. No Centro-Oeste, houve aumento de R\$510 milhões na geração de *superavit* primário, compensando parcialmente as reduções no Sudeste, R\$9,59 bilhões, Sul, R\$3,43 bilhões, Nordeste, R\$1,43 bilhão e Norte, R\$808 milhões. Por sua vez, o endividamento líquido do conjunto das entidades subnacionais elevou-se 10,2% no ano, situando-se em R\$541,72 bilhões, com destaque para as variações anuais de -6,5% e 14,2%, no Norte e Nordeste, respectivamente.

A balança comercial brasileira foi deficitária em R\$5,2 bilhões no primeiro trimestre de 2013, refletindo a redução de 7,7% nas exportações e o aumento de 6,3% das importações. O Norte e o Centro-Oeste expandiram suas vendas externas no período e obtiveram *superavit*, refletindo o desempenho de produtos básicos, principalmente minério de ferro e milho. O comércio exterior do Sudeste, embora favorecido pelo aumento das vendas de minério de ferro e de produtos semimanufaturados, foi deficitário e repercutiu, sobretudo, a retração nas vendas de óleos brutos de petróleo

Tabela 6.10 – IPCA
Variação trimestral^{1/}

| Discriminação | Peso | 2012 | | | | 2013 | % |
|--------------------|-------|------|------|------|------|-------|---|
| | | Mar | Jun | Set | Dez | Mar | |
| IPCA | | | | | | | |
| Brasil | 100,0 | 1,22 | 1,08 | 1,42 | 1,99 | 1,94 | |
| Norte | 4,2 | 1,62 | 1,44 | 1,66 | 3,36 | 2,45 | |
| Nordeste | 14,8 | 1,27 | 1,18 | 1,55 | 2,36 | 2,19 | |
| Sudeste | 57,6 | 1,32 | 1,01 | 1,33 | 1,79 | 1,96 | |
| Sul | 16,3 | 0,90 | 1,26 | 1,46 | 1,93 | 1,60 | |
| Centro-Oeste | 7,1 | 0,90 | 0,75 | 1,48 | 2,19 | 1,74 | |
| Livres | | | | | | | |
| Brasil | | 1,33 | 1,12 | 1,68 | 2,28 | 2,89 | |
| Norte | | 1,83 | 1,39 | 1,32 | 3,91 | 3,90 | |
| Nordeste | | 1,32 | 1,08 | 1,93 | 2,66 | 3,02 | |
| Sudeste | | 1,42 | 1,08 | 1,63 | 2,07 | 2,93 | |
| Sul | | 0,99 | 1,39 | 1,73 | 2,13 | 2,51 | |
| Centro-Oeste | | 1,09 | 0,81 | 1,61 | 2,37 | 2,50 | |
| Monitorados | | | | | | | |
| Brasil | | 0,91 | 0,94 | 0,62 | 1,12 | -1,07 | |
| Norte | | 0,84 | 1,59 | 2,92 | 1,34 | -3,01 | |
| Nordeste | | 1,10 | 1,50 | 0,25 | 1,28 | -0,78 | |
| Sudeste | | 1,07 | 0,83 | 0,50 | 0,97 | -0,98 | |
| Sul | | 0,61 | 0,87 | 0,58 | 1,32 | -1,38 | |
| Centro-Oeste | | 0,29 | 0,54 | 1,06 | 1,63 | -0,63 | |

Fonte: IBGE e BCB

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

e o crescimento nas aquisições de gás natural. O comércio externo do Sul também foi deficitário, sensibilizado em parte pela redução nas exportações de soja e fumo, e pelo aumento das importações de matérias primas e produtos intermediários.

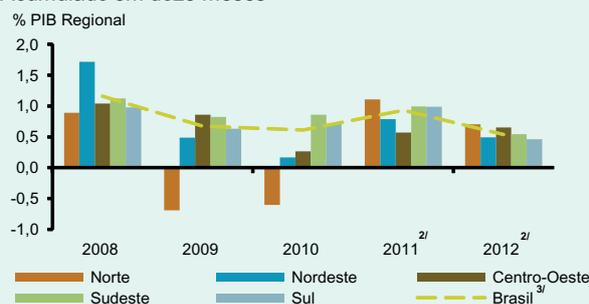
O IPCA variou 1,94% no primeiro trimestre deste ano, ante 1,99% no último trimestre de 2012, reflexo de maior variação dos preços livres, em particular da aceleração dos preços da alimentação, atenuada pela moderação dos preços monitorados, com destaque para a redução da tarifa de energia elétrica em todas as regiões. À exceção do Sudeste, as variações regionais do IPCA moderaram no primeiro trimestre de 2013 em relação ao anterior, com percentuais que situaram entre 1,60%, no Sul, a 2,45% no Norte, região em que o peso do grupo alimentação é mais alto.

Em síntese, a expansão da atividade econômica no início deste ano atingiu todas as regiões do país, implicando variações positivas dos IBCRs no trimestre encerrado em fevereiro. A magnitude desse movimento decorreu, sobretudo, da maior ou menor relevância na economia regional, da indústria e da agropecuária, setores que se mostraram mais dinâmicos. As vendas do comércio cresceram em todas as regiões, não obstante certa moderação relativamente ao ritmo observado ao longo de 2012. A expansão do comércio se mostra consistente com a expansão do crédito, do emprego e da renda. Houve, ainda, no trimestre encerrado em fevereiro, recuo no saldo da balança comercial em todas as regiões, explicado em parte pela demanda ainda frágil em importantes parceiros comerciais.

Evolução das Finanças dos Governos Regionais

Gráfico 1 – Governos regionais: *superavit* primário^{1/}

Acumulado em doze meses

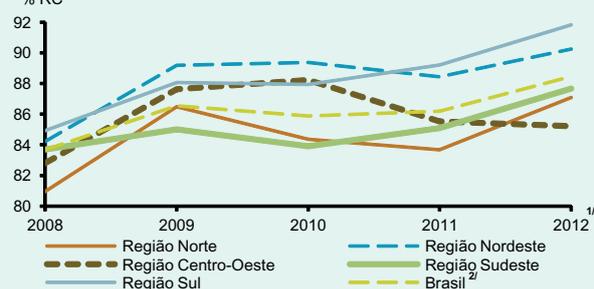


1/ (+) Superávit; (-) Déficit.

2/ PIB regional estimado.

3/ Resultado fiscal primário das regiões / PIB Nacional.

Gráfico 2 – Governos estaduais e de capitais: razão entre despesas correntes e receitas correntes (RC)

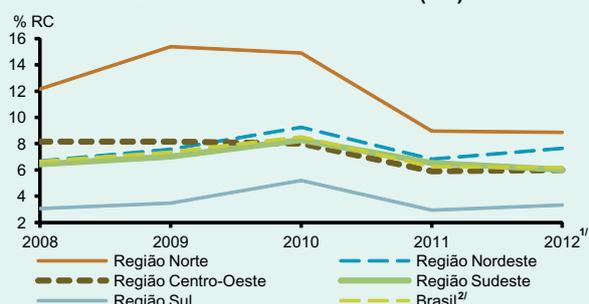


Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

1/ Últimos 12 meses disponíveis para cada Estado e/ou Capital.

2/ Despesas correntes / RC das regiões.

Gráfico 3 – Governos estaduais e de capitais: razão entre investimentos e receitas correntes (RC)



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

1/ Últimos 12 meses disponíveis para cada Estado e/ou Capital.

2/ Investimentos / RC das regiões.

Este boxe considera as finanças regionais do país desagregadas por macrorregiões¹ e analisa as trajetórias dos respectivos resultado primário, serviço da dívida e endividamento. São apresentadas, ainda, estimativas para a margem de contratação de novas operações de crédito por região.

As trajetórias da relação entre o *superavit* primário e o Produto Interno Bruto (PIB)² referentes aos governos regionais encontram-se no Gráfico 1. Ressalte-se que o indicador registrou recuo generalizado em 2012, exceto no Centro-Oeste, onde aumentou 0,08 p.p., para 0,65%. A Região Norte registrou o maior *superavit* (0,71% do PIB) e a Região Sul, o menor (0,46% do PIB), resultado de variações anuais de 0,4 p.p. e 0,52 p.p.

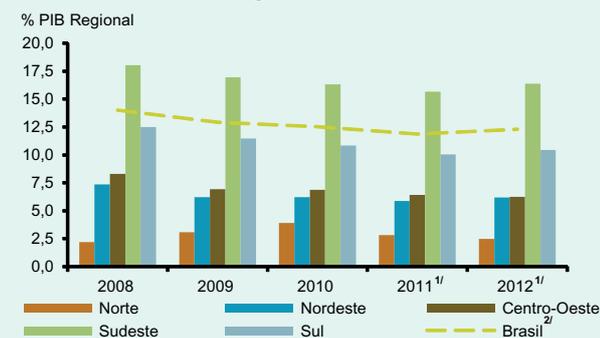
A relação entre despesas correntes e receitas correntes, inclusive transferências, dos estados e municípios de capitais, aumentou 2,3 p.p. em 2012, para 88,5%, conforme o Gráfico 2. O indicador aumentou em todas as regiões, exceto no Centro-Oeste, onde ocorreu recuo de 0,3 p.p., para 85,2%. As proporções mais elevadas registraram-se no Sul, 91,8%, e no Nordeste, 90,2%.

A razão entre as despesas com investimentos e as receitas correntes reduziu-se 0,05 p.p., para 6,2%, em 2012, atingindo o patamar mais elevado no Norte, 8,9%, e o mais reduzido no Sul, 3,3% (Gráfico 3).

1/ São considerados, em cada região, os governos estaduais, as respectivas capitais e uma amostra representativa dos demais municípios. O Boxe “Evolução das Finanças dos Governos Regionais”, publicado no Relatório de Inflação de março de 2013, analisa as finanças regionais de forma consolidada.

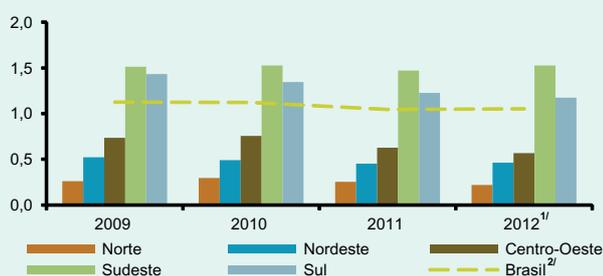
2/ A variação do Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR) foi utilizado como proxy para o crescimento real do PIB em 2011 e 2012. Sobre o IBCR, vide Boxe do Boletim Regional de outubro de 2012 publicado pelo Banco Central do Brasil.

Gráfico 4 – Governos regionais: dívida líquida



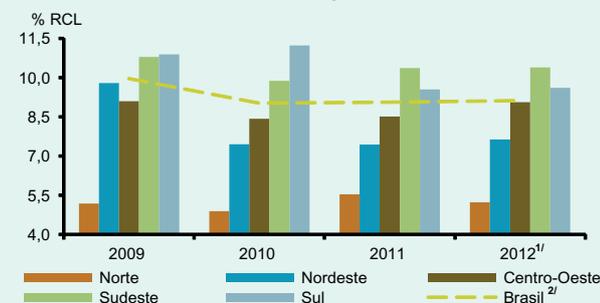
1/ PIB regional estimado.
2/ Dívida líquida das regiões / PIB Nacional.

Gráfico 5 – Governos estaduais: relação entre a dívida consolidada líquida e a receita corrente líquida



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional
1/ Posição de ago/2012 para o Estado de Mato Grosso.
2/ DCL / RCL das regiões.

Gráfico 6 – Governos estaduais: relação entre o serviço da dívida e a receita corrente líquida



Fontes: Secretaria do Tesouro Nacional.
1/ Últimos 12 meses disponíveis para cada Estado.
2/ Serviço da dívida / RCL das regiões.

A trajetória recente da relação entre o endividamento líquido e o PIB encontra-se no Gráfico 4, ressaltando-se que o indicador relativo ao Sudeste registrou o maior aumento anual (0,7 p.p.) e atingiu 16,4% em 2012. Em oposição, ocorreram recuos anuais respectivos de 0,3 p.p. e 0,2 p.p.³ no Norte e no Centro-Oeste.

A análise da relação entre a Dívida Consolidada Líquida (DCL) e a Receita Corrente Líquida (RCL)⁴, no âmbito dos governos dos estados, revela que o indicador do Sudeste, repetindo a trajetória da razão entre a dívida líquida e o PIB, registrou, em 2012, a elevação mais acentuada entre todas as regiões, 1,53 p.p. (Gráfico 5).

Ainda considerando os governos estaduais, a relação entre as despesas com o serviço da dívida e a receita corrente líquida registrou, em 2012, valores mais elevados nas regiões Sudeste, 10,4%, e Sul, 9,6%, conforme o Gráfico 6. Ressalte-se que, para a contratação de novas operações de crédito, o comprometimento anual com o serviço da dívida das operações já contratadas e a contratar não pode ultrapassar 11,5% da receita corrente líquida⁵.

A composição do endividamento líquido dos governos regionais foi alterada ao longo dos últimos anos. Nesse sentido, as liberações líquidas de financiamentos junto à rede bancária e a organismos internacionais somaram R\$44,7 bilhões no quadriênio encerrado em 2012 (Gráfico 7), com ênfase nas contratações do Sudeste, R\$18,1 bilhões, e do Nordeste, R\$10,7 bilhões, que responderam, em conjunto, por 64,5% do total.

A estimativa da margem dos estados para endividamento, considerando as regras e limites para novas contratações estabelecidas pela legislação vigente⁶, revela que o Nordeste possui a margem mais ampla para contratação de novas operações, R\$23,2 bilhões, e o Centro-Oeste a menor, R\$4,9 bilhões, conforme o Gráfico 8.

3/ A relação entre o endividamento líquido e o PIB, considerados todos os estados e municípios brasileiros aumentou 0,35 p.p. em 2012, para 11,8%, conforme divulgado na Nota para a Imprensa – Política Fiscal.

4/ Os conceitos de DCL e de RCL encontram-se na Lei de Responsabilidade Fiscal (Lei Complementar nº 101/2000) e na Resolução nº 40/2001, do Senado Federal. A Resolução nº 40/2001 também estabelece o limite de endividamento.

5/ Resolução do Senado Federal nº 43/2001, art. 7º, inciso II.

6/ Simulação semelhante foi feita, de forma consolidada para todos os estados, no Boxe do Relatório de Inflação já citado. Para detalhes sobre os cálculos, ver aquele Boxe.

Gráfico 7 – Governos regionais: liberações líquidas de dívidas bancária e externa de 2009 a 2012

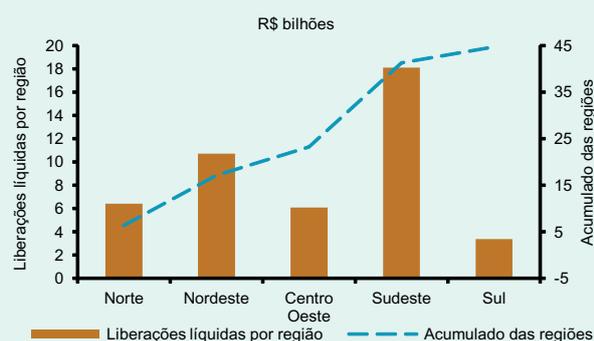


Gráfico 8 – Governos estaduais: simulação de limite para novas operações de crédito

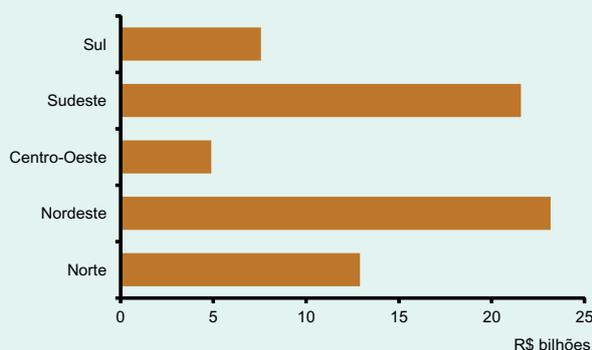
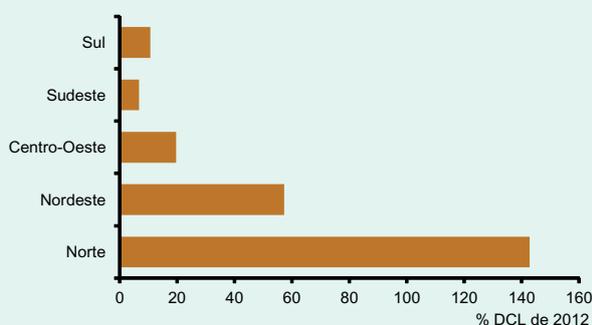


Gráfico 9 – Governos estaduais: simulação de limite para novas operações de crédito



1/ Posição de ago/12 para DCL do Estado de Mato Grosso.

Vale ressaltar que, em termos relativos, as Regiões Norte e Nordeste registram as margens mais elevadas para contratações de novos financiamentos, correspondentes a 143% e 57%, respectivamente, da DCL de dezembro de 2012 (Gráfico 9).

Em linhas gerais, a evolução recente das finanças regionais revela tendência de redução do *superavit* primário, em cenário de aumento de despesas correntes. Em relação ao endividamento, além da tendência recente de elevação, observa-se amplitude acentuada nas relações dívida/PIB regional e dívida/receitas líquidas das distintas regiões do país, com desdobramentos sobre as margens de contratação de novas operações de crédito, relativamente maiores nas Regiões Norte e Nordeste.

Economia Gaúcha: estrutura produtiva e evolução recente

Este boxe analisa a evolução em anos recentes da economia gaúcha¹ e delinea perspectivas, com ênfase na sua estrutura produtiva, *vis-à-vis* a média nacional.

Tabela 1 – PIB e VAB – Rio Grande do Sul

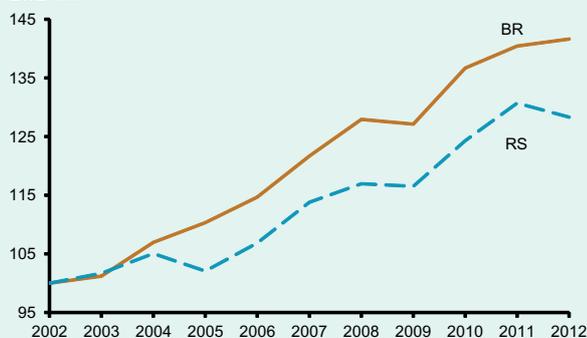
| Discriminação | Variação acumulada no ano | | | Partic. no VAB ^{1/} |
|-----------------------|---------------------------|------|-------|------------------------------|
| | 2010 | 2011 | 2012 | |
| PIB | 6,7 | 5,1 | -1,8 | - |
| Impostos | | - | -1,2 | - |
| VAB | 6,3 | 5,2 | -1,9 | - |
| Agropecuária | 7,9 | 18,7 | -27,6 | 8,6 |
| Indústria | 9,3 | 2,8 | -2,3 | 28,7 |
| Transformação | 8,3 | 2,4 | -4,5 | 20,7 |
| Construção civil | 12,4 | 4,2 | 2,3 | 4,9 |
| Demais indústrias | - | - | 3,4 | 3,1 |
| Serviços | 5,0 | 4,5 | 2,6 | 62,7 |
| Comércio | 12,0 | 5,5 | 1,3 | 12,9 |
| Transportes | 8,5 | 5,7 | 4,3 | 5,5 |
| Aluguéis | 0,9 | 2,6 | 2,5 | 6,5 |
| Administração pública | 3,2 | 3,3 | 3,7 | 15,4 |
| Demais serviços | - | - | 2,3 | 22,4 |

Fonte: FEE

1/ Refere-se à média de 2010 a 2012.

Gráfico 1 – PIB real

2002=100



Fonte: IBGE e FEE

1/ Ver o boxe Estrutura Produtiva e Desempenho Recente da Economia Gaúcha, no Boletim Regional de julho de 2011.

Conforme estimativa da Fundação de Economia e Estatística (FEE), o Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul recuou 1,8% em 2012, ante o crescimento de 0,9% no país. A diferença se explica, em parte, pela quebra da safra de grãos, haja vista que o setor primário é mais relevante para a economia gaúcha do que para a média nacional. Note-se, além disso, o recuo em 2012 da atividade industrial (Tabela 1), que, em grande parte, está direcionada ao setor agropecuário, seja pela produção de insumos e equipamentos, seja pelo processamento de alimentos.

As trajetórias do PIB do país e do estado, de 2002 a 2012, período em que ocorreram taxas médias anuais de crescimento de 3,5% e 2,5%, respectivamente, encontram-se no Gráfico 1 e na Tabela 2.

A composição setorial do Valor Adicionado Bruto (VAB) do estado, a exemplo do observado em nível nacional, se alterou no período. A participação da agropecuária, evidenciando os efeitos das fortes estiagens em 2004, 2005 e 2012, recuou de 10,0%, em 2002, para 7,3%, em 2012, contrastando com aumentos respectivos de 0,7 p.p. e 2,0 p.p. nas representatividades da indústria e do setor de serviços, que atingiram, na ordem, 28,6% e 64,0%, em 2012.

Tabela 2 – Estrutura e taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto por setores de atividade: 2002-2012

| Ano | Participação no VAB | | | | | | Taxa de crescimento anual | | | | | | | | % |
|--------------------|---------------------|------|-----------|------|----------|------|---------------------------|-------|-----------|------|----------|------|------|------|---|
| | Agropecuária | | Indústria | | Serviços | | Agropecuária | | Indústria | | Serviços | | PIB | | |
| | BR | RS | BR | RS | BR | RS | BR | RS | BR | RS | BR | RS | BR | RS | |
| 2002 | 6,6 | 10,0 | 27,1 | 28,0 | 66,3 | 62,0 | 6,6 | -3,5 | 2,1 | 3,2 | 3,2 | 2,4 | 2,7 | 2,0 | |
| 2003 | 7,4 | 12,8 | 27,8 | 28,1 | 64,8 | 59,0 | 5,8 | 16,4 | 1,3 | 0,9 | 0,8 | -0,2 | 1,1 | 1,6 | |
| 2004 | 6,9 | 10,6 | 30,1 | 31,5 | 63,0 | 57,9 | 2,3 | -10,6 | 7,9 | 7,1 | 5,0 | 4,2 | 5,7 | 3,3 | |
| 2005 | 5,7 | 7,1 | 29,3 | 30,3 | 65,0 | 62,6 | 0,3 | -17,4 | 2,1 | -4,1 | 3,7 | 0,2 | 3,2 | -2,8 | |
| 2006 | 5,5 | 9,3 | 28,8 | 28,1 | 65,8 | 62,6 | 4,8 | 50,1 | 2,2 | -2,0 | 4,2 | 3,0 | 4,0 | 4,7 | |
| 2007 | 5,6 | 9,8 | 27,8 | 26,6 | 66,6 | 63,5 | 4,8 | 12,7 | 5,3 | 4,7 | 6,1 | 6,0 | 6,1 | 6,5 | |
| 2008 | 5,9 | 10,5 | 27,9 | 26,5 | 66,2 | 62,9 | 6,3 | -5,4 | 4,1 | 3,0 | 4,9 | 3,3 | 5,2 | 2,7 | |
| 2009 | 5,6 | 9,9 | 26,8 | 29,2 | 67,5 | 60,9 | -3,1 | 2,9 | -5,6 | -7,4 | 2,1 | 2,0 | -0,3 | -0,4 | |
| 2010 | 5,3 | 8,7 | 28,1 | 29,2 | 66,6 | 62,1 | 6,3 | 7,9 | 10,4 | 8,5 | 5,5 | 5,0 | 7,5 | 6,7 | |
| 2011 ^{1/} | 5,5 | 9,8 | 27,5 | 28,5 | 67,0 | 61,7 | 3,9 | 18,8 | 1,6 | 2,5 | 2,7 | 5,2 | 2,7 | 5,1 | |
| 2012 ^{1/} | 5,2 | 7,3 | 26,3 | 28,7 | 68,5 | 64,0 | -2,3 | -27,6 | -0,8 | -2,3 | 1,7 | 2,6 | 0,9 | -1,8 | |
| Acumulado | | | | | | | 41,4 | 26,9 | 33,9 | 13,7 | 47,9 | 39,2 | 45,9 | 30,9 | |
| Média | 5,9 | 9,6 | 28,0 | 28,6 | 66,1 | 61,8 | 3,2 | 2,2 | 2,7 | 1,2 | 3,6 | 3,1 | 3,5 | 2,5 | |

Fontes: IBGE e FEE

1/ Para o RS, estimativos preliminares da FEE.

Tabela 3 – Participação do RS na produção nacional de culturas permanentes

| Itens selecionados | % | |
|--------------------|------|------|
| Itens | 2002 | 2011 |
| Erva-mate | 46,8 | 61,5 |
| Fruticultura | | |
| Caqui | 15,0 | 21,9 |
| Figo | 46,9 | 42,9 |
| Maçã | 40,5 | 47,4 |
| Pera | 46,3 | 47,5 |
| Pêssego | 51,0 | 58,2 |
| Marmelo | 27,6 | 28,5 |
| Uva | 49,6 | 53,8 |
| Tangerina | 13,3 | 15,6 |
| Noz (fruto Seco) | 48,8 | 38,9 |

Fonte: IBGE

A estrutura agrícola do Rio Grande do Sul, considerada a Produção Agrícola Municipal (PAM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), concentra-se em culturas temporárias, que responderam por 91,7% do valor da produção em 2011, ante 79,8% em âmbito nacional (aumentos, na ordem, de 2,4 p.p. e 1,8 p.p. em relação a 2002). Vale destacar as trajetórias, no período, da representatividade da produção de erva-mate e de frutas típicas de clima temperado (Tabela 3).

A safra de grãos do estado representou 12,0% da nacional em 2012 (Tabela 4), ante 17,4% em 2002. Esse movimento refletiu, fundamentalmente, a retração de 35,5% na produção gaúcha no último ano, especialmente de soja, 48,8%; milho, 45,4%; trigo, 31,9%; feijão, 30,9%; e arroz, 14%. Ocorreu no período 2002/2012, expansão da participação do estado na produção nacional de arroz, de 52,3% para 67,6%, e trigo, de 38,5% para 42,7%. Vale mencionar, ainda, que a produção de milho representou cerca de 10% do valor da safra agrícola do estado no quinquênio 2007-2011; e que parte da área destinada ao plantio de feijão passou a ser utilizada pelos cultivos de soja e milho.

Para 2013, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de março, do IBGE, está prevista a expansão de 49,3% na

Tabela 4 – Principais produções agrícolas – RS

| Discriminação | Variação da produção 2012/2002 | | RS/BR 2012 |
|-----------------|--------------------------------|-------------|---------------|
| | % | | |
| | Acumulada | Média anual | |
| Grãos | 14,9 | 1,4 | 12,0 |
| Arroz | 40,4 | 3,5 | 67,6 |
| Milho | -19,1 | -2,1 | 4,4 |
| Feijão | -41,4 | -5,2 | 3,0 |
| Soja | 6,0 | 0,6 | 9,0 |
| Trigo | 65,7 | 5,2 | 42,7 |
| Outras lavouras | | | |
| Fumo | 16,8 | 1,6 | 49,5 |
| Mandioca | -6,6 | -0,7 | 4,9 |
| Uva | 47,4 | 4,0 | 57,7 |
| Maçã | 79,0 | 6,0 | 46,4 |

Fonte: IBGE

Tabela 5 – Principais produtos da pecuária – RS

Quantidade produzida

| Discriminação | Variação 2012/2002 | | RS/BR 2012 |
|----------------------------|--------------------|-------------|---------------|
| | % | | |
| | Acumulada | Média anual | |
| Carnes (peso das carcaças) | | | |
| Aves | 40,7 | 3,5 | 12,8 |
| Suínos | 81,6 | 6,2 | 20,8 |
| Bovinos | 86,7 | 6,4 | 5,7 |
| Ovos (em dúzias) | 72,8 | 5,6 | 7,8 |
| Leite (em litros) | 126,3 | 8,5 | 16,0 |

Fonte: IBGE

Tabela 6 – Valor real da produção pecuária – RS

| Anos | Variação % anual | | | | | |
|-----------|------------------|------|--------|------|-------|-------|
| | Bovinos | Aves | Suínos | Ovos | Leite | Total |
| 2008 | 11,8 | 18,7 | 28,0 | 11,2 | 8,5 | 17,5 |
| 2009 | 1,1 | -6,0 | -25,0 | -3,8 | 0,5 | -7,2 |
| 2010 | 24,8 | 1,1 | 13,5 | -1,2 | 2,5 | 5,3 |
| 2011 | 5,1 | 0,8 | 0,3 | 1,6 | 6,0 | 3,3 |
| 2012 | 0,1 | 3,7 | -1,3 | 10,0 | 7,5 | 5,0 |
| Média | 8,2 | 3,4 | 1,5 | 3,4 | 4,9 | 4,5 |
| Acumulado | 48,4 | 28,2 | 7,8 | 18,2 | 27,3 | 24,5 |

Fontes dos dados primários: IBGE, Emater/RS e Iepe

Nota: dados corrigidos pelo IGP-DI.

2/ Estimada a partir da produção, divulgada pelo IBGE, multiplicada pelos preços, informados pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe), deflacionada pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

3/ A atual configuração da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) Regional teve início em 2004.

4/ Considerada a PIM-PF Regional.

5/ Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), entre 2005 e 2012, a importação brasileira de pares de calçados cresceu 110,8%. Houve queda das importações apenas em 2009 e 2010, anos impactados pela crise financeira internacional. No mesmo período, considerando o número de pares de calçados, as exportações gaúchas caíram 81,1%.

6/ Detém participação significativa na produção industrial de outros produtos químicos: produtos químicos inorgânicos, produtos químicos orgânicos e resinas e elastômeros.

produção de grãos do estado, que corresponderia a 15,9% da nacional, destacando-se as altas projetadas para as safras de soja, milho, e trigo.

Os principais produtos da pecuária (Tabela 5) registraram desempenho positivo no período em análise, com ênfase no aumento médio anual de 8,5% na produção de leite, que representou 16,0% da nacional em 2012.

O valor estimado para a produção real da agropecuária² registrou aumento anual médio de 4,5% de 2008 a 2012, destacando-se a elevação 8,2% na produção de bovinos, influenciada pelo crescimento anual de 24,8% em 2010 (Tabela 6). O valor real da produção de leite cresceu 4,9% no período, seguindo-se as expansões relativas aos itens aves e ovos, ambas de 3,4%, e suínos, 1,5%.

A produção da indústria gaúcha recuou 4,5% em 2012, ante 2,5% em âmbito nacional, e respondeu por 8,0% da produção do país. Nove das catorze atividades acompanhadas registraram declínio, mais intenso em alimentos, 9,7%, e em veículos, 17,3%. Ocorreram aumentos nas indústrias de máquinas e equipamentos, 12,9%, e refino de petróleo e álcool, 1,8%.

A evolução das principais atividades industriais do estado, de 2004 a 2012³, encontra-se na Tabela 7⁴. Destaca-se o recuo na representatividade de calçados e artigos de couro, em linha com a redução das exportações do setor e o aumento das importações⁵. As atividades veículos e máquinas e equipamentos registraram aumentos médios anuais respectivos de 5,6% e 5,1%, e a indústria de calçados, a redução mais significativa, 6,7%.

Conforme o Gráfico 2, note-se o desempenho da atividade máquinas e equipamentos, impulsionada pelo dinamismo do segmento máquinas agrícolas⁶,

Tabela 7 – Estrutura da produção industrial – RS
Principais produtos^{1/}

| Atividades | Pesos | | Cresc.2004-2012 | |
|-------------------------------------|---------------|-----------|-----------------|-------|
| | 2012 | 2012-2004 | Acum. | Anual |
| | Dif.(em p.p.) | | | |
| Alimentos | 16,8 | 0,1 | 7,1 | 0,7 |
| Máquinas e equipamentos | 11,8 | 1,8 | 64,8 | 5,1 |
| Veículos | 11,5 | 5,0 | 71,8 | 5,6 |
| Outros produtos químicos | 10,9 | -1,6 | 9,4 | 0,9 |
| Petróleo e álcool | 10,5 | 9,4 | 21,0 | 1,9 |
| Calçados, artigos de couro | 7,4 | -7,1 | -49,8 | -6,7 |
| Produtos de metal | 5,6 | -0,1 | 9,8 | 0,9 |
| Fumo | 5,5 | -0,7 | -18,6 | -2,0 |
| Bebidas | 5,5 | 2,6 | 21,3 | 2,0 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 4,5 | 0,2 | 31,9 | 2,8 |
| Borracha e plástico | 3,3 | -3,4 | -20,6 | -2,3 |
| Móveis | 2,5 | -0,6 | 12,2 | 1,2 |

Fonte: IBGE

1/ Pesos conforme PIM PF regional de dezembro de 2012.

Gráfico 2 – Faturamento real da indústria

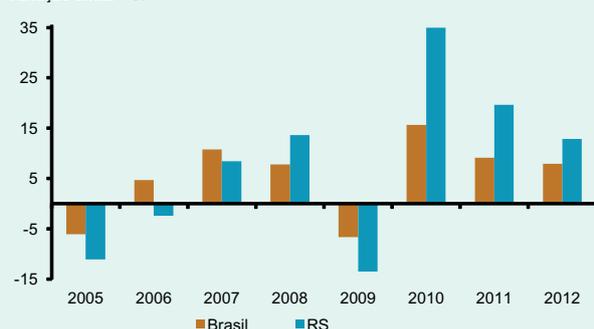
Varição em doze meses



Fonte: Fiergs

Gráfico 3 – Vendas de material de construção

Varição anual – %



Fonte: IBGE

cujo faturamento real aumentou 43% no triênio encerrado em 2012, ante expansão de 5,0% na indústria de transformação, de acordo com a Federação da Indústria do Rio Grande do Sul (Fiergs).

O comércio varejista gaúcho, repetindo o resultado do país, apresentou crescimento médio anual de 8,6% no triênio encerrado em 2012, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE (Tabela 8). Essa evolução foi favorecida pela contribuição média anual de 3,6 p.p. do segmento hipermercados, supermercados, que detém participação de 46,8% no indicador, e pelas expansões anuais médias respectivas de 13,7% e 10,2% nos segmentos móveis e eletrodomésticos, e artigos farmacêuticos. O comércio ampliado no estado cresceu acima da média nacional no período, destacando-se o crescimento anual de 22,2% nas vendas de materiais de construção, ante 10,9% no Brasil (Gráfico 3). Essa diferença de desempenho pode ser explicada, em parte, pelo dinamismo da construção no estado, com acréscimos de 19,8% no VAB e 29,7% no emprego formal, ante variações respectivas de 17,3% e 20,6% em nível nacional.

As exportações e as importações do Rio Grande do Sul recuaram, na ordem, 10,5% e 1,9%, em 2012, conforme a Tabela 9. Note-se ainda o maior grau de abertura da economia gaúcha, definido como a relação entre a soma das exportações e das importações, e o PIB, relativamente à nacional.

Destacaram-se, no ano, as retrações nas vendas de soja, 24,2%; polímeros de etileno, 11,3%; calçados, 33,2%, e couros e peles, 22,9%, que representaram, na ordem, 20,6%, 5,8%, 2,2% e 2,1% do total. Em relação aos países de destino, ressaltam-se os recuos nas exportações para a Argentina, 22,1%, e China, 15,4%, principais mercados do estado.

No âmbito das importações, destacaram-se as retrações anuais nas aquisições de naftas, 18,6%; e petróleo em bruto, 2,4%; e o aumento na relativa a veículos de carga, 20,5%, que representaram, na ordem, 15,6%, 18,0% e 7,5% do total. As compras provenientes da Argentina, China, Nigéria e Estados

Tabela 8 – Volume de vendas do comércio varejista do RS: 2010-2012

| Discriminação | Variação % a.a. | |
|---|-----------------|------|
| | Brasil | RS |
| Comércio varejista | 8,6 | 8,6 |
| Combustíveis e lubrificantes | 5,0 | 3,7 |
| Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo | 7,1 | 7,7 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 5,8 | 8,4 |
| Móveis e eletrodomésticos | 15,7 | 13,7 |
| Artigos farmacêuticos, médico, ortopédico e de perfumaria | 10,6 | 10,2 |
| Comércio ampliado | 8,9 | 9,3 |
| Veículos, motos, partes e peças | 9,1 | 7,8 |
| Material de construção | 10,9 | 22,2 |

Fonte: IBGE

Tabela 9 – Comércio exterior

| Ano | Variação anual | | | | Grau de abertura ^{1/} | |
|------|----------------|-------|-------------|-------|--------------------------------|------|
| | Exportações | | Importações | | RS | BR |
| | RS | BR | RS | BR | | |
| 2008 | 22,9 | 23,2 | 42,8 | 43,4 | 38,5 | 28,5 |
| 2009 | -17,5 | -22,7 | -34,8 | -26,2 | 19,9 | 15,1 |
| 2010 | 1,0 | 32,0 | 40,2 | 42,3 | 19,0 | 17,0 |
| 2011 | 26,3 | 26,8 | 17,9 | 24,5 | 24,9 | 23,4 |
| 2012 | -10,5 | -5,3 | -1,9 | -1,4 | 25,7 | 24,4 |

Fontes: MDIC, IBGE e FEE

1/ Relação das exportações e importações com o PIB.

Tabela 10 – Exportações do Rio Grande do Sul – 2012

Itens selecionados

| Discriminação | Valor (US\$ milhões) | Var. anual % | Partic. |
|------------------------------|-------------------------|-----------------|---------|
| | | | % |
| Agrícola e pecuária | 2 696 | -26,6 | 15,5 |
| Indústria de transformação | 14 115 | -8,6 | 81,2 |
| Alimentos e bebidas | 4 411 | -9,9 | 25,4 |
| Fumo | 2 204 | 17,3 | 12,7 |
| Produtos químicos | 2 045 | -12,5 | 11,8 |
| Máquinas e equipamentos | 1 628 | -13,9 | 9,4 |
| Veículos | 914 | 4,6 | 5,3 |
| Couros e calçados | 882 | -28,6 | 5,1 |
| Produtos de metal | 330 | -3,9 | 1,9 |
| Móveis e indústrias diversas | 311 | -3,0 | 1,8 |
| Borracha e plástico | 307 | -11,3 | 1,8 |

Fonte: MDIC

Unidos da América (EUA) somaram, em conjunto, 56,3% das importações anuais do estado.

Considerando o intervalo de 2002 a 2012, as exportações gaúchas apresentaram aumento médio anual de 10,5% no período, ante 14,9% no país. A participação de produtos básicos, com predominância de *commodities* agrícolas, cresceu 15,6 p.p., para 48,6%, e a dos manufaturados recuou 10,6 p.p., para 43,7%. As importações elevaram-se 15,8%, em média, no período, ante 16,8% no país, com ênfase na representatividade média de 47% das compras de produtos intermediários. Nesse cenário, conforme os Gráficos 4 e 5, o *superavit* comercial e as representatividades dos fluxos externos do estado registraram trajetórias declinantes no período.

A economia gaúcha gerou, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), 67,6 mil empregos formais em 2012, ante 108,8 mil em 2011, dos quais 40,7 mil no setor de serviços (Tabela 12). No período de 2002 a 2012, destacaram-se os aumentos no número de empregos formais nas atividades construção civil, 74,4%, comércio, 70%, e serviços, 56,1%, e em atividades específicas da indústria de transformação, a exemplo de material de transporte, 77,7%; mecânica, 66,7%; e metalurgia, 60,8%.

O dinamismo do mercado de trabalho se traduziu na evolução da taxa de desemprego da região metropolitana de Porto Alegre (RMPA), que, em declínio a partir de 2007, mantém-se em patamar inferior à média das regiões consideradas na Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE e atingiu 4,0% ao final de 2012 (Gráfico 6). Favorecido, adicionalmente, pela redução da inflação, o índice de miséria⁷ registrou trajetórias declinantes, na RMPA e no Brasil, nos últimos anos (Gráfico 7).

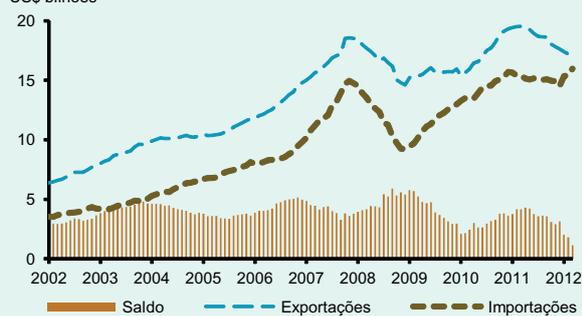
O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no estado atingiu R\$151,5 bilhões ao final de 2012, elevando-se 16,4% no ano. As operações junto às pessoas físicas e às

7/ Índice criado pelo economista Arthur Okun. In: Dornbusch, Rudiger; Fischer, Stanley. Macroeconomia. 2.ed. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1991. Corresponde à soma dos índices de inflação e desemprego. Para o cálculo, utilizou-se o IPCA acumulado em doze meses e a taxa de desemprego aberto da PME do IBGE, dessazonalizada.

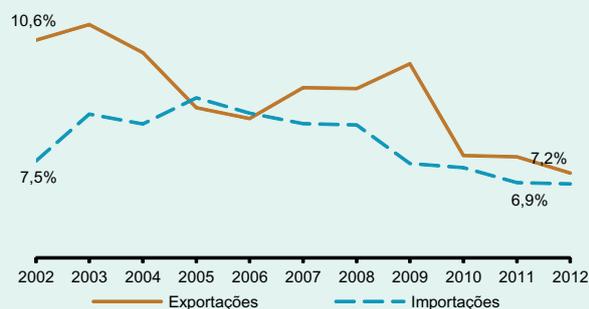
Gráfico 4 – Balança Comercial – RS

Acumulado em 12 meses

US\$ bilhões



Fonte: MDIC

Gráfico 5 – Representatividade das exportações e importações do RS no Brasil

Fonte: MDIC

Tabela 11 – Importações do Rio Grande do Sul – 2012

Itens selecionados

| Discriminação | Valor (US\$ milhões) | Var. anual % | Partic. % |
|------------------------|-------------------------|-----------------|--------------|
| Petróleo em bruto | 2 759 | -2,4 | 18,0 |
| Naftas | 2 394 | -18,6 | 15,6 |
| Automóveis | 1 479 | 2,2 | 9,6 |
| Veículos de carga | 1 158 | 20,5 | 7,5 |
| Abugos e fertilizantes | 488 | -0,8 | 3,2 |

Fonte: MDIC

jurídicas representaram, na ordem, 53,5% e 46,5% do total, destacando-se, no primeiro segmento, as participações das carteiras de crédito imobiliário, empréstimos com consignação em folha de pagamento, financiamentos para aquisição de veículos e rurais e agroindustriais (investimento e capital de giro). No âmbito das pessoas jurídicas, ressaltou-se a relevância dos créditos direcionados à indústria de alimentos, comércio atacadista, comércio de outros produtos e transporte rodoviário de carga (Gráfico 8).

Observe-se que o saldo das operações de crédito mencionadas aumentou 262,4%, no estado, de 2005 a 2012 (Gráfico 9).

A razão entre a dívida líquida do governo estadual e o PIB atingiu 17,5% em 2012 (Gráfico 10). O aumento de 0,8 p.p. em relação a 2011, interrompendo uma sequência de seis recuos anuais, resultou tanto da retração do produto, quanto da contratação de novas operações⁸. A dívida consolidada líquida (DCL), embora registre tendência declinante a partir de 2007, situou-se em patamar superior ao limite de 200% da receita corrente líquida (RCL), estabelecido pelas Resoluções nº 40 e 43 do Senado Federal (Gráfico 11).

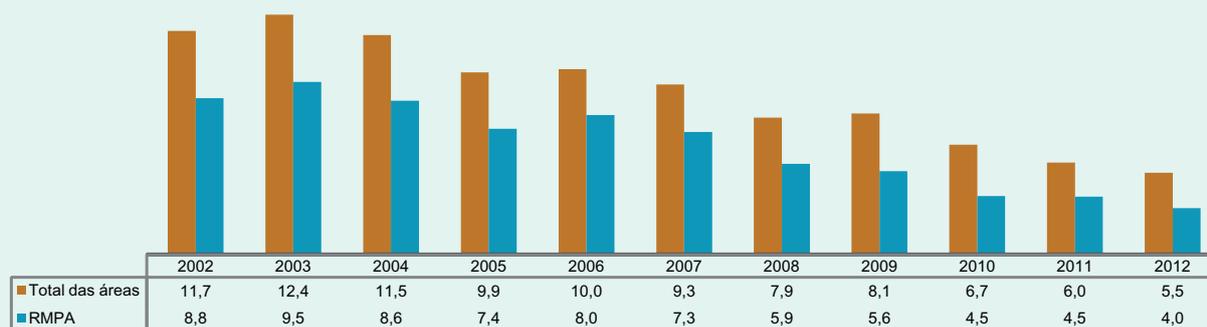
A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), principal tributo do estado, aumentou 9,6% em 2012. Ressalte-se que essa receita, deflacionada pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), cresceu 37,8% na última década, ante expansão de 28,3% do PIB estadual (Gráfico 12).

A Rede Nacional de Informações sobre o Investimento (Renai) do MDIC divulgou, no relatório do primeiro semestre de 2012, inversões da ordem de US\$2,3 bilhões no estado (Quadro 1). Adicionalmente, o BNDES aprovou financiamento de R\$381 milhões para o Grupo CEEE⁹, para obras

8/ Ocorreram ingressos parciais de US\$32,5 milhões do Bird; US\$125 milhões do BID; R\$314 milhões do Banco BNDES; e R\$300 milhões do Banco do Brasil. Os valores totais contratados são de US\$480 milhões com o Bird, para financiamento do Programa de Apoio à Retomada do Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (Proredes); US\$200 milhões com o BID, referente à operação do Procofins; R\$1.085 milhões com o BNDES, também do Proredes, e R\$785 milhões com o Banco do Brasil, no âmbito do programa Proinveste.

9/ Composto pela Companhia Estadual de Energia Elétrica Participações - CEEE-Par; Companhia Estadual de Geração e Transmissão de Energia Elétrica - CEEE-GT; e, Companhia Estadual de Distribuição de Energia Elétrica - CEEE-D.

Gráfico 6 – Taxa de desemprego aberto
Percentual médio no ano



Fonte: IBGE

Tabela 12 – Emprego formal – RS
Setores e principais subsectores

| Discriminação | Saldo (mil) | | | | | | | | | | | | Dez/2012 | | Var. % 2002-2012 |
|-------------------------------------|-------------|------|-------|-------|------|------|------|------|-------|-------|------|---------------|-------------|-------|------------------|
| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | Estoque (mil) | Particip. % | | |
| Total | 42,7 | 47,7 | 116,8 | 26,3 | 52,1 | 94,3 | 90,6 | 64,2 | 163,3 | 108,8 | 67,6 | 2 988,2 | 100,0 | 38,6 | |
| Serviços | 12,6 | 16,6 | 28,1 | 27,4 | 24,7 | 24,6 | 36,6 | 34,6 | 51,1 | 48,6 | 40,7 | 926,8 | 31,0 | 56,1 | |
| Atividades imobiliárias | 4,1 | 7,6 | 7,7 | 9,4 | 7,4 | 8,4 | 12,0 | 13,4 | 18,4 | 13,1 | 8,6 | 242,7 | 8,1 | 77,6 | |
| Alojamentos, alimentos e manutenção | 3,5 | 4,1 | 7,0 | 6,8 | 8,0 | 8,1 | 11,4 | 11,6 | 16,0 | 15,8 | 13,7 | 230,2 | 7,7 | 80,2 | |
| Transporte e comunicação | 2,3 | 3,6 | 7,2 | 4,2 | 3,1 | 3,0 | 5,2 | 1,9 | 7,4 | 8,0 | 4,2 | 162,0 | 5,4 | 41,7 | |
| Médicos, odontólogos e veterinários | 1,2 | 0,1 | 4,1 | 3,6 | 4,3 | 2,5 | 4,8 | 5,2 | 5,0 | 5,4 | 8,0 | 132,8 | 4,4 | 47,9 | |
| Ensino | 1,4 | 0,4 | 1,8 | 1,7 | 0,1 | 1,6 | 2,0 | 1,9 | 2,4 | 3,8 | 4,2 | 103,1 | 3,5 | 24,0 | |
| Indústria de transformação | 15,9 | 12,3 | 52,2 | -17,1 | 5,7 | 31,9 | 15,0 | -1,8 | 53,1 | 19,3 | 2,1 | 740,0 | 24,8 | 30,4 | |
| Alimentos e bebidas | 3,9 | 3,8 | 8,7 | 5,3 | 3,0 | 7,1 | 5,2 | 3,7 | 5,8 | 6,4 | 0,7 | 140,9 | 4,7 | 54,5 | |
| Calçados | 1,3 | -0,3 | 12,8 | -16,2 | -4,7 | -2,8 | -4,8 | -4,3 | 8,4 | -4,2 | -4,8 | 111,4 | 3,7 | -15,8 | |
| Mecânica | 3,1 | 3,7 | 4,3 | -2,3 | 0,7 | 9,2 | 5,0 | -1,2 | 6,5 | 5,4 | 0,9 | 80,4 | 2,7 | 66,7 | |
| Metalúrgica | 1,9 | 2,5 | 5,4 | -2,0 | 1,7 | 7,0 | 4,0 | -1,9 | 8,2 | 3,3 | 0,8 | 77,0 | 2,6 | 60,8 | |
| Material de transporte | 1,5 | 1,2 | 5,0 | 0,3 | 1,8 | 4,5 | 2,8 | -1,8 | 7,0 | 4,0 | 1,7 | 60,6 | 2,0 | 77,7 | |
| Madeira e mobiliário | 1,8 | 0,5 | 3,4 | -2,0 | 0,1 | 1,4 | 0,3 | 1,0 | 3,4 | 2,7 | 1,6 | 59,8 | 2,0 | 26,0 | |
| Química | 0,9 | 0,6 | 3,4 | 0,4 | 1,4 | 3,0 | -0,0 | 0,2 | 3,9 | 0,2 | 1,1 | 53,7 | 1,8 | 35,5 | |
| Borracha, fumo e couro | 1,5 | -0,2 | 3,5 | -2,1 | -0,0 | -2,0 | -2,4 | 1,4 | 2,4 | -1,0 | 0,1 | 48,3 | 1,6 | -0,6 | |
| Comércio | 14,5 | 14,7 | 28,6 | 18,3 | 19,9 | 27,1 | 29,1 | 22,8 | 41,1 | 29,9 | 18,3 | 606,7 | 20,3 | 70,0 | |
| Varejista | 10,9 | 11,6 | 24,3 | 16,0 | 17,3 | 22,7 | 25,1 | 19,3 | 35,8 | 23,2 | 15,3 | 513,7 | 17,2 | 69,0 | |
| Atacadista | 3,6 | 3,1 | 4,2 | 2,3 | 2,7 | 4,5 | 4,0 | 3,5 | 6,2 | 6,7 | 3,0 | 93,0 | 3,1 | 76,0 | |
| Administração pública | -0,2 | 0,0 | -1,0 | 1,2 | -0,1 | -0,5 | -0,1 | 0,6 | -0,2 | -0,3 | 0,1 | 449,4 | 15,0 | -0,2 | |
| Construção civil | -2,5 | 1,8 | 5,6 | -1,0 | 0,9 | 8,0 | 7,8 | 8,6 | 15,1 | 9,8 | 6,3 | 143,8 | 4,8 | 74,4 | |
| Agropecuária | 2,1 | 1,7 | 2,5 | 2,9 | -0,8 | 2,7 | 0,4 | -0,6 | 0,8 | 0,7 | 0,4 | 83,8 | 2,8 | 8,2 | |
| Extrativa e SIUP | 0,2 | 0,5 | 0,8 | 1,0 | 1,8 | 0,5 | 1,8 | -0,0 | 2,2 | 0,9 | -0,3 | 37,7 | 1,3 | 32,4 | |

Fonte: MTE/Caged e Rais

Gráfico 7 – Índice de miséria
Pontos

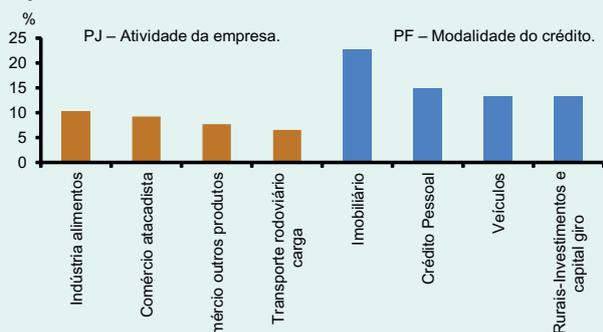


Fonte dos dados primários: IBGE

de distribuição e transmissão de energia elétrica; foi assinado, ainda, protocolo de intenções para a instalação de duas termelétricas em Candiota, com investimento estimado em R\$6,5 bilhões.

A segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC2), contempla investimentos de R\$58,56 bilhões no Rio Grande do Sul, 78,9% dos quais previstos para o período de 2011 a 2014. As inversões em energia, no programa Minha Casa, Minha Vida e em transportes deverão receber, na ordem, 51,2%, 19% e 14,2% dos recursos. Dentre

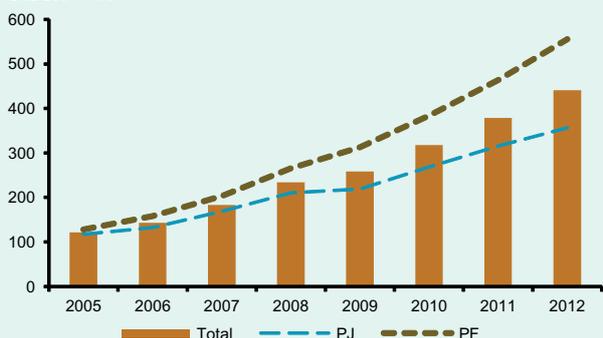
Gráfico 8 – Composição do crédito para pessoa jurídica e pessoa física no RS – Dezembro de 2012



Nota: Operações do SCR.

Gráfico 9 – Evolução das operações de crédito no RS

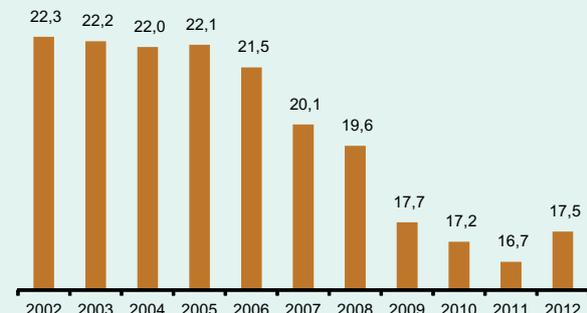
Dez 2004=100



Nota: Operações do SCR.

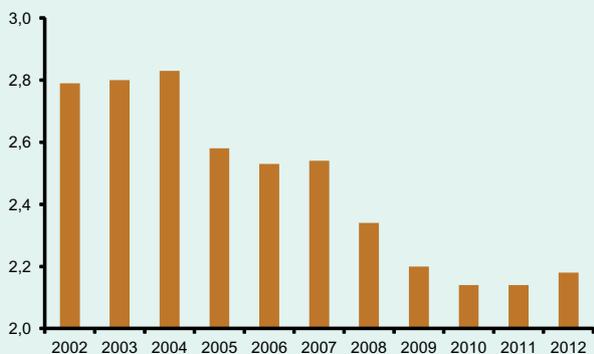
Gráfico 10 – Dívida consolidada líquida – RS

% do PIB



Fontes: STN e FEE

Gráfico 11 – Razão entre a DCL e a RCL – RS

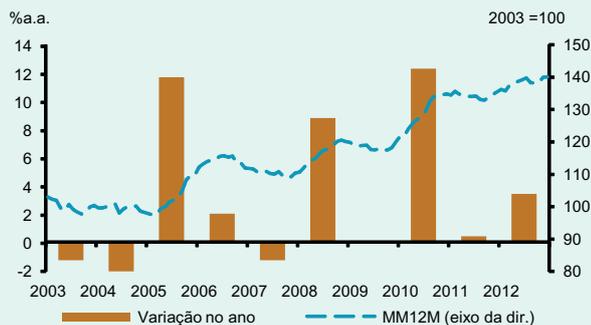


Fonte: STN

esses investimentos, visando basicamente melhorar o escoamento da produção, destaquem-se os recursos, que ultrapassam R\$2,4 bilhões, direcionados às obras de três rodovias do Rio Grande do Sul (BR-448, BR-392 e BR-116). Registre-se, ainda, a evolução positiva da geração de energia eólica, que representa 4,5% da oferta de energia no estado, devendo passar para mais de 10%, haja vista o início de operação de cerca de quarenta parques eólicos nos próximos cinco anos.

As perspectivas para a economia do Rio Grande do Sul em 2013 são positivas, com destaque para a recuperação da agricultura e suas repercussões sobre as indústrias de alimentos e de máquinas agrícolas, e sobre a atividade de transporte.

Gráfico 12 – Arrecadação real de ICMS



Fonte: Confaz
Dados corrigidos pelo IGP-DI.

Tabela 13 – Investimentos anunciados no RS

Posição em junho de 2012

| Empresa | Finalidade | Localização | Valor (US\$ milhões) |
|--------------------------------|---|----------------------|-------------------------|
| Randon | Ampliação | Vários | 594,6 |
| Construtora Norberto Odebrecht | Instalação de parques eólicos | Rio Grande | 223,5 |
| AES Sul | Construção, ampliação e reforma | Vários | 178,4 |
| M Grupo | Shopping, torres comerciais e hotel | Gravataí | 162,2 |
| Westfield Almeida Junior | Construção de shopping center | Canoas | 126,3 |
| Capital Realty | Centro logístico intermodal | Canoas | 117,3 |
| Destro Macroatacado | Centro de distribuição e shopping | Gravataí | 108,1 |
| Shiyan Yunlihong | Veículos comerciais leves e caminhões | Camaquã | 103,4 |
| Nutrifront ^{1/} | Fábrica de derivados do leite | Três de Maio | 75,5 |
| Neugebauer | Fábrica de chocolates | Arroio do Meio | 69,0 |
| Brasília Guaíba | Construção de shopping center | São Leopoldo | 60,6 |
| Impsa | Fábrica de aerogeradores | Várias | 54,6 |
| Nidera Sementes | Terminal portuário e unidade de esmagamento de soja | Canoas | 54,6 |
| Cooperativa Nova Aliança | Ampliação | Flores da Cunha | 45,4 |
| Guerra S.A. Impl. Rodov. | Ampliação e modernização | Vários | 43,4 |
| GJP Participações | Construção de condomínio de casas | Gramado | 30,3 |
| Hyundai Elevators | Implantação de fábrica | São Leopoldo | 30,0 |
| Zaffari Supermercados | Construção de dois supermercados | Porto Alegre | 27,9 |
| Grupo Veja (Solvi) | Construção de termoelétrica | Vários | 25,3 |
| Fitesa (Grupo Petropar) | Ampliação | Gravataí | 20,0 |
| Oxcorp | Construção de estaleiro | Pelotas | 19,1 |
| Forjasul Elektrik (Tramontina) | Ampliação | Carlos Barbosa | 19,1 |
| Walmart | Construção de supermercado | Bagé | 18,0 |
| Farmácia São João | Ampliação e modernização | várias | 15,2 |
| Uniagro | Ampliação | Porto Alegre | 11,7 |
| Camera Agric (Dupont) | Fábrica de biodiesel | Estrela | 11,7 |
| Supermercados Guanabara | Abertura de filiais | Rio Grande e Pelotas | 10,1 |
| Sunchem South Brazil | Fábrica de biocombustíveis | Rio Pardo | 10,1 |
| Tramontina | Fábrica de carrinhos de mão | Carlos Barbosa | 10,1 |
| Lativale ^{1/} | Ampliação | Estrela | 10,0 |
| Rede Ville | Ampliação e modernização de hotel | Porto Alegre | 1,1 |

Fontes: Renai e jornais locais

1/ Valores convertidos para dólares pela cotação de compra de 9.4.2013.

Apêndice

Banco Central do Brasil

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil

Presidente

Alexandre Antonio Tombini

Diretor de Política Econômica

Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo

Chefe do Departamento Econômico

Tulio José Lenti Maciel

Representações Regionais do Departamento Econômico

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belém

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Curitiba

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Fortaleza

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Porto Alegre

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Recife

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Rio de Janeiro

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Salvador

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belém
Chefe de Equipe: Edilson Rodrigues de Sousa

Boulevard Castilhos França, 708 – Centro
Caixa Postal 651
66010-020 – Belém (PA)
E-mail: pa.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte
Chefe de Equipe: Rodrigo Lage de Araújo

Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho
Caixa Postal 887
30170-001 – Belo Horizonte (MG)
E-mail: mg.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Curitiba
Chefe de Equipe: Vanderléia Centenaro

Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico
Caixa Postal 1.408
80530-914 – Curitiba (PR)
E-mail: pr.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Fortaleza
Chefe de Equipe: Afonso Eduardo de Oliveira Jucá

Av. Heráclito Graça, 273 – Centro
Caixa Postal 891
60140-061 – Fortaleza (CE)
E-mail: ce.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Porto Alegre
Chefe de Equipe: Vera Maria Schneider

Rua 7 de setembro, 586 – Centro
Caixa Postal 919
90010-190 – Porto Alegre (RS)
E-mail: rs.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Recife
Chefe de Equipe: Fernando de Aquino Fonseca Neto

Rua da Aurora, 1259 – Santo Amaro
Caixa Postal 1.445
50040-090 – Recife (PE)
E-mail: pe.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Rio de Janeiro
Chefe de Equipe: Lilian Carla dos Reis Arquete

Av. Presidente Vargas, 730 – Centro
Caixa Postal 495
20071-900 – Rio de Janeiro (RJ)
E-mail: rj.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Salvador
Chefe de Equipe: Itamar Marins da Silva

Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina
Caixa Postal 44
40210-901 – Salvador (BA)
E-mail: ba.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo
Chefe: Mauricio Barreto Campos

Av. Paulista, 1804 – Bela Vista
Caixa Postal 8.984
01310-922 – São Paulo (SP)
E-mail: gtspa.depec@bcb.gov.br

Siglas

| | |
|-------------------------|--|
| Abicalçados | Associação Brasileira das Indústrias de Calçados |
| BNDES | Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social |
| BNDESpar | BNDES Participações S. A. |
| Caged | Cadastro Geral de Empregados e Desempregados |
| Cepa | Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola |
| CNC | Confederação Nacional do Comércio |
| Condepe/Fidem | Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco |
| DCL | Dívida consolidada líquida |
| Depec | Departamento Econômico |
| Deral | Departamento de Economia Rural |
| Emater/RS | Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural |
| EUA | Estados Unidos da América |
| Fecomércio Minas | Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais |
| Fecomercio SP | Federação do Comércio do Estado de São Paulo |
| Fecomércio-RS | Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul |
| FEE | Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser |
| Fenabreve | Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores |
| Fenabreve-PR | Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores do Estado do Paraná |
| FGV | Fundação Getúlio Vargas |
| Fieam | Federação das Indústrias do Estado do Amazonas |
| Fiec | Federação das Indústrias do Estado do Ceará |
| Fieg | Federação das Indústrias do Estado de Goiás |
| Fiemg | Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais |
| Fiep | Federação das Indústrias do Estado do Paraná |
| Fiepe | Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco |
| Fiergs | Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul |
| Fiesp | Federação das Indústrias do Estado de São Paulo |
| Finame | Agência Especial de Financiamento Industrial |
| FJP | Fundação João Pinheiro |
| GNL | Gás Natural Liquefeito |
| IBC-Br | Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil |
| IBCR | Índice de Atividade Econômica Regional |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICC | Índice de Confiança do Consumidor |
| ICCBH | Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte |
| Iceb | Indicador de Confiança do Empresariado Baiano |
| Icec | Índice de Confiança do Empresário do Comércio |
| Icec-PR | Índice de Confiança do Empresário da Construção – Paraná |
| Icei | Índice de Confiança do Empresário Industrial |

| | |
|---------------------|---|
| ICF | Intenção de Consumo das Famílias |
| ICMS | Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços |
| IDI | Índice de Desempenho Industrial |
| Iepe | Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas |
| IGP-DI | Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna |
| INC | Índice Nacional de Confiança |
| Indi | Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará |
| Ipardes | Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social |
| IPCA | Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo |
| Ipead | Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais |
| Ipece | Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará |
| IPTU | Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana |
| ISS | Imposto sobre Serviços |
| IVV-Curitiba | Índice de Velocidade das Vendas de Imóveis em Curitiba |
| LSPA | Levantamento Sistemático da Produção Agrícola |
| Mapa | Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento |
| MDIC | Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior |
| MTE | Ministério do Trabalho e Emprego |
| Nuci | Nível de Utilização da Capacidade Instalada |
| p.p. | Pontos percentuais |
| PAC2 | Segunda Fase do Programa de Aceleração do Crescimento |
| PAM | Produção Agrícola Municipal |
| PEA | População Economicamente Ativa |
| PEIC | Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PIM | Pesquisa Industrial Mensal |
| PIM-PF | Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física |
| PMC | Pesquisa Mensal do Comércio |
| PME | Pesquisa Mensal de Emprego |
| RCL | Receita corrente líquida |
| Renai | Rede Nacional de Informações sobre o Investimento |
| RMB | Região Metropolitana de Belém |
| RMBH | Região Metropolitana de Belo Horizonte |
| RMC | Região Metropolitana de Curitiba |
| RMF | Região Metropolitana de Fortaleza |
| RMPA | Região Metropolitana de Porto Alegre |
| RMR | Região Metropolitana do Recife |
| RMRJ | Região Metropolitana do Rio de Janeiro |
| RMS | Região Metropolitana de Salvador |
| RMSP | Região Metropolitana de São Paulo |
| Seab | Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná |
| Secex | Secretaria de Comércio Exterior |
| SEI | Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia |
| SFH | Sistema Financeiro da Habitação |
| SIF | Serviço de Inspeção Federal |
| Sincodiv PR | Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná |
| Sinduscon-PR | Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Paraná |
| SNIC | Sindicato Nacional da Indústria do Cimento |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| VAB | Valor Adicionado Bruto |
| VBP | Valor bruto da produção |